

O REINO DA DIVINA VONTADE EM MEIO ÀS CRIATURAS

Livro

do

Céu

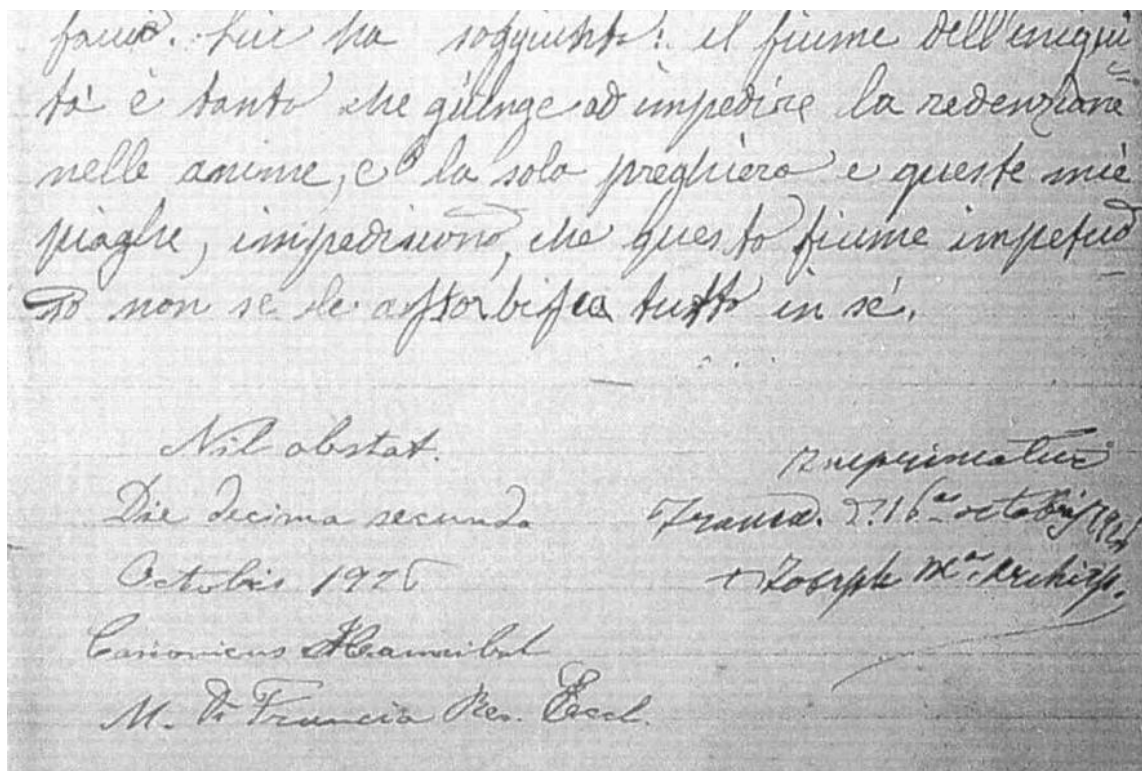
O chamado às criaturas à ordem, ao seu lugar e à finalidade para a qual foram criadas por Deus.

Volume 02

NIHIL OBSTAT
Beato Annibal M. Di Francia.
12 de Outubro de 1926

IMPRIMATUR
Excmo. Sr. Giuseppe M. Leo, Arcebispo da
diocese de Trani – Barletta – Bisceglie
16 Outubro de 1926.

Pode-se imprimir
Arcebispo de Guadalajara Jal.
23 de novembro de 2010
Mons. J. Gpe Ramiro Valdés Sánchez
Vigário Geral



Em anexo a cópia do Nihil Obstat e do Imprimatur postos em um dos volumes.



Queremos consagrar este livro e os frutos
que possam resultar de sua leitura,
à Nossa Mãe Santíssima,
a Rainha do Reino da Divina Vontade.

I. M. I.

2-1

28 de fevereiro de 1899

Por ordem do confessor começo a escrever o que acontece entre Nosso Senhor e eu dia após dia. Ano de 1899, mês de fevereiro, dia 28.

(1) Confesso a verdade, sinto uma grande repugnância, é tanto o esforço que devo fazer para vencer-me, que só o Senhor pode saber o dilaceramento da minha alma. Mas, ó santa obediência, que vínculo tão potente és! Só tu poderias me vencer e superar todas as minhas repugnâncias, que são como montes intransponíveis, e me atas à Vontade de Deus e do confessor. Mas, ó Esposo santo! Por quão grande é o sacrifício, outro tanto tenho necessidade de ajuda, não quero outra coisa senão que me coloques em teus braços e me sustentas. Assim, auxiliada por Ti, poderei dizer apenas a verdade, só para Tua glória e para minha confusão.

(2) Esta manhã, havendo o confessor celebrado a Missa, eu também recebi a Comunhão. Minha mente se encontrava em um mar de confusão por causa dessa obediência que me é dada pelo confessor para escrever tudo o que se passa em meu interior. Assim que recebi Jesus comecei a dizer-Lhe minhas penas, especialmente minha insuficiência e tantas outras coisas, mas parecia que Jesus não dava importância ao que era meu e não respondia a nada. Uma luz me veio à mente e eu disse: "Talvez eu mesma seja a causa pela qual Jesus não se mostra segundo Seu costume". Então com todo meu coração eu disse a Ele: "Ah! Meu bem e meu tudo, não te mostres tão indiferente comigo, me despedaças o coração pela dor, se é por causa do que está escrito, venha, que venha, mesmo que me custe o sacrifício da vida, prometo fazê-lo". Então Jesus mudou o aspecto e todo benigno me disse:

(3) "O que temes? Não te ajudei nas outras vezes? Minha luz te circundará por todas as partes e, assim, tu poderás manifestá-la".

(4) Enquanto dizia isso, não sei como, vi o confessor junto de Jesus e o Senhor Lhe disse: "Olha, tudo que fazes passa para o Céu, por isso veja a pureza com a qual deves obrar, pensando

que todos os teus passos, palavras e obras chegam à minha presença, e se são puros, isto é, feitos por Mim, Eu sinto uma grande alegria por eles e os sinto ao redor de Mim, como tantos mensageiros que continuamente Me lembram de ti; mas se são feitos para fins baixos e terrenos, sinto-Me incomodado”. E enquanto assim dizia, parecia que lhe pegava as mãos e levantando-as ao Céu, lhe dizia: “Olhos sempre ao alto; és do Céu, trabalhe para o Céu”.

(5) Enquanto via o confessor e Jesus que assim lhe dizia, em minha mente parecia-me que se se obrasse assim, aconteceria como quando uma pessoa deve desocupar uma casa para mudar para outra. O que ela faz? Primeiro manda todas as coisas e tudo que ela tem e depois vai. Assim nós, primeiro mandamos nossas obras para tomar lugar para nós no Céu, e depois, quando chegar a nossa hora, iremos nós. Oh, que belo cortejo elas nos farão!

(6) Agora, enquanto via o confessor, lembrei-me que ele havia me dito que eu deveria escrever sobre a fé, o modo como Jesus me havia falado sobre essa virtude. Enquanto pensava nisso, em um instante o Senhor me atraiu a Si de tal forma que me senti fora de mim mesma, no Céu, junto com Jesus, e Ele me disse estas palavras precisas:

(7) “A Fé é Deus”.

(8) Mas estas duas palavras continham uma luz imensa, que é impossível explicá-las, mas como posso, direi: Na palavra “fé” compreendia que a fé é o próprio Deus. Assim como o alimento material dá vida ao corpo para que não morra, a fé dá vida à alma; sem a fé a alma está morta. A fé vivifica, a fé santifica, a fé espiritualiza o homem e o faz ter os olhos fixos em um Ser Supremo, de modo que nada aprende das coisas daqui de baixo, e se as aprende, aprende-as em Deus. Oh! A felicidade de uma alma que vive de fé, seu voo é sempre para o Céu, em tudo o que lhe acontece olha sempre para Deus e eis aqui como na tribulação a fé a eleva em Deus e ela não se aflige, nem sequer com um lamento, sabendo que não deve formar aqui sua alegria, mas no Céu. Assim, se a alegria, a riqueza, os prazeres a cercam, a fé a eleva em Deus e diz: “Oh, quão mais feliz e mais rica serei no Céu!” Assim que, desses bens terrenos se aborrece, despreza-os e os põe sob seus pés. A mim me parece que uma alma que vive de fé é como uma pessoa que possui milhões e milhões de moedas e até reinos inteiros, e outra pessoa quer lhe oferecer um centavo. Agora, o que diria aquela? Não se indignaria? Não o jogaria na cara? E acrescento: E se esse centavo estivesse todo enlameado, como são as coisas terrenas e, além disso, se lhe

fosse dado só em empréstimo? Então ela diria: "Imensas riquezas desfruto e possuo, e tu te atreves a me oferecer esse vil centavo tão enlameado e por pouco tempo?" Eu creio que ela imediatamente desviaria os olhos e não aceitaria o presente. Assim faz a alma que vive de fé à respeito das coisas terrenas.

(9) Agora voltemos à ideia de alimento: O corpo, tomando o alimento, não só se sustenta, mas também participa da substância do alimento, que se transforma no próprio corpo. Ora, assim é a alma que vive de fé; como a fé é o próprio Deus, a alma passa a viver do próprio Deus, e alimentando-se do próprio Deus passa a participar da substância de Deus, e, participando, vem a assemelhar-se a Ele e transformar-se com o mesmo Deus. Portanto, à alma que vive de fé, acontece-lhe que santo é Deus, santa é a alma; potente é Deus, potente é a alma; sábio, forte, justo Deus, sábia, forte, justa a alma, e assim com todos os demais atributos de Deus. Em suma, a alma chega a ser um pequeno deus. Oh, a bem-aventurança desta alma na terra, para mais tarde ser bem-aventurada no Céu!

(10) Compreendi também o que significam aquelas palavras que o Senhor diz às Suas almas diletas: "Te desposarei na fé". Que o Senhor neste noivado místico vem dotar as almas com Suas próprias virtudes. Parece-me como dois esposos que, unindo suas propriedades, não se discernem mais as coisas de um e as do outro e ambos se fazem donos de tudo. Mas, no nosso caso, a alma é pobre, todo o bem vem por parte do Senhor, que a torna partícipe de Suas substâncias.

(11) A vida da alma é Deus, a fé é Deus, e a alma, possuindo a fé, vem a enxertar em si todas as demais virtudes, de modo que a fé está como rei no coração e as demais virtudes estão ao seu redor, como súditas servindo a fé, de modo que as próprias virtudes, sem fé, são virtudes que não têm vida.

(12) Parece-me que Deus, de dois modos, comunica a fé ao homem: A primeira é no santo batismo; a segunda é quando Deus bendito, depositando uma pequena parte de Sua substância na alma, lhe comunica a virtude de fazer milagres, como poder ressuscitar os mortos, curar os enfermos, parar o Sol e assim por diante. Oh, se o mundo tivesse fé, se transformaria em um paraíso terrestre!

(13) Oh! Quão alto e sublime é o voo da alma que se exercita na fé. Parece-me que a alma, exercitando-se na fé, faz como aqueles tímidos passarinhos que, temendo ser aprisionados por caçadores ou por qualquer outra insídia, fazem sua morada nas copas das árvores, ou nas alturas, quando depois são obrigados a

tomar o alimento, descem, tomam o alimento e rapidamente voam para sua morada; e algum, mais prudente, toma o alimento e nem sequer o come na terra, para estar mais seguro leva-o para o alto das árvores e come ali. Assim, a alma que vive de fé é tão tímida das coisas terrenas, que por medo de ser emboscada, nem sequer as dirige um olhar, sua morada está no alto, acima de todas as coisas da terra e especialmente nas Chagas de Jesus Cristo, e de dentro daquelas beatas moradas geme, chora, reza e sofre junto com seu Esposo Jesus pela condição e miséria em que jaz o gênero humano. Enquanto ela vive naquelas moradas das Chagas de Jesus, o Senhor lhe dá uma pequena parte de Suas virtudes, e a alma sente em si essas virtudes como se fossem suas, mas, no entanto, ela percebe que embora as veja como suas, a posse que lhe foi dada, lhe foi comunicada pelo Senhor. Acontece como uma pessoa que recebeu um presente que não possuía, agora o que ela faz? Toma-o e se faz dona dele, mas, toda vez que o olha, diz para si mesma: "Isto é meu, mas me foi dado por aquela pessoa." Assim faz a alma para a qual o Senhor, desprendendo de Si uma pequena parte de Seu Ser Divino, a transforma em Si mesmo.

(14) Ora, esta alma, como abomina o pecado, mas ao mesmo tempo se compadece dos demais, roga por aquele que vê que caminha no caminho do precipício, une-se a Jesus Cristo e se oferece como vítima para sofrer e assim aplacar a Justiça Divina e para livrar as criaturas dos merecidos castigos, e se fosse necessário o sacrifício de sua vida, oh, de bom grado o faria pela salvação de uma única alma!

(15) Tendo o confessor me dito para lhe explicar como vejo a Divindade de Nosso Senhor, respondi que era impossível saber dizer-lhe algo, mas à noite o bendito Jesus apareceu-me e quase me repreendeu por esta minha negação e então me fez relampejar como dois raios luminosíssimos; com o primeiro compreendi em minha inteligência que a fé é Deus e Deus é fé. Já tentei dizer alguma coisa sobre a fé, agora tratarei de dizer como vejo Deus, e esse foi o segundo raio.

(16) Agora, enquanto eu me encontro fora de mim mesma e encontrando-me no alto dos céus, pareceu-me ver Deus dentro de uma luz e Ele mesmo parecia também luz e nesta luz se encontrava beleza, força, sabedoria, imensidão, altura, profundidade sem limites nem confins, assim que também no ar que respiramos é o próprio Deus que se respira, para que cada um possa fazer d'Ele como sua própria vida, como de fato é. Assim, nenhuma coisa Lhe escapa e nenhuma Lhe pode escapar.

Essa luz parece ser toda voz e sem falar, toda obrante enquanto sempre repousa, encontra-se por todas as partes sem atrapalhar em nada e, enquanto se encontra em todas as partes, tem também o Seu centro. Ó Deus, como és incompreensível! Vejo-Te, Te sinto, és minha Vida, Te restringes em mim, enquanto ficas sempre imenso e nada perdes de Ti, mas sinto-me balbuciante e pareço não saber dizer nada.

(17) Para poder me explicar melhor segundo nossa linguagem humana, direi que vejo uma sombra de Deus em tudo o que foi criado, porque em tudo o que foi criado, onde Ele lançou a sombra de Sua beleza, onde Seus perfumes, onde Sua luz, como no Sol, onde eu vejo uma sombra especial de Deus, vejo-a como delineada nesta estrela, que é como o rei dos planetas. Que coisa é o Sol? Não é nada além de um globo de fogo, um é o globo, mas muitos são os raios, de modo que então podemos compreender facilmente:

(18) 1°. O globo é Deus, os raios os imensos atributos de Deus.

(19) 2°. O Sol é fogo, mas ao mesmo tempo é luz e calor, portanto a Santíssima Trindade está representada no Sol: o fogo é o Pai, a luz é o Filho, o calor é o Espírito Santo, mas um é o Sol, e assim como não se pode separar o fogo da luz e do calor, uma é a potência do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que entre Eles não se podem realmente separar. E assim como o fogo no mesmo instante produz a luz e o calor, de modo que não se pode conceber o fogo sem também conceber a luz e o calor, também não se pode conceber o Pai antes do Filho e do Espírito Santo, e assim reciprocamente, os três têm o mesmo princípio eterno.

(20) Acrescento que a luz do Sol se expande por toda parte; Assim Deus, com Sua imensidão, penetra em todos os lugares. No entanto, recordemos que não é mais que uma sombra, porque o Sol não chegaria onde não pode penetrar com sua luz, mas Deus penetra em todos os lugares. Deus é Espírito puríssimo e podemos simbolizá-Lo no Sol que faz seus raios penetrarem em qualquer lugar, sem que ninguém possa tomá-los em suas mãos, Deus olha tudo, as iniquidades, as infâmias dos homens e Ele permanece sempre o que é, puro, santo, imaculado. Sombra de Deus é o Sol que manda sua luz sobre as imundícies e permanece imaculado, expande sua luz no fogo e não se queima, no mar, nos rios e não se afoga, dá luz a todos, fecunda tudo, dá vida a tudo com o seu calor e não empobrece de luz, nem perde nada do seu calor e muito mais. Enquanto faz tanto bem a todos, não precisa de ninguém e permanece sempre o que é, majestoso, resplandecente, sem mudar jamais. Oh, como as qualidades

divinas estão bem representadas no Sol! Deus, com Sua imensidão se encontra no fogo e não queima, no mar e não se afoga, sob nossos passos e não O pisamos, dá a todos e não empobrece e de ninguém tem necessidade; vê tudo, na verdade é todo olhos e não há nada que não sinta, está ciente de cada fibra do nosso coração, de cada pensamento de nossa mente, e sendo Espírito puríssimo, não tem ouvidos nem olhos, e não importa o que aconteça, não muda jamais. O Sol, investindo o mundo com sua luz, não se cansa; assim Deus, dando vida a todos, ajudando e governando o mundo, não se cansa. Para não mais desfrutar da luz do Sol e de seus efeitos benéficos, o homem pode se esconder, pode colocar obstáculos, mas não faz nada ao Sol, ele permanece como é, o mal cairá sobre o homem. Assim o pecador, com o pecado, pode distanciar-se de Deus e não desfrutar mais de Seus benéficos influxos, mas a Deus nada Lhe faz, todo o mal é dele.

(21) Também a redondeza do Sol para mim simboliza a eternidade de Deus, que não tem princípio nem fim. A mesma luz penetrante do Sol, que ninguém pode conter em seu olho, e que se alguém quisesse olhá-lo em pleno meio-dia ficaria deslumbrado, e se o Sol quisesse se aproximar do homem, ele seria reduzido a cinzas. Assim, do Sol Divino, nenhuma mente criada pode restringi-Lo em sua pequena mente para compreendê-Lo em tudo o que é, e se quisesse esforçar-se ficaria deslumbrado e confuso, e se esse Sol Divino quisesse fazer ostentação de todo o Seu amor, fazendo-o sentir ao homem enquanto ele ainda está em carne mortal, o homem seria incinerado. Portanto, Deus colocou uma sombra de Si e de Suas perfeições em tudo o que foi criado, de modo que parece que O vemos e O tocamos e por Ele somos tocados continuamente.

(22) Além disso, depois que o Senhor disse essas palavras: "A fé é Deus". Eu disse a ele: "Jesus, me amas?"

(23) E Ele acrescentou: "E tu, me amas?"

(24) Eu imediatamente disse: "Sim, Jesus, e Tu sabes, que sem Ti sinto que me falta a vida".

(25) "Pois bem" acrescentou Jesus. "Tu me amas, Eu também, portanto, amemo-nos e estejamos sempre juntos."

(26) Assim terminou esta manhã. Agora, quem pode dizer o quanto minha mente compreendeu deste Sol Divino? Parece-me vê-Lo e tocá-Lo em todas as partes, além do mais, sinto-me revestida por Ele dentro e fora de mim, mas minha capacidade é pequena, pequena, que enquanto parece que compreende alguma coisa de Deus, ao vê-Lo, parece que não compreendi

nada, ao contrário, parece-me haver dito disparates, espero que Jesus me perdoe.

+ + + +

2-2

10 de março de 1899

O Senhor Ihe faz ver muitos castigos.

(1) Estando em meu habitual estado, meu sempre amável Jesus se fez ver, todo amargurado e aflito, e me disse:

(2) “Minha filha, Minha justiça tornou-se muito pesada, e são tantas as ofensas que os homens Me fazem que não posso mais suportá-las. Portanto, a foice da morte está prestes a matar muitos, de súbito e por doenças, e além disso, são tantos os castigos que verterei sobre o mundo, que serão uma espécie de julgamento”.

(3) Quem pode dizer quantos castigos que me há feito ver e o modo como fiquei aterrorizada e assustada? É tanta a pena que minha alma sente, que creio que é melhor passá-la em silêncio.

(4) Continuo dizendo porque a obediência o quer; então me parecia ver as ruas cheias de carne e sangue humanos que inundavam a terra, cidades sitiadas por inimigos que não perdoavam nem sequer as crianças; pareciam-me como tantos animais saídos do inferno, não respeitaram nem igrejas nem sacerdotes. Parecia que o Senhor mandava um castigo do Céu, qual seja não sei dizer, só me parecia que todos receberemos um golpe mortal, e alguns serão vítimas da morte e outros se recuperarão. Parecia-me também ver as plantas secas e muitos outros males que devem vir sobre as colheitas. Oh Deus, que pena ver estas coisas e estar obrigada a manifestá-las! Ah Senhor, aplaca-Te, eu espero que Teu Sangue e Tuas Chagas sejam nosso remédio, ou bem, verte-os [os castigos] sobre esta pecadora, pois os mereço, caso contrário, toma-me e então estarás livre para fazer o que queiras, mas enquanto viva, farei o quanto possa para opor-me!

+ + + +

2-3

13 de março de 1899

**A caridade nada mais é do que o desabafo do Ser Divino.
Tudo o que foi criado fala do amor de Deus para com o
homem e Lhe ensina o modo como deve amar a Deus.**

(1) Esta manhã o amado Jesus não se fazia ver como de costume, todo amabilidade e doçura, mas severo, minha mente se sentia em um mar de confusão e minha alma tão aflita e aniquilada, principalmente pelos castigos vistos nos dias passados; Vendo-O naquele aspecto não me atrevia a dizer-Lhe nada, nos olhávamos, mas em silêncio. Ó Deus, que pena! Quando de repente vi também o confessor e Jesus mandando um raio de luz intelectual disse estas palavras:

(2) “Caridade; a caridade nada mais é do que o desabafo do Ser Divino, e este desabafo o difundi sobre tudo o que foi criado, de modo que tudo o que foi criado fala do amor que tenho pelo homem, e tudo o que foi criado Lhe ensina o modo como deve amar-Me; partindo do maior ser até a menor florzinha do campo, diz ao homem: “Vê? - diz ao homem [a florzinha do campo] - Com meu suave perfume e com estar-me sempre dirigida para o céu, intento enviar uma homenagem ao meu Criador; também tu, faz com que todas as tuas ações sejam perfumadas, santas, puras, não faças com que o mau odor de tuas ações ofenda o meu Criador”. “Ah, homem! - repete a florzinha - não sejas tão insensato de ter os olhos fixos na terra, mas eleva-os ao Céu, veja, lá em cima está teu destino, tua pátria, lá em cima está o Criador meu e teu que te espera ”. A água que continuamente corre sob nossos olhos nos diz também: “Veja, das trevas eu saí e tanto devo correr e correr até que chegue a sepultar-me no lugar de onde saí. Também tu, ó homem! Corra, mas corra para o seio de Deus, de onde saíste; ah! Peço-te, não corras pelos caminhos tortuosos, pelos caminhos que conduzem ao precipício, senão, ai de ti!” Até as bestas mais selvagens nos repetem: “Veja, ó homem, como deves ser selvático por tudo o que não é Deus; veja, quando nós vemos que alguém se aproxima de nós, com nossos rugidos colocamos tanto medo, que ninguém se atreve a acercar-se mais para perturbar nossa solidão, também tu, quando o fedor das coisas terrenas, ou seja, tuas paixões violentas, estejam prestes a enlamear-te e fazer-te cair no precipício das culpas, com os rugidos de tua oração e com retirar-te das ocasiões nas quais te encontras, estarás a salvo de qualquer perigo”. Assim todos os outros seres, que dizer todos seria demasiado longo, com uma voz unânime ressoam entre eles e nos repetem: “Veja, ó homem, por teu amor nos há criado o nosso Criador e todos estamos ao

teu serviço; e tu não sejas tão ingrato: ama, te rogamos, te repetimos, ama o nosso Criador!”.

(3) Depois disso, meu amável Jesus me disse: “Isto é tudo o que quero: ‘Amar a Deus e ao próximo por meu amor’. Veja o quanto amei o homem, e ele é tão ingrato; como queres tu que Eu não o castigue?”

(4) No mesmo instante me parecia ver uma granizada terrível e um terremoto que deve causar notável dano, destruindo até as plantas e os homens. Então, com toda a amargura de minha alma, Lhe disse: “Meu sempre amável Jesus, por que estás tão indignado? Se o homem é ingrato, não é tanto por malícia, mas por debilidade. Oh, se Te conhecessem um pouco, oh, como seriam humildes e amorosos! Portanto, acalma-Te. Ao menos Te recomendo Corato e aqueles que me pertencem”.

(5) No ato de dizer isto, me parecia que mesmo que algo tenha de acontecer em Corato, comparado ao que sucederá nos demais lugares será nada.

+ + + +

2-4

14 de março de 1899

Jesus se refugia no coração e chora a sorte das criaturas. A alma faz de tudo para consolá-Lo e chora junto com Jesus.

(1) Esta manhã meu dulcíssimo Jesus, transportando-me com Ele, me fazia ver a multiplicidade dos pecados que se cometem, e eram tais e tantos que é impossível descrevê-los. Via também no ar uma estrela de desmesurado tamanho, e em sua circunferência continha fogo negro e sangue; infundia tal temor e espanto ao olhá-la, que parecia que a morte era um mal menor do que viver em tempos tão tristes. Em outros lugares se viam os vulcões, que abrindo outras tantas crateras deviam inundar até os povos vizinhos; viam-se também pessoas sectárias que irão favorecendo os incêndios, etc. Enquanto isto via, meu amável, mas aflito Jesus me disse:

(2) “Hás visto quanto Me ofendem e o que tenho preparado? Eu Me retiro do homem.”

(3) E enquanto isto dizia, nos retiramos os dois para a cama, e via que neste retirar-se de Jesus, os homens se punham a cometer ações mais feias, mais homicídios, em uma palavra, me parecia ver gente contra gente. Quando nos retiramos, parecia

que Jesus se metia em meu coração e começou a chorar e a soluçar dizendo:

(4) “Ó, homem, quanto te amei! Se tu soubesses quanto Me dói ter que castigar-te! Mas a isto Me obriga a minha Justiça. Ó homem, ó homem, quanto choro e Me dói a tua sorte!”

(5) Depois dava desabafo ao pranto e de novo repetia as palavras. Quem pode dizer a pena, o temor, o desgarramento que se fazia em minha alma, especialmente ao ver Jesus tão aflito e chorando? Fazia quanto mais podia para esconder minha dor e, para consolá-Lo, Lhe dizia: “Ó Senhor, que jamais castigues os homens! Esposo Santo, não chores, tal como haveis feito outras vezes, assim farás agora, derramarás em mim, me farás sofrer, e assim Vossa Justiça não Te obrigará a castigar o povo”. E Jesus continuava chorando e eu repetia: “Mas escuta-me um pouco, não me haveis posto nesta cama para que fosse vítima pelos demais? Acaso não tenho estado disposta a sofrer outras vezes para evitar os castigos às criaturas? Por que agora não quereis ouvir-me?” Mas com tudo e com minhas pobres palavras, Jesus não parava de chorar. Então, não podendo resistir mais, também eu rompi em pranto, dizendo-Lhe: “Senhor, se a Vossa intenção é de castigar os homens, não me dá o ânimo de ver sofrer tanto as criaturas, por isso, se verdadeiramente quereis mandar os flagelos e meus pecados não me fazem mais merecer sofrer eu em vez dos demais, quero ir-me para o Céu, não quero mais estar nesta terra”.

(6) Depois veio o confessor e, chamando-me à obediência, Jesus se retirou e assim há terminado.

(7) Na manhã seguinte, continuava a ver Jesus recolhido em meu coração, e via que as pessoas vinham para dentro do meu coração e O pisoteavam, colocando-O sob os pés. Eu fiz o que pude para libertá-Lo e Jesus, dirigindo-se a mim, disse:

(8) “Vês até onde chega a ingratidão dos homens? Eles mesmos me obrigam a castigá-los, sem que possa fazer de outra maneira. E tu, minha querida, depois que me hás visto sofrer tanto, te sejam mais amadas as cruzes e sintas como deleites as penas”.

+ + + +

2-5

18 de março de 1899

Continua vendo Jesus recolhido em seu coração. Ele lhe diz como Lhe é querida a caridade.

(1) Esta manhã meu querido Jesus seguia fazendo-se ver de dentro do meu coração, e vendo-O um pouco mais amável, eu me armei de coragem e comecei a pedir-Lhe que não mandasse tantos castigos, e Jesus me disse:

(2) "O que te move, ó minha filha, a pedir-me que não castigue as criaturas?"

(3) Eu imediatamente respondi: "Porque são Tuas imagens e devendo as criaturas sofrer, virias Tu mesmo a sofrer". Então Jesus, dando um suspiro, me disse:

(4) "A caridade me é tão querida, que tu não podes compreender. A caridade é simples como Meu Ser, que embora seja imenso, é também simplíssimo, tanto que não há parte na qual não penetre. Assim a caridade, sendo simples, se difunde por todas as partes, não tem distinção para com ninguém, amigo ou inimigo, vizinho ou forasteiro, a todos ama".

+ + + +

2-6

19 de março de 1899

Temores. Jesus a tranquiliza. O demônio pode falar de virtude, mas não pode infundi-la na alma.

(1) Esta manhã, enquanto Jesus se fazia ver, eu temia que não fosse verdadeiramente Jesus, mas o demônio que queria me enganar; depois que fiz os acostumados protestos, Jesus me disse:

(2) "Filha, não temas, não sou o demônio, e além disso, esse, se fala das virtudes, é uma virtude pintada, não verdadeira virtude, nem tem poder para infundi-la na alma, mas somente de falar dela, e se alguma vez mostra que quer fazer praticar um pouco de bem, não é perseverante e no mesmo ato em que a alma faz esse pouco bem, a alma está apática e agitada, só Eu tenho a potência de infundir-Me no coração e de fazer praticar as virtudes e fazer sofrer com ânimo e tranquilidade e com perseverança. Além disso, quando o demônio foi em busca de virtude? Sua busca são os vícios. Por isso não temas, fique tranquila."

+ + + +

2-7

20 de março de 1899

Jesus verte Suas amarguras e lhe diz a causa dos males do mundo.

(1) Esta manhã Jesus me transportou para fora de mim mesma e me fez ver muita gente, todas em discórdia. Oh, quanta pena dava a Jesus! Eu, vendo-O sofrer tanto, pedi-Lhe que vertesse em mim Suas amarguras, mas como continuava querendo castigar o mundo, Jesus não queria derramar em mim, mas depois de haver-Lhe pedido e tornado a pedir, para contentar-me derramou um pouco. Então, tendo se aliviado um pouco, me disse:

(2) “A causa pela qual o mundo foi reduzido a este estado triste é por haver perdido a subordinação às cabeças(chefes), e como a primeira cabeça é Deus, contra quem se rebelaram, como consequência aconteceu que eles perderam toda sujeição e dependência à Igreja, às leis e a todos os demais que se dizem cabeças. Ah, minha filha! O que será de tantos membros infectados por este mau exemplo dado por aqueles mesmos que se dizem cabeças, isto é, pelos superiores, pelos pais e por tantos outros? Ah, chegarão a tal ponto que não se reconhecerão mais nem pais, nem irmãos, nem reis, nem príncipes! Esses membros serão como tantas víboras que se envenenarão reciprocamente. Portanto, veja como são necessários os castigos nestes tempos, e que a morte quase destrua essa gente, a fim de que os poucos que ficam aprendam à custa dos demais a ser humildes e obedientes! Por isso deixa-Me fazer, não queiras opor-te a que Eu castigue as pessoas”.

+ + + +

2-8

31 de março de 1899

Jesus fala da virtude da cruz.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus se fez ver crucificado, e depois de haver-me comunicado Suas penas, disse-me:

“Muitas são as Chagas que Me fizeram sofrer em Minha Paixão, mas uma foi a Cruz; isto significa que muitos são os caminhos pelos quais atraio as almas à perfeição, mas um é o Céu no qual estas almas devem unir-se, de modo que equivocando-se no caminho àquele Céu, não há outro que possa torná-las bem-aventuradas para sempre”.

(2) Depois acrescentou: “Olhe um pouco, uma é a Cruz, mas de vários lenhos foi formada essa cruz; Isto significa que um é o Céu, mas vários os lugares que este Céu contém, mais ou menos gloriosos, e de acordo com os sofrimentos sofridos aqui embaixo, mais ou menos pesados, serão distribuídos esses lugares. Oh, se todos conhecessem a preciosidade do sofrer, competiriam para ver quem desejaria sofrer mais, mas esta ciência não é conhecida pelo mundo, por isso abominam tudo o que pode torná-los mais ricos na eternidade”.

+ + + +

2-9

3 de abril de 1899

Como a humildade é a pequena planta. A humildade sem confiança é virtude falsa.

(1) Depois de haver passado alguns dias de privação e de lágrimas, eu me encontrava toda confusa e aniquilada em mim mesma, em meu interior ia dizendo continuamente: “Diz-me, oh meu Bem, por que te afastaste de mim? Em que Te ofendi que não Te deixas ver mais, e se Te mostras é quase ensombrado e em silêncio? Ah, não me faças esperar e esperar, que meu coração não aguenta mais!”.

(2) Finalmente, Jesus se mostrou um pouco mais claro, e vendome tão aniquilada, me disse:

(3) “Se tu soubesses o quanto Me agrada a humildade! A humildade é a menor planta que se pode encontrar, mas seus ramos são tão altos que chegam até o Céu, estão em torno do Meu trono e penetram até dentro do meu Coração. A pequena planta é a humildade, os ramos que esta planta produz são a confiança, de modo que não se pode dar verdadeira humildade sem confiança. A humildade sem confiança é virtude falsa.”

(4) Pelas palavras do meu Jesus se vê que meu coração não só estava aniquilado, mas também um pouco desanimado.

+ + + +

2-10

5 de abril de 1899

Como Jesus a tem coberta em Seu amor.

(1) Minha alma continuava em seu aniquilamento e com medo de perder o doce Jesus, quando, em um instante, de repente se fez ver e me disse:

(2) “Eu te tenho sob a sombra da minha caridade. Por isso, assim como a sombra penetra em todos os lugares, assim meu amor te tem coberta em todos os lugares e em tudo. O que temes então? E como posso Eu deixar-te, enquanto te tenho tão abismada em meu amor?”

(3) Enquanto Jesus dizia isso, eu queria perguntar-Lhe por que não se fazia ver segundo seu costume, mas Jesus imediatamente desapareceu e não me deu tempo de dizer-Lhe nem sequer uma palavra. Oh Deus, que pena!

+ + + +

2-11

7 de abril de 1899

Luísa consola Jesus. Ele lhe diz: Quero fazer de ti um objeto de minhas complacências.

(1) Continua o mesmo estado, mas especialmente esta manhã passei-a amarguíssima, quase havia perdido a esperança de que Jesus viria. Oh, quantas lágrimas tive que derramar! Era propriamente a última hora e Jesus ainda não tinha vindo. Oh, Deus! O que fazer? Meu coração estava com uma dor tão forte e em um contínuo palpitar, tão forte, que sentia uma agonia mortal. Em meu interior Lhe dizia: “Meu bom Jesus, não vêes Tu mesmo que me sinto faltar a vida? Ao menos diz-me como se pode fazer para estar sem Ti? Como se pode viver? Embora seja ingrata diante de tantas graças, ainda assim Te amo e Te ofereço esta pena amarguíssima de Tua ausência para reparar-Te por minha ingratidão; mas vem, Jesus, tem paciência. És tão bom, não me faças esperar, vem. Ah! Talvez não sabes Tu mesmo que cruel tirano é o amor, e por isso não tens compaixão de mim?” Enquanto estava neste estado tão doloroso, Jesus veio e todo compaixão disse-me:

(2) “Eis que Eu vim, não chores mais, vem a Mim.”

(3) Em um instante me encontrei fora de mim mesma junto com Ele, e eu O olhava, mas com tal temor que de novo pudesse perdê-Lo, que a rios me escorriam as lágrimas dos olhos. Jesus continuou dizendo-me:

(4) “Não, não chores mais, olha um pouco o quanto estou sofrendo; olha a minha cabeça, os espinhos penetraram tão fundo que já não fica nada fora. Vês quantos cortes e sangue cobrem meu Corpo? Aproxima-te, dá-Me um alívio.”

(5) Ocupando-me das penas de Jesus, esqueci um pouco as minhas, e assim comecei por Sua cabeça. Oh, como era desgarrador ver aqueles espinhos tão presos dentro, que apenas se podiam puxar! Enquanto isto fazia, Jesus se lamentava, tamanha era a dor que sofria. Depois que tirei aquela coroa de espinhos toda despedaçada, a uni de novo e, sabendo que o maior prazer que se pode dar a Jesus é o sofrer por Ele, tomei-a e afundei-a sobre minha cabeça.

(6) Depois, uma por uma fez-se beijar as Chagas e em algumas delas queria que eu chupasse o sangue. Eu tratava de fazer tudo o que Ele queria, mas em mudo silêncio, quando se apresentou a Virgem Santíssima e me disse:

(7) "Pergunte a Jesus que coisa Ele quer fazer de ti."

(8) Eu não me atrevia, mas a Mamãe me incitava a fazê-lo; para contentá-la aproximei os lábios do ouvido de Jesus e, baixinho, baixinho, lhe disse: "Que coisa queres fazer de mim?" E Ele respondeu:

(9) "Quero fazer de ti um objeto de Minhas complacências".

(10) E no próprio ato de dizer estas palavras desapareceu, e eu me encontrei em mim mesma.

+ + + +

2-12

9 de abril de 1899

Jesus leva Luísa para fora de si mesma, unida a Ele, não quer deixá-la e Jesus a tem Consigo no ostensório.

(1) Esta manhã Jesus se fez ver e me transportou para dentro de uma Igreja, ali ouvi a Santa Missa e recebi a Comunhão das mãos de Jesus. Depois disso me abracei aos pés d'Ele tão fortemente que não podia separar-me. O pensamento das penas dos dias passados, isto é, da privação de Jesus, me fazia temer tanto o perdê-Lo de novo, que estando a seus pés chorava e Lhe dizia: "Desta vez, ó Jesus, não Te deixarei mais, porque Tu quando Te vais de mim me fazes sofrer e esperar muito".

(2) Então Jesus me disse: "Vem para os meus braços, que quero aliviar-te das penas passadas nestes dias".

(3) Eu quase não me atrevia a fazê-lo, mas Jesus estendeu as mãos e me levantou de seus pés, me abraçou e disse:

(4) "Não temas, que não te deixo; esta manhã quero contentar-te, vem estar Comigo no ostensório".

(5) E nós dois nos retiramos no ostensório. Quem pode dizer o que fizemos? Ora me beijava e eu a Ele, ora eu repousava n'Ele e Jesus

em mim, ora via as ofensas que recebia, e eu fazia atos de reparação pelas diversas ofensas. Quem pode dizer a paciência de Jesus no Sacramento? É tal e tanta que dá terror só de pensar. Mas enquanto estava fazendo isso, Jesus me fez ver o confessor que vinha a chamar-me em mim mesma e me disse:

(6) "Basta por agora; vá, que a obediência te chama."

(7) E assim me parecia que minha alma regressava ao corpo e, de fato, o confessor me chamava à obediência.

+ + + +

2-13

12 de abril de 1899

Jesus diz a Luísa: Tu és meu tabernáculo; além disso, sinto-me mais contente em ti porque te faço participar das minhas penas.

(1) Hoje, sem fazer-me esperar tanto, Jesus veio logo e me disse:

(2) "Tu és meu tabernáculo; para Mim é o mesmo estar no Sacramento, quanto em teu coração, aliás, em ti se encontra algo mais, que é poderes participar das minhas penas e te ter junto Comigo como vítima vivente ante a Divina Justiça, o que não encontro no Sacramento".

(3) E enquanto dizia estas palavras, encerrou-se dentro de mim. Estando em mim, Jesus me fazia sentir ora as picadas dos espinhos, ora as dores da Cruz, as ânsias e os sofrimentos do coração. Em torno de seu Coração via um trançado de pontas de ferro que fazia sofrer muito a Jesus. Ah! Quanta pena me dava vê-Lo sofrer tanto, teria querido sofrer tudo eu, em vez de fazer sofrer o meu doce Jesus, e de coração Lhe pedia que a mim me desse as dores, a mim o sofrer. Então Jesus me disse:

(4) "Filha, as ofensas que mais transpassam meu Coração são as Missas ditas sacrilegamente, e as hipocrisias."

(5) Quem pode dizer o que compreendi nestas duas palavras? Parece-me que externamente se faz ver que ama, louva ao Senhor, mas internamente se tem o veneno pronto para matá-Lo; externamente se faz ver que se quer a glória, a honra de Deus, mas internamente se busca a honra, a estima própria. Todas as obras feitas com hipocrisia, mesmo as mais santas, são obras todas envenenadas que amargam o Coração de Jesus.

+ + + +

2-14

16 de abril de 1899

Jesus quer girar junto com Luisa e lhe faz ver como é tratado pelas almas.

(1) Estando em meu habitual estado, Jesus me convidou a girar para ver que coisa faziam as criaturas. Eu Lhe disse: “Meu adorável Jesus, esta manhã não tenho vontade de girar e ver as ofensas que Te fazem, fiquemos aqui, nós dois juntos”. Mas Jesus insistia que queria girar, então para contentá-Lo, disse-Lhe: “Se queres sair, vamos, mas vamos dentro de alguma Igreja, pois lá são poucas as ofensas que Te fazem”.

(2) E assim entramos em uma igreja, mas também lá era ofendido, e mais que em outros lugares, não porque nas igrejas se cometam mais pecados do que no mundo, mas porque são ofensas feitas por seus mais amados, por aqueles mesmos que deveriam colocar alma e corpo para defender a honra e a glória de Deus, por isso resultam mais dolorosas ao seu Coração adorável. Então via almas devotas, que por bagatelas de nada não se preparavam bem à Comunhão; sua mente em vez de pensar em Jesus, pensava em suas pequenas perturbações, em tantas coisas de nada, e esta era sua preparação. Quanta dor davam essas almas a Jesus e quanta compaixão elas davam, porque davam importância a tantas palhinhas, a tantas ociosidades e em troca não se dignavam a dirigir um olhar para Jesus. Então Ele me disse:

(3) “Minha filha, como essas almas impedem que minha Graça se derrame nelas! Eu não me fixo nas minúcias, mas no amor com o qual se aproximam, e elas ao contrário, mais se fixam nas palhas que no amor. Além disso, o amor destrói as palhas, mas com muitas palhas não se acrescenta nem um pouquinho de amor, antes o diminui. Mas o pior destas almas é que se perturbam muito, perdem muito tempo, gostariam de estar com os confessores horas inteiras para dizer todas estas minúcias, mas jamais põem mãos à obra com uma boa e valente resolução para extirpar estas palhas.

(4) O que dizer-te além disso, ó minha filha, de certos sacerdotes destes tempos? Pode-se dizer que obram quase satanicamente, chegando a fazer-se ídolos das almas. Ah, sim, meu Coração é mais transpassado por meus filhos, porque se os outros me ofendem mais, ofendem as partes do meu Corpo, mas os meus ofendem as partes mais sensíveis e ternas, até no mais íntimo do meu Coração.”

(5) Quem pode dizer a amargura de Jesus? Ao dizer estas palavras, chorava amargamente. Eu fazia o quanto podia para compadecer-me d’Ele e repará-Lo, mas enquanto isso fazia nos retiramos juntos no leito.

+ + + +

2-15

21 de abril de 1899

Vê Jesus como menino enquanto se encontra só. Temor de que fosse alguém para fazer-lhe mal. Pergunta quem é, e lhe diz que é o pobre dos pobres e que quisera estar com ela.

(1) Esta manhã, estando em meu habitual estado, em um momento me encontrei em mim mesma, mas sem poder me mover, quando de repente senti que alguém entrava em meu quarto, depois fechou de novo a porta e ouvi que se aproximava da minha cama. Em minha mente pensava que alguém havia entrado furtivamente, sem que ninguém da família o houvesse visto e havia entrado em meu quarto. Quem sabe que coisa me poderá fazer? Era tanto o temor que me senti gelar o sangue nas veias e tremia toda. Oh, Deus! O que fazer? Dizia comigo mesma: "A família não o viu, eu me sinto toda imóvel e não posso defender-me nem posso pedir ajuda; Jesus, Maria, minha Mamãe, ajudem-me; São José, defende-me deste perigo". Quando senti que subia à cama e se aconchegava junto a mim, foi tanto o temor, que abri os olhos e lhe disse: "Diz-me, quem és tu?"

(2) Ele respondeu: "Eu sou o pobre dos pobres, não tenho onde estar; vim a ti para ver se queres Me ter contigo em teu quarto. Olhe, sou tão pobre que nem sequer tenho vestes, mas tu pensarás em tudo".

(3) Eu O olhei bem, era um menino de cinco ou seis anos, sem vestes, sem calçado, mas sumamente belo e gracioso. Imediatamente Lhe respondi: "Por mim com gosto Te teria, mas o que dirá meu papai? Não sou pessoa livre que possa fazer o que queira, tenho meus pais que o impedem. Vestir-Te, sim, posso fazê-lo com meus pobres trabalhos, farei qualquer sacrifício, mas Te ter comigo é impossível. E além disso, não tens pai, não tens mãe, não tens onde ficar?"

(4) Mas o menino amargamente respondeu: "Não tenho ninguém, ah, não me faças vagar mais, deixa-Me estar contigo!"

(5) Eu mesma não sabia o que fazer, como tê-Lo. Um pensamento me passou pela mente: "Quem sabe, talvez é Jesus, ou bem será algum demônio para perturbar-me?" Então de novo Lhe disse: "Mas diz-me a verdade, quem és Tu?" E Ele repetiu:

(6) "Eu sou o pobre dos pobres."

(7) Eu repliquei: "Aprendeste a fazer o sinal da cruz?"

(8) "Sim". Respondeu.

(9) “Pois então fá-lo, quero ver como o fazes.”

(10) Ele se persignou com o sinal da Cruz.

(11) Eu acrescentei: “E a Ave Maria, sabes dizer?”

(12) “Sim, mas se queres que a diga, digamo-la juntos.”

(13) Eu comecei a Ave Maria e Ele a dizia junto comigo. Nesse momento, uma luz puríssima desprende-se de sua fronte adorável e conheci que o pobre dos pobres era Jesus. Em um instante, com aquela luz que Jesus me enviava, fez-me perder de novo os sentidos e me tirou fora de mim mesma. Eu estava toda confusa diante de Jesus, especialmente por tantos rechaços e rapidamente Lhe disse:

(14) “Meu Querido, perdoa-me; se te houvesse reconhecido, não haveria te proibido a entrada. Além disso, por que não me disseste que eras Tu? Tenho tantas coisas para te dizer, as haveria dito, não teria perdido o tempo em tantas inutilidades e temores. Para ter a Ti não tenho necessidade dos meus, posso te ter livremente, porque Tu não te deixas ver por ninguém”. Mas enquanto isso dizia, Jesus desapareceu e assim terminou tudo, deixando-me uma pena por não haver Lhe dito nada do que eu queria dizer.

+ + + +

2-16

23 de abril de 1899

Os louvores e desprezos dos demais.

(1) Hoje meditei acerca do dano que pode vir às nossas almas pelos louvores que nos dão as criaturas. Enquanto o aplicava a mim mesma, para ver se havia em mim a complacência pelos louvores humanos, Jesus aproximou-se de mim e disse-me:

(2) “Quando o coração está cheio do conhecimento de si mesmo, os louvores dos homens são como aquelas ondas do mar, que se elevam e transbordam, mas jamais saem de seus limites; assim os louvores humanos: fazem estrépito, alvoroçam, se aproximam do coração, mas encontrando-o cheio e bem circundado pelos fortes muros do conhecimento de si mesmo, não tendo portanto onde ficar, voltam atrás sem fazer nenhum dano à alma. Por isso, debes estar atenta a isso, que os louvores e os desprezos das criaturas não devem ser levados em conta”.

+ + + +

2-17

26 de abril de 1899

Jesus a contenta em relação ao confessor e lhe fala das almas desapegadas, que enquanto não têm nada, tudo possuem.

(1) Quando hoje meu amante Jesus se fazia ver, parecia-me que me enviava tantos raios de luz, que me penetravam toda, quando em um instante nos encontramos fora de mim mesma e junto se encontrava o confessor. Eu imediatamente pedi ao meu querido Jesus que desse um beijo no confessor e que estivesse um pouco em seus braços (Jesus era menino). Para contentar-me, rapidamente beijou o confessor no rosto, mas sem querer se separar de mim; eu fiquei toda aflita e Lhe disse: "Meu Tesourinho, não era esta minha intenção, de fazer-te beijar seu rosto, mas a boca, a fim de que tocada por teus puríssimos lábios ficasse santificada e fortificada daquela debilidade, assim poderá anunciar mais livremente a santa Palavra e santificar os demais. Ah, eu te rogo que me contentes!" Assim, Jesus deu outro beijo, mas desta vez na boca dele, e depois me disse:

(2) "A Mim são tão agradáveis as almas desapegadas de tudo, não só no afeto, mas também no efeito, que à medida que vão despojando-se, minha luz as vai investindo e chegam a ser como cristais, nos quais a luz do sol não encontra impedimento para penetrar dentro deles, como o encontra nas construções e nas demais coisas materiais".

(3) Ah! Disse depois: "Creem despojar-se, mas ao invés disso vêm a vestir-se não só das coisas espirituais, mas também das corporais, porque minha providência tem um cuidado todo especial e particular por estas almas desapegadas, minha providência as cobre por todas as partes, acontece que nada têm, mas tudo possuem".

(4) Depois disto nos retiramos do confessor e encontramos muitas pessoas religiosas que pareciam que tinham toda a intenção de trabalhar por fins de interesses. Jesus passando em meio a elas disse:

(5) "Ai, ai daquele que trabalha pela finalidade de adquirir dinheiro, já receberam em vida sua paga!"

+ + + +

2-18

02 de maio de 1899

Como na Igreja está refletido todo o Céu.

(1) Esta manhã Jesus dava muita compaixão, estava tão aflito e sofredor que eu não me atrevia a fazer-lhe nenhuma pergunta. Nos olhávamos em silêncio, de vez em quando me dava um beijo e eu a Ele, e assim seguiu, fazendo-se ver algumas vezes. A última vez me fez ver a Igreja dizendo-me estas palavras:

(2) “Em minha Igreja está representado todo o Céu: Assim como no Céu uma é a cabeça, que é Deus, e muitos são os santos, de diferentes condições, ordens e méritos, assim em minha Igreja, uma é a cabeça, que é o Papa, e até na tiara que rodeia sua cabeça está representada a Trindade Sacrossanta, e muitos são os membros que desta cabeça dependem, ou seja, diferentes dignidades, diferentes ordens, superiores e inferiores, desde o menor até o maior, todos servem para embelezar minha Igreja, e cada um, segundo seu grau, tem um ofício que lhe foi dado, e com o exato cumprimento das virtudes vem a dar de si em minha Igreja um esplendor perfumadíssimo, de modo que a terra e o Céu ficam perfumados e iluminados, e as pessoas ficam tão atraídas por esta luz e por este perfume, que é quase impossível não se render à verdade. Deixo a ti considerar aqueles membros infectados, que em vez de produzir luz dão trevas, quantos destroços fazem em minha Igreja!”

(3) Enquanto Jesus assim me dizia, vi o confessor junto a Ele. Jesus com seu olhar penetrante o olhava fixamente; depois, dirigindo-se a mim, disse:

(4) “Quero que tenhas plena confiança com o confessor, mesmo nas mínimas coisas, tanto que entre Eu e ele não deve haver diferença alguma, porque na medida de tua confiança e da fé que deres às suas palavras, assim concorrerei Eu”.

(5) No momento que Jesus dizia estas palavras, recordei-me de certas tentações do demônio, que haviam produzido em mim um pouco de desconfiança, mas Jesus com seu olho vigilante, de imediato me tomou novamente junto a Si, e nesse mesmo instante, senti tirar de meu interior essa desconfiança. Seja sempre bendito o Senhor, que tem tanto cuidado desta alma tão miserável e pecadora.

+ + + +

2-19

06 de maio de 1899

Luísa busca Jesus entre os anjos.

(1) Esta manhã, a duras penas, Jesus se fez ver. Sentia minha mente tão confusa que quase não compreendia a perda de Jesus. Nesse momento, senti-me circundada por muitos espíritos, talvez

eram anjos, mas não sei dizê-lo com segurança. Enquanto me encontrava em meio a eles, de vez em quando me punha a indagar, pois, quem sabe? Talvez pudesse ouvir a respiração do meu Amado, porém por mais que fazia não percebia nada que indicasse que ali estava meu amante Bem. Quando de repente, de trás das minhas costas, senti vir um hálito doce, de súbito gritei: “Jesus, meu Senhor!”

(2) Ele respondeu: “Luisa, que queres?”

(3) “Jesus, meu belo, vem, não estejas atrás de minhas costas porque não posso te ver; estive toda esta manhã te esperando e indagando, pois talvez pudesse te ver em meio destes espíritos angélicos que rodeavam a cama, mas não tive êxito; por isso, sinto-me muito cansada, porque sem Ti não posso encontrar repouso. Vem para repousarmos juntos”. Assim, Jesus se pôs junto a mim e me sustentava a cabeça. Aqueles espíritos disseram: “Senhor, quão rapidamente te reconheceu! Não pela voz, mas apenas com o hálito logo te chamou”.

(4) Jesus lhes respondeu: “Ela conhece a Mim e Eu conheço a ela. É tão querida a Mim, como me é querida a pupila de meus olhos”.

(5) E enquanto assim dizia, eu me encontrei nos olhos de Jesus. Quem pode dizer o que senti estando naqueles olhos puríssimos? É impossível manifestá-lo com palavras, os próprios anjos ficaram surpresos.

+ + + +

2-20

07 de maio de 1899

Da pureza de intenção e a verdadeira caridade.

(1) Enquanto que no dia fiz a meditação, Jesus continuava fazendo-se ver junto a mim e disse-me:

(2) “Minha pessoa está circundada por todas as obras que as almas fazem, como por uma veste, e à medida da pureza de intenção e da intensidade do amor com o qual se fazem, assim me dão mais esplendor, e Eu darei a elas mais glória; tanto que no dia do juízo as mostrarei a todo o mundo para fazer conhecer o modo como me honraram meus filhos e o modo como Eu honro a eles”.

(3) Então, tomando um ar mais aflito acrescentou:

(4) “Minha filha, o que será de tantas obras, mesmo boas, feitas sem reta intenção, por costume e com fins de interesse? Qual não será a vergonha deles no dia do juízo, ao ver tantas obras boas em si mesmas, mas murchas por sua intenção, que em vez de dar-lhes honra como a tantos outros, as mesmas ações lhes produzirão

vergonha? Porque não são as obras grandes o que olho, mas a intenção com a qual se fazem; aqui está toda minha atenção”.

(5) Por um tempo Jesus fez silêncio e eu pensava nas palavras que havia dito, e enquanto as estava ruminando em minha mente, especialmente sobre a pureza de intenção e como fazendo o bem às criaturas, as mesmas criaturas devem desaparecer, tornando uma a criatura com o próprio Senhor, e fazer como se as criaturas não existissem, Jesus voltou a falar dizendo-me:

(6) “No entanto, assim é. Olha, meu Coração é grandíssimo, mas a porta é estreitíssima, ninguém pode encher o vazio deste Coração, mas só as almas desapegadas, nuas e simples, porque como tu vês, sendo a porta pequena, qualquer impedimento, mesmo mínimo, ou seja, uma sombra de apego, de intenção errônea, uma obra sem o fim de me agradar, impede que entrem para deleitar-se em meu Coração. O amor ao próximo muito agrada ao meu Coração, mas deve estar tão unido ao meu, que deve formar um só, sem poder distinguir um do outro; mas aquele outro amor ao próximo que não está transformado em meu amor, Eu não o vejo como coisa que me pertença”.

+ + + +

2-21

09 de maio de 1899

Lamentos, petições, colóquio com Jesus.

(1) Esta manhã me encontrava em um mar de aflição pela perda de Jesus. Depois de muito esperar, Jesus veio, e se estreitava tanto a mim, que não podia nem sequer vê-lo; chegava a pôr sua fronte sobre a minha, apoiava seu rosto sobre o meu e assim todos os demais membros. Agora, enquanto Jesus estava nesta posição, eu lhe disse: "Meu adorável Jesus, já não me amas?"

(2) E Ele: “Se não te amasse, não estaria tão perto de ti”.

(3) E eu voltei a dizer-lhe: “Como me dizes que me amas se não me fazes mais sofrer como antes? Temo que não me ames mais neste estado; ao menos libera-me então, do incômodo do confessor”.

(4) Enquanto isso dizia, parecia que Jesus não dava atenção às minhas palavras e me fazia ver uma multidão de gente que cometia toda classe de infâmias, e Jesus, indignado com eles, fazia cair entre eles diferentes classes de enfermidades contagiosas, e muitos morriam pretos como carvões, parecia que Jesus exterminava da face da terra aquela multidão de gente. Enquanto isso via, pedi a Jesus que vertesse em mim suas amarguras, a fim de que eu

pudesse livrar as pessoas, mas nem sequer nisso me dava atenção; e respondendo-me às palavras que antes lhe havia dito, acrescentou:

(5) “O maior castigo que posso dar a ti, ao sacerdote e ao povo, é se te liberasse deste estado de sofrimentos. Minha Justiça se descarregaria com todo seu furor, porque não encontraria mais alguma oposição. Tanto é verdade, que o pior mal para alguém é ser posto em um ofício e depois ser deposto; melhor para ele se não houvesse sido encarregado daquele ofício, porque, abusando e não aproveitando, se torna indigno.

(6) Depois, Jesus seguiu vindo várias vezes no dia de hoje, mas tão aflito que dava piedade e até fazia chorar, talvez até às próprias pedras. Por quanto pude, busquei consolá-lo; ora O abraçava, ora lhe sustentava a cabeça tão sofrida, ora lhe dizia: "Coração do meu coração, Jesus, nunca foi teu costume aparecer a mim tão aflito, se outras vezes te fizeste ver aflito, com verter em mim tuas amarguras, logo mudaste o semblante, mas agora me é negado te dar este alívio. Quem diria, que depois de tanto tempo que te dignaste derramar tuas amarguras em mim e fazer-me partícipe de teus sofrimentos, e que Tu mesmo fizeste tanto para me dispor, agora deva ficar privada? O sofrer por teu amor era meu único alívio, era o sofrer o que me fazia suportar o exílio do Céu, mas agora, faltando-me isso sinto que não tenho mais onde apoiar-me e a vida me aborrece. Ah, Esposo santo, amado Bem, amada Vida minha, faz com que voltem a mim as penas, dá-me o sofrer, não olhes minha indignidade e meus graves pecados, mas tua grande Misericórdia que não está esgotada”.

(7) Enquanto desabafava com Jesus, Ele, aproximando-se mais de mim me disse:

(8) “Minha filha, é minha Justiça que quer descarregar-se sobre as criaturas. O número de pecados dos homens está quase completo, e a Justiça quer sair para demonstrar seu furor e reparar-se das injustiças dos homens. Bem, para fazer-te ver como estou amargurado e para contentar-te um pouco, quero verter em ti só minha respiração.”

(9) E assim, aproximando seus lábios dos meus, enviava-me seu sopro, que era tão amargo que me sentia amargar a boca, o coração e toda a minha pessoa. Se apenas sua respiração era tão amarga, que será do resto de Jesus? Deixou-me com tanta pena, que me senti transpassar o coração.

+ + + +

Jesus a contenta, verte de seu lado doçuras e amarguras. Passa o dia junto com Jesus.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus continuava fazendo-se ver aflito, transportou-me fora de mim mesma e me fazia ver as ofensas que recebia, e eu comecei a pedir de novo que derramasse em mim suas amarguras. Jesus a princípio não me dava atenção e somente disse-me:

(2) “Minha filha, a caridade só é perfeita quando é feita com o único fim de agradar-me, e então é verdadeira e é reconhecida por Mim quando está despojada de tudo”.

(3) Eu, aproveitando suas próprias palavras lhe disse: “Meu amado Jesus, é precisamente por isso que quero que Tu derrames em mim tuas amarguras, para poder te aliviar em tantas penas. E se te peço que livres também as criaturas, é porque recordo bem que Tu em outras ocasiões, depois de haver castigado as criaturas, ao vê-las sofrer tanto a pobreza e outras coisas, muito sofreste também Tu. Por outro lado, quando eu estive atenta e te pedi e importunei até te cansar, que derramasses em mim tuas amarguras, tanto que te agradavas em derramar em mim, livrando-as, depois Tu ficaste muito contente, não recordas? E além disso, não são tuas imagens?”

(4) Jesus, vendo-se convencido, disse-me: “Por ti é necessário contentar-te, aproxima-te e bebe de meu lado”.

(5) Assim fiz, aproximei-me para beber de seu lado, mas em vez de sair a amargura, chupava um sangue dulcíssimo, que me embriagava toda de amor e de doçura. Sim, por Ele estava contente, mas não era esta minha intenção. Por isso, dirigindo-me a Ele disse-lhe: “Meu querido Bem, o que fazes? Não é amargo o que me dás, mas doce. Ah, rogo-te, derrama Tu em mim tuas amarguras!” E Jesus, olhando-me benignamente me disse:

(6) “Continua bebendo, que depois virá o amargo”.

(7) Assim, pondo-me novamente em seu lado, depois que seguiu saindo o doce, saiu também o amargo. Mas quem pode dizer a intensidade da amargura? Depois que me saciei de beber, retirei-me e, vendo sua cabeça que tinha a coroa de espinhos, a tirei e a afundei em minha cabeça; e Jesus parecia todo condescendente, enquanto que em outras ocasiões não havia permitido isso. Como era belo ver Jesus depois que derramou suas amarguras! Parecia quase desarmado, sem força, todo sossegado, como um humilde cordeirinho, todo condescendente. Eu percebi que a hora era tardíssima, e como o confessor havia vindo cedo esta manhã para chamar-me à obediência, não é que eu soubesse que devia ser chamada pela obediência, porque ante a obediência Jesus me deixa livre, por isso, voltando-me a Ele, disse: “Jesus dulcíssimo, não

permitas que eu sirva de incômodo à família e de aborrecimento ao confessor com fazê-lo vir de novo. Ah, peço-te, faz-me Tu mesmo regressar em mim!” E Jesus me disse:

(8) “Minha filha, não quero te deixar este dia”.

(9) E eu: “Tampouco eu tenho coração para te deixar, mas só por um pouquinho, para fazer a família ver que estou em mim mesma e depois voltaremos a estar juntos”. Assim, depois de um longo debate, dando-nos um adeus recíproco, deixou-me um pouco. Era exatamente a hora da refeição e a família vinha me chamar, e embora me sentia em mim mesma, mas me sentia toda cheia de sofrimento, a cabeça não a aguentava, o amargo e o doce bebido do lado de Jesus me davam tal saciedade e sofrimento ao mesmo tempo, que me resultava impossível poder tomar alguma outra coisa. A palavra dada a Jesus me fazia sentir-me entre espinhos. Assim, com o pretexto de que me doía a cabeça, disse à família: “Deixem-me só, que não quero nada”. E assim fiquei livre de novo, e em seguida comecei a chamar o doce Jesus, e Ele sempre benigno, regressou. Mas quem pode dizer o que passei hoje, quantas graças Jesus fez à minha alma, quantas coisas me fez entender? É impossível poder expressá-lo com palavras. Assim, depois de um longo período, Jesus, para acalmar meus sofrimentos, de sua boca verteu um leite doce e depois à noite me deixou, dando-me sua palavra de que logo regressaria, e assim me encontrei de novo em mim mesma, mas um pouco mais livre de sofrimentos.

+ + + +

2-23

16 de maio de 1899

Jesus fala da cruz e se lamenta das almas devotas.

(1) Jesus seguiu por outros dias manifestando-se do mesmo modo, não querendo separar-se de mim. Parecia que aquele pouco de sofrimentos que havia vertido em mim O atraíam tanto, que não sabia estar sem mim. Esta manhã verteu outro pouco de amargura de sua boca na minha e depois me disse:

(2) “A Cruz dispõe a alma à paciência. A Cruz abre o Céu e une juntos Céu e Terra, isto é, Deus e a alma. A virtude da Cruz é poderosa e quando entra em uma alma tem a virtude de tirar a ferrugem de todas as coisas terrenas, não apenas isso, mas dá o tédio, o aborrecimento, o desprezo pelas coisas da terra, e em troca lhe dá o sabor, o agrado pelas coisas celestiais, mas por poucos é reconhecida a virtude da Cruz, por isso a desprezam”.

(3) Quem pode dizer quantas coisas compreendi da Cruz enquanto Jesus falava? O falar de Jesus não é como o nosso, que tanto se entende por quanto se diz, mas que uma só palavra deixa uma luz imensa, que ruminando-a bem poderia fazer estar ocupado o dia todo em profundíssima meditação. Por isso, se eu quisesse dizer tudo me estenderia demasiado e me faltaria o tempo para fazê-lo. Depois de um pouco, Jesus regressou de novo, mas um pouco mais aflito. Eu rapidamente lhe perguntei a causa, e Jesus me fez ver muitas almas devotas e me disse:

(4) “Minha filha, o que olho em uma alma é quando se despoja da própria vontade. Então minha Vontade a investe, a diviniza e a faz toda minha. Olha um pouco para estas almas, se dizem devotas enquanto as coisas vão a seu modo, depois de uma pequena coisa, se não são longas suas confissões, se o confessor não as satisfaz, perdem a paz e algumas chegam a já não querer fazer nada mais. Isto diz que não é Minha Vontade a que predomina, mas a delas. Creia, então, minha filha, que erraram o caminho, porque quando vejo que em verdade querem me amar, tenho tantos modos de poder dar minha Graça”.

(5) Quanta pena dava ver Jesus sofrer por esse tipo de gente! Busquei compadecer-me d’Ele por quando pude e assim terminou.

+ + + +

2-24

19 de maio de 1899

A humildade dá a segurança dos favores celestiais.

(1) Esta manhã sentia medo que não fosse Jesus, mas o demônio que queria me enganar. Então Jesus veio e vendo-me com este temor me disse:

(2) “A humildade é a segurança dos favores celestiais. A humildade veste a alma de tal segurança, que as astúcias do inimigo não conseguem penetrar. A humildade põe a salvo todas as graças celestiais, tanto que, onde vejo a humildade, faço correr abundantemente qualquer classe de favores celestiais. Portanto, não queiras inquietar-te por isso, mas com olhar simples olhe sempre em teu interior, se estás investida pela bela humildade, e de todo o resto não te preocupes”.

(3) Depois me fez ver muitas pessoas religiosas e, entre elas, também sacerdotes de vida santa, mas por quão bons que fossem, não havia neles esse espírito de simplicidade para crer nas tantas

graças e nos diversos modos que o Senhor tem com as almas. E Jesus me disse:

(4) “Eu me comunico aos humildes e aos simples, porque logo creem em minhas graças e as têm em grande estima, mesmo que sejam ignorantes e pobres. Mas com estes outros que tu vês, Eu sou muito relutante, porque o primeiro passo que aproxima a alma de Mim é o crer. Então sucede que estes, com toda sua ciência, doutrina e até santidade, não provam nunca um raio de luz celestial, isto é, caminham pelo caminho natural e jamais chegam a tocar nem sequer por um momento o que é sobrenatural. Esta é também a causa pela qual no curso de minha vida mortal não houve nem sequer um erudito, um sacerdote, um poderoso em meu seguimento, mas todos ignorantes e de baixa condição, porque quanto mais humildes e simples, são também mais fáceis de fazer grandes sacrifícios por Mim”.

+ + + +

2-25

23 de maio de 1899

Jesus brinca e fala do verdadeiro desapego.

(1) Desta vez meu adorável Jesus queria brincar um pouco: vinha, fazia ver que queria me escutar, mas enquanto me punha a falar, como um raio desaparecia. Oh, Deus, que pena! Enquanto meu coração nadava nesta pena amarguíssima do afastamento de Jesus e estava quase um pouco inquieto, Jesus regressou de novo dizendo-me:

(2) “O que há, o que há? Mais tranquila, mais calma! Diz, diz, o que queres?”

(3) Mas no momento de responder-lhe, desapareceu. Eu fazia o quanto podia para acalmar-me, mas depois de algum tempo meu coração voltou a não saber dar-se paz sem seu único consolo, e talvez mais que antes. Jesus, voltando de novo, disse-me:

(4) “Minha filha, a doçura tem a virtude de fazer mudar a natureza das coisas, sabe converter o amargo em doce, por isso, mais doce, mais doce!”

(5) Mas não me deu tempo de dizer uma só palavra. Assim passei esta manhã.

(6) Depois disso, senti-me fora de mim mesma, junto com Jesus. Havia muitas pessoas, algumas ambicionavam as riquezas, algumas a honra, algumas a glória e algumas até a santidade, e tantas outras coisas, mas não por Deus, mas para serem tomadas em conta como

algo grande pelas demais criaturas. Jesus, dirigindo-se a elas, movendo a cabeça, disse-lhes:

(7) “Que tontos sois, estais formando a rede para enredar-vos”.

(8) Depois, dirigindo-se a mim, disse:

(9) “Minha filha, por isso a primeira coisa que tanto recomendo é o desapego de todas as coisas e até de si mesmo! E quando a alma se desapegou de tudo, não tem necessidade de fazer força para estar longe de todas as coisas da terra, que por elas mesmas se põem ao seu redor, mas vendo que não são levadas em conta, antes desprezadas, dando-lhe um adeus se despedem para não dar-lhe mais incômodo”.

+ + + +

2-26

26 de maio de 1899

Luísa vê seu próprio nada. Jesus lhe ensina sobre o desprezo de si mesmo.

(1) Esta manhã, encontrava-me em um tal aniquilamento de mim mesma, até sentir-me odiosa e irritada. Parecia-me ser a mais abominável que se pudesse encontrar. Eu me via como um pequeno verme que se movia e se movia, mas sempre ficava ali, na lama, sem poder dar um passo. Oh Deus, que miséria humana! No entanto, depois de tantas graças que me deste, ainda sou tão má. E meu bom Jesus, sempre benigno com esta miserável pecadora, veio e me disse:

(2) “O desprezo de si mesma só é louvável quando está bem investido pelo espírito de fé. Mas quando não está investido pelo espírito de fé, em vez de fazer-te bem poderá te causar dano, porque vendo-te tal e como tu és, que não podes fazer nada de bom, desconfiarás, permanecerás abatida, sem animar-te a dar um passo no caminho do bem. Mas apoiando-te em Mim, isto é, investindo-te do espírito de fé, virás a conhecer e a desprezar a ti e ao mesmo tempo a conhecer a Mim, confiando totalmente em poder fazer tudo com minha ajuda, e eis aqui que fazendo desta maneira, caminharás segundo a verdade”.

(3) Quanto bem fez à minha alma este falar de Jesus! Compreendi que devo entrar em meu nada e conhecer quem sou eu, mas não devo deter-me ali, mas imediatamente depois de haver conhecido a mim mesma, devo voar ao mar imenso de Deus e ali deter-me a tomar todas as graças que se necessitam para minha alma. De outra

maneira a natureza fica debilitada e o demônio buscará meios para lançá-la na desconfiança.

(4) Seja sempre bendito o Senhor e seja sempre tudo para a Sua glória!

+ + + +

2-27

31 de Maio de 1899

Jesus se lamenta do confessor e o aconselha.

(1) Esta manhã, estando em meu habitual estado, meu adorável Jesus veio e ao mesmo tempo vi o confessor. Jesus se mostrava um pouco desgostoso com ele, porque parecia que o confessor queria que todos aprovassem que o que era meu era obra de Deus e quase queria convencer a outros sacerdotes com manifestar-lhes algumas coisas do meu interior. Jesus se voltou para o confessor e lhe disse:

(2) “Isto é impossível, até Eu tive oposições e isto em pessoas das mais notáveis e também sacerdotes e outros dignatários, tiveram que falar sobre minhas santas obras, até taxar-me de endemoninhado. Estas oposições, ainda que por pessoas religiosas, Eu as permito para fazer que a seu tempo, a verdade possa reluzir mais. Que queiras te aconselhar com dois ou três sacerdotes dos melhores e santos e mesmo eruditos, para ter luz e até para fazer o que Eu quero nas coisas que se devem fazer, como é o conselho dos bons e a oração, isso Eu o permito, porém o resto não, não, seria querer fazer desperdício de minhas obras e zombar delas, o que muito me desgosta.”

(3) Depois me disse: “O que quero de ti é um agir reto e simples, que do pró e do contra das criaturas não te preocupes, deixe-as pensar como queiram, sem tomar-te o mínimo aborrecimento, pois o querer que todos sejam favoráveis é um querer desviar-se da imitação de minha Vida.”

+ + + +

2-28

2 de Junho de 1899

Sobre o conhecimento de si mesmo.

(1) Esta manhã meu dulcíssimo Jesus quis fazer-me tocar o meu nada com minhas próprias mãos. No momento em que se fez ver, as primeiras palavras que me dirigiu foram:

(2) “Quem sou Eu e quem és tu?”

(3) Nessas palavras vi duas luzes imensas: Em uma compreendia a Deus, na outra via minha miséria, meu nada. Via que eu não era outra coisa que uma sombra, como aquele reflexo que faz o Sol ao iluminar a Terra, que depende do Sol e que passando a outros pontos, o reflexo deixa de existir. Assim minha sombra, isto é, meu ser depende do místico Sol Deus e que em um simples instante pode desfazer essa sombra. O que mais dizer de como deformei esta sombra que o Senhor me deu, não sendo nem sequer minha? Dá horror em pensar, malcheirosa, apodrecida, toda cheia de vermes e no entanto, neste estado tão horrendo estava obrigada a estar diante de um Deus tão santo. Oh, como ficaria feliz se pudesse esconder-me nos mais escuros abismos! Depois disso Jesus me disse:

(4) “O maior favor que posso fazer a uma alma é fazê-la conhecer a si mesma. O conhecimento de si e o conhecimento de Deus vão de mãos dadas, por quanto conheceres a ti mesma, outro tanto conhecerás a Deus. A alma que conheceu a si, vendo que por si mesma não pode fazer nada de bom, transforma esta sombra de seu ser em Deus e disso resulta que em Deus faz todas as suas ações. Acontece que a alma está em Deus e caminha junto a Ele, sem olhar, sem investigar, sem falar; em uma palavra, como morta, porque conhecendo a fundo o seu nada, não se atreve a fazer nada por si mesma, mas cegamente segue as ações do Verbo.”

(5) A mim parece que à alma que conhece a si mesma lhe acontece como a essas pessoas que vão em um transporte, que enquanto passam de um lugar a outro sem dar um passo por elas mesmas, fazem longas viagens, porém tudo isso em virtude do transporte que as leva. Assim a alma, entrando em Deus, como as pessoas no transporte, faz voos sublimes no caminho da perfeição, porém conhecendo plenamente que não ela, mas em virtude daquele Deus bendito que a leva em Si mesmo. Oh! Como o Senhor favorece, enriquece, concede as maiores graças à alma que sabendo que não a si mesma, mas tudo a Ele atribui. Oh, alma que conheces a ti mesma, como sois afortunada!

+ + + +

2-29

3 de Junho de 1899

Jesus derrama suas amarguras em Luísa para não castigar.

(1) Esta manhã, encontrava-me em um mar de aflição porque Jesus ainda não havia vindo. Sentia tal dor, que me sentia arrancar o coração. Quando veio o confessor para me chamar à obediência, porque deveria celebrar a Santa Missa e Jesus sem fazer-se ver, nem sequer uma sombra como é seu costume, que quando não vem se faz ver uma mão ou um braço, especialmente quando é dia de receber a Comunhão, como esta manhã. Ele mesmo vem, purifica-me, prepara para-me receber a Ele mesmo sacramentalmente. E eu dizia para mim: “Esposo Santo, Jesus amável, porque não vens Tu mesmo a preparar-me? Como poderei receber-Te? Entretanto, chegou a hora, chegou o confessor e Jesus sem vir. Que pena dilacerante, quantas lágrimas amargas!

(2) O confessor me disse: “O verás na Comunhão e lhe perguntarás por obediência o porquê não vem e o que quer de ti.”

(3) Depois da Comunhão vi meu bom Jesus, sempre benigno com essa miserável pecadora. Transportou-me para fora de mim mesma e eu O tinha em meus braços, era como um menino, todo aflito. Eu, rapidamente comecei a dizer-lhe: “Meu Menininho e meu único Bem, como é que não vens? Em que te ofendi? O que queres de mim que me fazes chorar tanto?” Porém ao dizer isso, era tanta a aflição que mesmo O tendo entre os braços continuava chorando. Porém, mesmo antes de eu terminar de dizer a última palavra, Jesus aproximando sua boca à minha derramou suas amarguras, sem responder-me uma só palavra. Quando terminava de derramar eu começava de novo a dizer, mas Jesus sem me dar atenção se punha de novo a derramar em mim. Depois disso, sem responder-me nada do que eu queria, disse-me:

(4) “Faz-me derramar em ti, de outra maneira, assim como destruí com o granizo outros lugares, assim destruirei os vossos. Por isso, faz-me derramar e não penses em outra coisa.”

(5) Assim, sem dizer-me outra coisa terminou.

+ + + +

2-30

5 de Junho de 1899

Jesus reza junto com Luísa.

(1) Continua ainda o estado de aniquilamento, mas a tal ponto que não ousava dizer uma palavra a meu Amado Jesus. Porém, esta manhã, tendo Jesus compaixão de meu miserável estado, Ele mesmo quis aliviar-me e eis aqui como: Enquanto se fez ver e eu me sentia

toda aniquilada e envergonhada diante d'Ele, Jesus se aproximou de mim, porém tão estreitamente que me parecia que Ele estivesse em mim e eu n'Ele e me disse:

(2) “Minha amada filha, que tens que estás tão aflita? Diz-me tudo que te contentarei e remediarei tudo.”

(3) Mas como continuava vendo a mim mesma como disse no dia anterior, então vendo-me tão má, nem sequer ousei dizer-lhe nada, porém Jesus replicou: “Logo, logo, diz-me o que desejas, não demores.”

(4) Vendo-me quase obrigada e rompendo em abundante pranto, lhe disse: “Jesus santo, como queres que não esteja aflita, depois de tantas graças não deveria ser tão má. Às vezes, até nas boas obras que busco fazer, nas mesmas orações, mesclo tantos defeitos e imperfeições que eu mesma sinto horror. Que será diante de Ti que sois tão perfeito e santo? E além do mais, o escassíssimo sofrimento em comparação com o de antes, teu grande atraso em vir, tudo me diz claramente que meus pecados, minha grande ingratidão são a causa, e que Tu, enojado comigo me negas também o pão cotidiano que Tu concedes a todos geralmente, como é a cruz, assim, depois terminarás com abandonar-me de todo. Se pode dar maior aflição do que esta?” Jesus, tendo compaixão de mim, estreitou-me ao seu Coração e me disse:

(5) “Não temas, esta manhã faremos as coisas juntos, assim Eu suprirei as tuas”.

(6) Então me pareceu que Jesus continha uma fonte de água e outra de sangue em seu peito e nessas duas fontes submergiu minha alma, primeiro na água e depois no sangue. Quem pode dizer como ficou purificada e embelezada a minha alma? Depois nos pusemos a rezar juntos recitando três “Glória ao Pai” e isto me disse que o fazia para suprir minhas orações e adorações à Majestade de Deus. Oh, como era belo e comovedor rezar junto com Jesus! Depois disso, Jesus me disse:

(7) “Não te aflijas por não sofrer, queres tu antecipar a hora designada por Mim? Meu agir não é apressado, mas tudo a seu tempo, cumprimos cada coisa, mas no seu devido tempo.”

(8) Depois, por um acontecimento todo providencial, inesperadamente, tendo o Viático saído da Igreja para ir a outros enfermos, eu também recebi a Comunhão. Quem pode dizer tudo o que se passou entre Jesus e eu, os beijos, as carícias que Jesus me fazia? É impossível poder dizer tudo. Parecia-me que depois da Comunhão via a sagrada partícula e ora via na partícula a boca de Jesus, ora os olhos, ora uma mão e depois se fez ver Ele todo. Transportou-me fora de mim mesma e ora me encontrava na abóboda dos Céus e ora me encontrava sobre a terra, em meio aos

homens, porém sempre junto com Jesus. Ele de vez em quando ia repetindo:

(9) “Oh! Como és bela minha amada, se tu soubesses quanto te amo! E tu, quanto me amas?”

(10) Ao ouvir que me dizia essas palavras senti tal confusão que me sentia morrer, porém com tudo isso tive a coragem de dizer-lhe: “Meu lindo Jesus, sim, Te amo muito e Tu se verdadeiramente me amas tanto, diz-me também: Tu me perdoas por todo o mal que Te fiz? E também concede-me o sofrimento.”

(11) E Jesus: “Sim que te perdoo e quero contentar-te em derramar em abundância minhas amarguras em ti.”

(12) Assim Jesus derramou suas amarguras. Parecia-me que tivesse uma fonte de amarguras em seu Coração, recebidas pelas ofensas dos homens e a maior parte a derramava em mim. Depois Jesus me disse:

(13) “Diz-me, que outra coisa queres?”

(14) E eu: “Jesus santo, recomendo-te o meu confessor, faze-o santo e dá-lhe também a saúde do corpo, e além disso, é vontade tua que este sacerdote venha?”

(15) E Jesus: “Sim”.

(16) E eu: “Se fosse tua vontade o farias estar bem.”

(17) E Ele: “Fique quieta, não queiras investigar demais meus juízos.”

(18) E nesse mesmo instante me fazia ver a melhora da saúde do corpo e a santidade da alma do confessor e acrescentou:

(19) “Tu queres ser apressada, porém Eu faço tudo a seu tempo.”

(20) Depois lhe recomendei as pessoas que me pertencem e pedi pelos pecadores dizendo a Jesus: “Oh, quanto desejo que meu corpo se reduzisse em pequeníssimos pedaços, contanto que os pecadores se convertessem!” E beijei a fronte, os olhos, o rosto, a boca de Jesus, fazendo várias adorações e reparações pelas ofensas que lhe fazem os pecadores. Oh, como Jesus estava contente e eu também! Depois fazendo Jesus prometer-me que não voltaria a me deixar, voltei a mim mesma e assim terminou.

+ + + +

2-31

8 de Junho de 1899

Efusões de amor entre Jesus e Luísa.

(1) Meu adorável Jesus continua fazendo-se ver todo benignidade e doçura. Esta manhã enquanto me encontrava junto com Ele,

novamente repetiu: “Diz-me, que queres?” E eu em seguida lhe disse: “Meu querido Jesus, o que de verdade gostaria é que todo mundo se convertesse.” (Que petição tão absurda). Mas mesmo assim meu amante Jesus me disse:

(2) “Eu te contentaria, contanto que todos tivessem a boa vontade de salvar-se, no entanto para fazer-te ver que de boa vontade consentiria a todos o que disseste, vamos juntos em meio ao mundo e todos aqueles que encontrarmos com a boa vontade de salvar-se, por piores que sejam Eu os darei a ti.”

(3) Assim saímos em meio dos povos para ver quem tinha a boa vontade de salvar-se e para nosso maior desgosto encontramos um número tão escasso, que dá pena só em pensar. E entre esse escassíssimo número estava meu confessor e a maior parte dos sacerdotes e parte das almas devotas, porém não todos de Corato. Depois me fez ver as várias ofensas que recebia; eu lhe pedi que me fizesse participar dos seus sofrimentos e Jesus derramou de sua boca na minha suas amarguras. Depois disso me disse:

(4) “Minha filha, sinto a boca ainda muito amarga, anda, ah! Peça-te que a adoces.”

(5) E eu lhe disse: “Com gosto te daria tudo, porém não tenho nada, diz-me Tu mesmo que coisa poderia te dar.” E Ele me disse:

(6) “Faz-Me chupar o leite de teus peitos e assim poderás adoçar-me.”

(7) E no mesmo instante que falou se aconchegou entre meus braços e se pôs a chupar. Enquanto fazia isso, me veio um temor de que não fosse o Menino Jesus, mas o demônio, por isso pus minha mão sobre sua testa e lhe fiz o sinal da Cruz: “Per signum Crucis”. E Jesus me olhou todo festivo e no ato mesmo de chupar sorria e com aqueles olhos vivazes parecia me dizer: “Não sou demônio, não sou demônio.”

(8) Depois, quando parecia que estava saciado, se pôs de pé em meus braços e me beijava toda. Agora, sentindo também eu a boca amarga pelas amarguras que havia derramado em mim, sentia vontade de chupar os peitos de Jesus, porém não me atrevia. Então Jesus me convidou a fazê-lo e assim tomei coragem e me pus a chupar. Oh, que doçura de paraíso vinha daquele peito santo! Porém, quem pode dizê-lo? Então me encontrei em mim mesma toda inundada de doçuras e de alegrias.

(9) Agora explico que quando Jesus chupa de meus peitos, o corpo não participa em nada, pois é quando me encontro fora de mim mesma, parece que a cena acontece somente entre a alma e Jesus e Ele quando quer fazer isso, é sempre como criança. É tão certo que é somente a alma e não o corpo, que quando isso acontece eu sempre me encontro na abóboda do Céu, ou bem girando por outros pontos

da Terra. Agora, como em algumas ocasiões disse que regressando em mim mesma sentia uma dor naquela parte em que o Menino Jesus havia chupado, é porque ao chupar, às vezes parecia que o fazia um pouco forte, tanto que parecia que com aquelas chupadas queria puxar o coração de dentro do peito, por isso sentia sensivelmente uma dor e a alma regressando em mim mesma, o corpo participava.

(10) Além do mais, isso acontece também nas outras coisas, como por exemplo quando o Senhor me transporta fora de mim mesma e me faz partícipe da crucifixão. O próprio Jesus me estende sobre a cruz, me transpassa as mãos e os pés com os cravos e sinto uma dor tal que me sinto morrer. Depois, encontrando-me em mim mesma, os sinto muito bem no corpo, tanto é verdade que não posso mover os dedos, os braços e assim dos demais sofrimentos dos quais o Senhor me faz partícipe, se tivesse que dizer tudo me alargaria demais.

(11) Recordo também que enquanto Jesus fazia isso de chupar em meus peitos, neles punha a boca, porém era do coração que sentia sair aquela coisa que chupava, tanto que enquanto fazia isso, as vezes sentia me arrancar o coração do peito e algumas vezes sentindo uma vivíssima dor lhe dizia: “Meu querido, és muito impertinente, fá-lo mais suave pois me dói muito.” E Ele ria.

(12) Assim quando eu me encontro chupando a Jesus, é do seu Coração que retiro esse leite, ou bem sangue, tanto que para mim é o mesmo chupar de seu peito e beber do seu lado. Acrescento também outra coisa, que o Senhor de vez em quando se digna derramar de sua boca um leite dulcíssimo, ou bem me faz beber de seu lado seu preciosíssimo Sangue e quando faz isso de querer chupar de mim, não chupa outra coisa que aquilo mesmo que Ele me deu, porque eu não tenho nada para adoçá-lo, mas muito para amargá-lo. Tanto é verdade que no mesmo momento que Ele chupava de mim e eu chupava d’Ele e notava claramente que o que saía de mim não era outra coisa senão o que Ele mesmo me dava. Parece que me expliquei suficientemente por quanto pude.

+ + + +

2-32

9 de Junho de 1899

Jesus a faz ver as ofensas que recebe.

(1) Passei esta manhã muito angustiada por ver tantas ofensas que faziam os homens, especialmente por certas desonestidades horrendas. Quanta dor dava a Jesus a perda das almas, muito mais

de uma criança recém-nascida que queriam matar sem administrar-lhe o santo batismo. A mim parece que este pecado pesa tanto na balança da Divina Justiça, que é dos que mais clama vingança diante de Deus. No entanto, muito frequentemente se renovam essas cenas dolorosas. Meu dulcíssimo Jesus estava tão aflito que dava piedade. Vendo-O em tal estado, não me atrevi a dizer-lhe nada e Jesus somente me disse:

(2) “Minha filha, une teus sofrimentos com os meus, tuas orações com as minhas, assim, diante da Majestade de Deus são mais aceitáveis e aparecem não como coisa tua, mas como obras minhas.”

(3) Depois seguiu fazendo-se ver outras vezes, porém sempre em silêncio. Seja sempre bendito o Senhor.

+ + + +

2-33

11 de Junho de 1899

Efeitos que recebem aqueles que se aproximam de Luísa.

(1) Meu doce Jesus continua fazendo-se ver pouquíssimas vezes e quase sempre em silêncio. Sentia minha mente toda confusa e cheia de medo de perder a meu único Bem e por tantas outras coisa que não é necessário dizer aqui. Oh, Deus que pena! Enquanto estava nesse estado, assim que se fez ver, parecia que trazia uma luz e que dessa luz saíam muitos globinhos de luz e Jesus me disse:

(2) “Retira todo temor do teu coração. Olha, Eu te trouxe este globo de luz para pô-lo entre tu e Eu e entre aqueles que se aproximam de ti. A aqueles que se aproximarem de ti com o coração reto e para fazer-te o bem, estes globinhos de luz que saem penetrarão em suas mentes, descerão em seus corações e os encherão de gozo e de graças celestiais e compreenderão com claridade o que faço em ti. Aqueles que venham com outras intenções experimentarão o contrário e por esses globinhos de luz ficarão deslumbrados e confusos.” Assim fiquei mais tranquila. Seja tudo para a glória de Deus.

+ + + +

2-34

12 de Junho de 1899

Jesus mesmo a prepara para a Comunhão.

(1) Esta manhã, devendo receber a Comunhão, estava pedindo ao bom Jesus que viesse Ele mesmo a preparar-me antes que viesse o confessor para celebrar a Santa Missa. De outra maneira, como poderei recebê-lo, sendo tão má e indisposta? Enquanto fazia isso, meu doce Jesus ficou satisfeito em vir. No mesmo momento em que O vi, parecia-me que não fazia outra coisa que inundar-me com seus olhares puríssimos e resplandecentes de luz. Quem pode dizer o que faziam em mim aqueles olhares penetrantes que não deixavam escapar nem sequer a sombra de um pequeno defeito? É impossível poder dizer; e mais, queria deixar tudo isso em silêncio, porque as operações internas da graça dificilmente se sabe expor com a boca tal qual são, mais parece que se desfiguram, porém a senhora obediência não quer e quando é por ela se necessita fechar os olhos e ceder sem dizer mais nada, de outra maneira, ai por todas as partes, porque sendo senhora, por si mesma se faz respeitar.

(2) Então sigo dizendo: No primeiro olhar pedi a Jesus que me purificasse e assim me parecia que de minha alma se sacudia tudo que a ensombrecia. No segundo olhar, pedi-lhe que me iluminasse, porque em que aproveita a uma pedra preciosa ser pura se não está resplandecente para atrair os olhares daqueles que a olham? A olharão, sim, porém com olhos indiferentes. Quanto mais eu, que não somente deveria ser olhada, mas identificada com meu doce Jesus, tinha necessidade daquela luz, que não só tornava minha alma resplandecente, mas me fazia entender a grande ação que estava por realizar. Por isso, não me bastava ser purificada, mas também iluminada. Então Jesus naquele olhar parecia que me penetrava, como a luz do sol penetra o cristal. Depois disso, vendo que Jesus continuava me olhando, disse-lhe: “Amantíssimo Jesus, já que foi do teu agrado primeiro purificar-me e depois iluminar-me, digna-te agora a santificar-me, muito mais que devendo receber a Ti, que sois o Santo dos Santos, não é justo que eu seja tão diferente de Ti.”

(3) Então Jesus, sempre benigno para essa miserável, inclinou-se até a mim, tomou minha alma entre seus braços e parecia que a retocava com suas próprias mãos. Quem pode dizer o que faziam em mim aqueles toques dessas mãos criadoras? Como minhas paixões diante daqueles toques se punham em seu lugar, meus desejos, inclinações, afetos, batidas do coração e meus demais sentidos, santificados por aqueles toques divinos se transformavam em algo totalmente diferente e unidos entre eles, não mais discordantes como antes, formavam uma doce harmonia ao ouvido do meu amado Jesus, parecia-me que eram tantos raios de luz que feriam seu Coração adorável. Oh, como Jesus se recreava e que momentos felizes tem sido para mim! Ah! Eu experimentava a paz dos santos, para mim era um paraíso de alegrias e de delícias.

(4) Depois disso, parecia que Jesus vestia a minha alma com o vestido da Fé, da Esperança e da Caridade e no próprio ato de me vestir, Jesus me sugeria o modo como deveria exercitar-me nessas três virtudes. Agora, enquanto estava fazendo isso, Jesus, enviando outro raio de luz, fez-me entender meu nada. Ah! Parecia-me que era como um grão de areia em meio a um vastíssimo mar que é Deus, e esse pequeno grão perdia-se naquele mar imenso, mas se perdia em Deus. Depois me transportou fora de mim mesma, levando-me entre seus braços e me ia sugerindo vários atos de contrição de meus pecados. Recordo somente que tenho sido um abismo de iniquidade. Senhor, quantas negras ingratidões tenho tido para Contigo!

(5) Enquanto fazia isso, olhei para Jesus que tinha a coroa de espinhos na cabeça, estendi a mão e a retirei dizendo-lhe: “Dá-me os espinhos, ó Jesus, que sou pecadora, a mim convêm os espinhos, não a Ti que és o Justo, o Santo.” Assim, o próprio Jesus a cravou sobre minha cabeça. Depois, não sei como, desde longe vi o confessor, em seguida pedi a Jesus que fosse preparar o confessor para recebê-Lo na Comunhão, então parecia que Jesus ia com ele. Depois de um pouco regressou e me disse:

(6) “Quero que uma seja a forma de tratar entre Eu e tu e o confessor, e assim também quero dele que te olhe e trate contigo como se fosses outro Eu, porque sendo tu vítima como fui Eu, não quero nenhuma diferença e isso para fazer que tudo seja purificado e que em tudo resplandeça somente meu Amor.”

(7) Eu lhe disse: “Senhor, isso parece impossível, que possa tratar com o confessor como o faço Contigo, especialmente ao ver a instabilidade.” E Jesus:

(8) “No entanto é assim, a verdadeira virtude, o verdadeiro amor, tudo faz desaparecer, tudo destrói e com uma maestria que encanta, em todo o seu agir, não faz resplandecer outra coisa que somente a Deus e tudo olha em Deus.”

(9) Depois disso, veio o confessor para chamar-me à obediência e assim celebrar a Santa Missa e por isso terminou. Então, escutei a Santa Missa e recebi a Comunhão. Quem pode dizer a intimidade que houve entre Jesus e eu? É impossível poder manifestá-la, não tenho palavras para fazer-me entender, por isso o deixo em silêncio.

+ + + +

2-35

14 de Junho de 1899

Expectativa. Jesus quer castigar.

(1) Esta manhã, o amantíssimo Jesus não vinha e em meu interior eu ia pensando: “Como é que não vem? Que há de novo? Ontem veio frequentemente e hoje já é tarde e ainda não se faz ver, que dor! Quanta paciência se necessita com Jesus!” Todo meu interior parecia que se levantava em armas porque queriam a Jesus e me faziam uma guerra que me dava penas de morte. A vontade, como superior a tudo, buscava trazer paz em persuadir a meus sentidos, inclinações, desejos, afetos e a todo o resto para aquietar-se, porque Jesus devia vir. Assim, depois de um longo penar, Jesus veio trazendo uma taça na mão, cheia de sangue coagulado, apodrecido e pestilento e me disse:

(2) “Olha esta taça de sangue, a derramarei sobre o mundo.”

(3) Enquanto assim dizia veio a Mamãe, a Virgem Santíssima e junto com ela meu confessor e pediam a Jesus que não derramasse sobre o mundo, mas que me fizesse beber. O confessor lhe disse: “Senhor, em que se aproveita tê-la como vítima se não queres derramar sobre ela? Absolutamente quero que a faças sofrer e perdoes as pessoas.”

(4) A Mamãe chorava e insistia diante de Jesus e diante do confessor para que não desistisse de rogar até que Jesus aceitasse a mudança. Jesus insistia em que queria derramar sobre todo o mundo e parecia que se irritava. Eu me via toda confusa, não sabia dizer nada porque era tanto o horror que se sentia ao ver aquela taça cheia de sangue tão espantosa que estremecia toda a natureza, que seria bebê-la? No entanto, estava resignada, porque se o Senhor a tivesse me dado eu a aceitaria. Além do mais, quem pode dizer os castigos que continham naquele sangue se o Senhor a derramasse no mundo? Precisamente desde esse dia parece que tem preparado uma chuva de granizo que causará muito dano e parece que deve continuar nos dias seguintes.

(5) Depois, Jesus parecia um pouco mais calmo, tanto que parecia que abraçava o confessor porque havia lhe implorado daquela maneira, porém sem chegar a nenhuma determinação se a deve derramar sobre os povos ou não. Assim terminou, deixando-me uma dor indescritível pelo que poderia acontecer.

+ + + +

2-36

16 de Junho de 1899

Obtém que Jesus perdoe em parte sua cidade.

(1) Jesus continua mostrando que deseja castigar. Eu lhe roguei que vertesse em mim suas amarguras para livrar a todo o mundo e se isso não fosse possível, ao menos para aqueles que me pertenciam e a minha cidade. A essa intenção parecia que se unia também a intenção do confessor, assim parecia que Jesus, vencido pelas orações, derramou um pouco de sua boca, porém não aquela taça descrita antes. Este pouco que derramou, parecia que o fazia para livrar de algum modo a minha cidade, porém não de todo e a aqueles que me pertencem.

(2) No entanto, esta manhã eu fui a causa da aflição para Jesus, pois depois de haver derramado O vi mais tranquilo, sem pensar lhe disse: “Meu amável Jesus, peço-te que me liberes do incômodo que dou ao confessor, de fazê-lo vir todos os dias. Que custa a Ti liberar-me? Que Tu mesmo me ponhas nos sofrimentos e Tu mesmo me liberes? Certamente não Te custa nada e se queres tudo podes”. Enquanto lhe dizia isso, Jesus tinha um rosto tão aflito, que essa aflição eu a sentia penetrar até o íntimo do meu coração e sem dizer-me nada desapareceu. Como fiquei mortificada ao pensar especialmente que não viria mais, somente o Senhor sabe, porém pouco depois regressou, porém com maior aflição, trazendo um rosto todo inchado e cheio de sangue, porque nesse momento Lhe haviam feito aquelas ofensas. Jesus todo triste me disse:

(3) “Vês o que me fizeram, como dizes que não queres que castigue as criaturas? Os castigos são necessários para humilhá-las e não deixá-las orgulharem-se mais.”

+ + + +

2-37

17 de Junho de 1899

Luta com Jesus e O convence a não dormir.

(1) Continua sempre o mesmo, porém especialmente esta manhã estive discutindo com meu Amado Jesus. Ele queria continuar enviando granizo como fez nos dias anteriores e eu não o queria. Quando no melhor dessa discussão, parecia que se preparava um temporal e dava ordem aos demônios para que destruíssem com o flagelo do granizo a vários lugares. Nesse momento via que de longe o confessor me chamava dando-me a obediência de que fosse por em fuga os demônios para não deixá-los fazer nada. Enquanto saí para ir, Jesus veio ao meu encontro fazendo-me voltar atrás e eu lhe disse: “Senhor bendito, não posso, porque é a obediência que me

enviou e Tu sabes que eu e Tu devemos ceder diante dessa virtude, sem nos opor.”

(2) Então Jesus: “Bem, Eu o farei por ti.”

(3) E assim ordenou aos demônios que fossem para lugares mais distantes e que por agora não tocassem as terras pertencentes à nossa cidade.

(4) Depois me disse: “Voltemos.”

(5) Assim regressamos, eu para a cama e Jesus junto a mim. Apenas chegamos, Jesus queria repousar, dizendo que estava muito cansado e eu O detive dizendo-lhe: “Quem sabe que sono é esse que queres ter? Além do mais, que bonita obediência me tens feito fazer porque queres dormir. Isto é o muito que me queres e que queres contentar-me em tudo? Queres dormir? Dormes então, basta que me dêes tua palavra de que não farás nada.” Então, desgostando-se pelo meu descontentamento me disse:

(6) “Minha filha, ainda assim quero contentar-te. Façamos assim: vamos sair juntos novamente entre os povos e aqueles que vejamos que é necessário castigar por suas tantas ações infames e que quem sabe ao menos debaixo dos flagelos se arrependerão, ao que tu quiseses deles. E aqueles que são menos necessários castigar e que tu não queiras que o castigue Eu os livrarei.”

(7) E eu: “Senhor, eu te dou graças por tua suma bondade ao querer me contentar, porém com tudo isso não posso fazer o que me dizes, não sinto a força de pôr minha vontade para castigar a nenhuma de tuas criaturas, e mais, que tormento será para meu pobre coração quando ouvir que tal pessoa ou aquela outra foi castigada e que eu pus minha vontade? Jamais seja, jamais seja, ó Senhor!”

(8) Depois veio o confessor para me chamar em mim mesma e assim terminou.

+ + + +

2-38

19 de Junho de 1899

Quem faz desaparecer a si mesmo jamais comete pecados.

(1) Havendo passado ontem uma jornada de purgatório pela privação quase total do meu sumo Bem e por tantas tentações que me punha o demônio, parecia-me que cometia muitos pecados. Oh Deus, que dor ofender a Deus!

(2) Esta manhã, assim que vi a Jesus, rapidamente Lhe disse: “Bom Jesus, perdoa-me os tantos pecados que cometi ontem.” E

queria Lhe dizer todo o mal que sentia que tinha feito. Ele interrompendo-me disse:

(3) “Se te fazes desaparecer a ti mesma, não cometerás pecado jamais.”

(4) Eu queria seguir falando, mas Jesus fazendo-me ver muitas almas devotas e mostrando-me que não queria ouvir o que eu queria Lhe dizer, continuou dizendo:

(5) “O que mais me desgosta nessas almas é a instabilidade em fazer o bem, basta uma pequena coisa, um desgosto, até um defeito, enquanto que é então o tempo mais necessário para estreitar-se mais a Mim; estas ao contrário, se irritam, aborrecem e deixam no meio o bem começado. Quantas vezes lhes preparei graças para lhes dar, porém vendo-as tão instáveis, sou obrigado a retê-las.”

(6) Depois, percebendo que não queria saber nada do que eu queria Lhe dizer e vendo que meu confessor estava se sentindo um pouco mal, eu pedi longamente por ele e fiz várias perguntas a Jesus que não é necessário dizer aqui. E Jesus benignamente me respondeu a tudo e assim terminou.

+ + + +

2-39

20 de Junho de 1899

Como tudo está no amor.

(1) Continua quase sempre o mesmo. Esta manhã, parece que Jesus quis aliviar-me um pouco, depois de algum tempo procurando por Ele. De longe vi um menino e como raio que cai do Céu eu fui até lá. Assim que cheguei O tomei entre meus braços e vindo-me uma dúvida de que não fosse Jesus, disse-lhe:

(2) “Meu Tesourinho querido, diz-me, quem sois?”

(3) E Ele: “Eu sou teu querido e amado Jesus.”

(4) E eu a Ele: “Meu menininho bonito, Te peço que tomes meu coração e o leves contigo ao Paraíso, pois junto com o coração se irá minha alma.”

(5) Parecia que Jesus tomava meu coração e o unia de tal maneira ao Seu, que se faziam um só. Depois, abriu-se o Céu, parecendo que se preparava uma festa grandíssima; no mesmo instante, desceu do Céu um jovem de aparência formosa, todo cintilante de fogo e chamas. Jesus me disse:

(6) “Amanhã é a festa do Meu querido Luís, devo assistir.”

(7) E eu: “Então me deixas sozinha, como farei?”

(8) E Ele: “Tu também virás, olha como Luís é belo, porém o que foi maior nele, o que o distinguiu na terra, era o amor com o qual agia, tudo nele era amor, o amor lhe ocupava o interior, o amor o cercava no exterior, assim que também a respiração se podia dizer que era amor, por isso que dele se diz que jamais sofreu distração, porque o amor o inundava por todas as partes e por este amor será inundado eternamente, como tu vês.”

(9) E assim parecia que era tão grande o amor de São Luís, que podia incinerar a todo o mundo. Depois Jesus acrescentou:

(10) “Eu passeio sobre os montes mais altos e neles formo Minha delícia.”

(11) Eu não entendi o significado, e continuou dizendo:

(12) “Os montes mais altos são os santos que mais me amaram e Eu faço deles Minha delícia quando estão sobre a terra e quando passam ao Céu, assim que tudo está no amor.”

(13) Depois disso, pedi a Jesus que me abençoasse e a aqueles que via nesse momento, e Ele dando a bênção desapareceu.

+ + + +

2-40

21 de Junho de 1899.

Temores. Jesus promete não deixá-la jamais.

(1) Como Jesus não vinha, estava pensando comigo: “Quem sabe Jesus não vem mais e me deixa abandonada.” E não dizia outra coisa que: “Vem meu amado, vem!” De improviso veio e me disse:

(2) “Não te deixarei, jamais te abandonarei; também tu, vem, vem a Mim.”

(3) Eu em seguida corri para lançar-me em Seus braços, e enquanto estava assim Jesus voltou a dizer:

(4) “Não só não te deixarei, mas por amor a ti não deixarei Corato.”

(5) Depois, quase sem dar-me conta, em um instante desapareceu e eu fiquei desejando-O mais que antes e ia dizendo: “Que me fizeste? Como foste tão rápido sem sequer dizer-me adeus?”

(6) Enquanto desabafava minha aflição, a imagem do Menino Jesus que tenho perto de mim parecia que se tornava viva e de vez em quando tirava a cabeça da cúpula de cristal para ver o que eu fazia, quando via que eu percebia, Ele imediatamente entrava. E eu Lhe disse: “Se vê que és muito impertinente e portanto queres comportar-te como um menino e eu me sinto enlouquecer pela dor de que não vens, e Tu Te pões a jogar, pois bem, joga e também brinca que eu terei paciência.”

+ + + +

2-41

22 de Junho de 1899

Jesus joga e faz brincadeiras.

(1) Esta manhã, meu doce Jesus queria continuar entretendo-se e querendo brincar, vinha colocava Suas mãos em meu rosto, como se quisesse fazer-me uma carícia, mas no momento de fazê-la desaparecia. Vinha de novo, estendia Seus braços até meu pescoço em ato de querer me abraçar, porém enquanto estendia os meus para abraçá-Lo, fugia como um relâmpago, sem poder encontrá-Lo. Quem pode dizer as penas do meu coração? Enquanto meu coração nadava neste mar de imensa dor, até me sentir desfalecer, veio a Mamãe Rainha trazendo-O como Menino entre seus braços e assim nos abraçamos os três juntos, a Mamãe, o Filho e eu. Então tive tempo de Lhe dizer: “Meu Senhor Jesus, parece-me que retiraste tua graça de mim.”

(2) E Ele: “Tonta, tontinha que és! Como dizes que te retirei Minha graça enquanto estou em ti? E o que é Minha graça, senão Eu mesmo?”

(3) Fiquei mais confusa que antes vendo que não sabia falar e que naquelas duas palavras que tinha dito, não havia dito outra coisa que desatinos. Depois, a Rainha Mamãe desapareceu e Jesus parecia que se encerrava dentro do meu interior e lá ficava.

(4) Hoje, depois da meditação, deixava-se ver dormindo dentro de mim e eu O estava olhando, deleitando-me em Seu belo Rosto, porém sem despertá-Lo, feliz por ao menos vê-Lo, quando em um instante veio de novo a bela Mamãe Rainha, O retirou do meu coração e O moveu depressa para despertá-Lo; depois de despertá-Lo, colocou-O novamente em meus braços dizendo-me:

(5) “Minha filha, não O deixes dormir, porque se dorme verás o que acontecerá.”

(6) Era um temporal o que se preparava. Assim o Menino, meio dormindo, pôs Suas mãozinhas em meu pescoço e estreitando-me disse:

(7) “Minha mamãe, minha mamãe, deixa-Me dormir.”

(8) E eu: “Menino, meu belo Menino, não sou eu que não quer deixar-Te dormir, é Nossa Senhora Mamãe que não quer, e eu Te peço que a contentes; certamente que nada se nega à Mamãe e sobretudo a esta Mamãe”.

(9) Uns momentos depois de tê-Lo despertado, desapareceu e assim terminou.

+ + + +

2-42

23 de Junho de 1899.

Vê o confessor junto com Jesus e pede por ele.

(1) Havendo escutado a Santa Missa e recebido a Comunhão, meu amante Jesus se fazia ver desde dentro de meu coração, depois me senti sair fora de mim mesma, porém sem Jesus. Vi meu confessor e como ele me havia dito que depois da Comunhão Nosso Senhor viria e que pedisse por ele, então assim que o vi, disse-lhe: “Padre, você me disse que Jesus deveria vir e não veio.” E ele me disse:

(2) “Porque não o sabes encontrar, por isso dizes que não veio, olha bem, porque está em teu interior”.

(3) Olhei em mim e vi os pés de Jesus que saíam de meu interior. Em seguida, os tomei com a mão e tirei Jesus, O abracei e vendo-O com a coroa de espinhos na cabeça a tirei e a dei na mão do confessor dizendo-lhe que a cravasse em minha cabeça, e assim o fez, mas por quanta força fizesse não conseguia fazer penetrar um só espinho, e eu lhe disse: “Mais forte, não temas que eu vá sofrer muito, porque como você vê, está Jesus que me dá força.” Porém, por mais que tentasse, tudo resultava inútil. Então me disse: “Não está em minhas forças o poder fazer isto, porque sendo osso que devem penetrar estes espinhos eu não as tenho”.

(4) Então, dirigi-me a meu doce Jesus dizendo: “Tu vêes que o padre não sabe colocá-la, introduze-a um pouco Tu mesmo.” E Jesus estendeu Suas mãos e em um instante há feito penetrar em minha cabeça todos aqueles espinhos, com indizível dor e contentamento.

(5) Depois disso, junto com o confessor pedi a Jesus que derramasse Suas amarguras em mim para livrar os povos de tantos flagelos que está enviando sobre eles, como hoje que estava preparada uma chuva de granizo um pouco distante de nós. Então o Senhor para atender a nossas orações, derramou um pouco.

(6) Além disso, como seguia vendo o confessor, comecei a rogar a Jesus por ele dizendo: “Meu bom e Amado Jesus, peço-Te que concedas a graça a meu confessor de fazê-lo todo Teu, segundo Teu coração e ao mesmo tempo lhe dê a saúde corporal. Tu tens visto como tem cooperado junto comigo para aliviar-Te, tanto a cabeça dos espinhos como em fazer-Te derramar Tuas amarguras, e se não teve êxito em cravar-me os espinhos na cabeça, não foi por não querer

aliviar-Te, nem por sua vontade, mas porque não tinha a força; por isso, também por isso me deves escutar. Então, diga-me, ó meu único bem, o farás estar bem tanto na alma como no corpo?”

(7) Porém Jesus me ouvia e não me respondia e eu mais me esmerava em rogar-Lhe dizendo: “Esta manhã não Te deixarei, nem deixarei de rogar-Te se não me dás Tua palavra de que me ouvirás favoravelmente no que Te peço para ele.”

(8) Mas Jesus não dizia uma palavra. De repente nos encontramos rodeados de pessoas, estas pareciam que se sentavam ao redor de uma mesa comendo e nela também estava minha porção e Jesus me disse:

(9) “Minha filha, tenho fome.”

(10) E eu: “Eu te dou minha porção, não estás contente?”

(11) E Jesus: “Sim, mas não quero que vejam que estou aqui.”

(12) E eu: “Está bem, farei ver que a tomo para mim e sem que vejam Te darei.” E assim fizemos.

(13) Pouco depois, Jesus pondo-se de pé e aproximando Seus lábios do meu rosto começou a fazer um ruído com Sua boca, como um som de trombeta. Todas aquelas pessoas empalideciam e tremiam dizendo entre elas: “O que se passa? O que se passa? Agora morreremos!”

(14) E eu Lhe disse: “Meu Senhor Jesus, o que fazes? Como, até agora não querias ser visto e agora Te pões a fazer ruído, fica quieto, fica quieto, não faças que as pessoas tenham medo, não vês como todos se espantam?”

(15) E Jesus: “Agora é nada, o que será quando de repente faça soar mais forte? Será tal o temor do qual serão presas, que muitos e muitos deixarão a vida.”

(16) E eu: “Meu adorável Jesus, que dizes? Sempre nisso, que queres fazer justiça, porém não, misericórdia Te peço para Teu povo.”

(17) Depois tomou Seu aspecto doce e benigno e voltando a olhar o confessor, comecei novamente a importuná-Lo, e Jesus me disse:

(18) “Farei com teu confessor como com aquela árvore enxertada, que não se reconhece mais a árvore velha, tanto na alma como no corpo e como penhor te entreguei em suas mãos como vítima, para que se sirva disso.”

+ + + +

2-43

25 de Junho de 1899

Continua no mesmo e Jesus fala da Fé.

(1) Esta manhã, Jesus continua fazendo-se ver de vez em quando, compartilhando comigo um pouco dos Seus sofrimentos e às vezes via o confessor com Ele, e como ele me havia dito que rezasse por certas necessidades suas, vendo-o junto com Nosso Senhor, comecei a rogar a Jesus que lhe concedesse o que ele queria. Enquanto eu Lhe rogava, Jesus toda bondade se dirigiu ao confessor e lhe disse:

(2) “Quero que a fé te inunde por todas as partes, como aqueles barcos que são inundados pelas águas do mar; e como a Fé sou Eu mesmo, sendo inundado por Mim, que tudo possuo, posso e dou livremente a quem em Mim confia, sem que tu penses no que virá e quando e como e o que farás, Eu mesmo, conforme tuas necessidades me prestarei a socorrer-te.”

(3) Depois acrescentou: “Se te exercitas nessa Fé, quase nadando nela, em recompensa te infundirei no coração três gozos espirituais: O primeiro é que penetrarás as coisas de Deus com clareza e ao fazer coisas santas te sentirás inundado por uma alegria, por um gozo tal, que te sentirás como empapado e isso é a unção de Minha graça.

(4) O segundo é um fastio das coisas terrenas e sentirás em teu coração alegria pelas coisas celestiais.

(5) O terceiro é um desapego total de tudo e onde antes sentias inclinação, sentirás um fastio, como desde algum tempo o estou infundindo em teu coração e tu já o estás experimentando. E por isso teu coração será inundado pela alegria que gozam as almas totalmente desapegadas, que têm seu coração tão inundado do Meu Amor, que das coisas que as rodeiam externamente não recebem nenhuma impressão.”

+ + + +

2-44

4 de Julho de 1899

Jesus fala da Mãe Celestial. As turbações.

(1) Esta manhã, havendo Jesus me renovado as penas da crucifixão, encontrava-se também a Mãe Rainha e Jesus falando d’Ela disse:

(2) “Meu próprio Reino esteve no Coração de Minha Mãe e isso porque seu Coração não foi jamais nem minimamente perturbado, tanto que no mar imenso da Paixão sofreu penas imensas, seu Coração foi transpassado de lado a lado pela espada da dor, porém

não recebeu um mínimo respiro de turbação. Por isso, sendo Meu Reino um reino de paz, pude estender n'Ela Meu Reino, e sem encontrar nenhum obstáculo, pude livremente reinar.”

(3) Tendo Jesus vindo mais vezes e vendo-me toda cheia de pecados, disse-lhe: “Meu Senhor Jesus, sinto-me toda coberta de chagas e pecados graves; ah, peço-te, tem piedade desta miserável.”

(4) E Jesus: “Não temas, que não há culpas graves, e além do mais se deve ter horror da culpa, porém não perturbar-se, porque a agitação de onde venha, jamais faz bem à alma.”

(5) Depois acrescentou: “Minha filha, tu és vítima como Eu o sou, faz com que tuas obras resplandeçam com Minhas próprias intenções, puras e santas, a fim de que encontrando em ti Minha própria imagem possa livremente derramar o influxo de Minhas graças, e adornada assim poderei oferecer-te como vítima perfumada diante da Divina Justiça.”

+ + + +

2-45

9 de Julho de 1899

Jesus compartilha Suas penas com Luísa.

(1) Esta manhã. Jesus quis renovar-me as penas da crucifixão, primeiro me transportou para fora de mim mesma, sobre um monte e me perguntou se queria ser crucificada e eu Lhe disse: “Sim Meu Jesus, não desejo outra coisa que a cruz.” Enquanto dizia isso, apresentou-me uma cruz enorme e me estendeu sobre ela e me cravou com Suas próprias mãos. Que penas atrozes sofria ao sentir-me transpassar as mãos e os pés por aqueles cravos, que por acréscimo estavam sem ponta e para fazê-los penetrar custava trabalho e se sofria muito, porém com Jesus tudo resultava tolerável. Depois que terminou de crucificar-me me disse:

(2) “Minha filha, sirvo-Me de ti para continuar Minha Paixão. Como Meu corpo glorificado não é mais capaz de sofrer, vindo a ti Me sirvo do teu corpo como Me servi do Meu no curso da Minha vida mortal, para poder continuar sofrendo Minha paixão e assim poder oferecer-te perante a Divina Justiça como vítima vivente de reparação e propiciação.”

(3) Depois disso, parecia que se abria o Céu e descia uma multidão de santos, todos armados com espadas, uma voz como de trovão saiu daquela multidão e dizia: “Viemos defender a Justiça de Deus e a castigar os homens que tanto têm abusado de Sua Misericórdia.” Quem pode dizer o que acontecia sobre a Terra nesta descida dos

santos? Somente sei dizer que quem guerreava em um ponto, quem em outro, quem fugia, quem se escondia, parecia que todos estavam perturbados.

+ + + +

2-46

14 de Julho de 1899

Jesus não pode deixar a quem O ama.

(1) Meu adorável Jesus nestes dias continua fazendo-se ver pouquíssimas vezes, Sua visita é como um raio, que enquanto se quer seguir vendo-O foge, e se alguma vez se detém um pouco é quase sempre em silêncio; outras vezes diz alguma coisa, mas assim que se vai, parece-me que leva essa palavra junto com a luz que me vem de Sua palavra, tanto que depois não recordo nada do que me disse e minha mente fica na mesma confusão de antes. Que miserável estado! Meu Amado Jesus, tem piedade desta miserável, continua fazendo uso de Tua Misericórdia. Agora, para não estender-me e dizer dia por dia o que passou, direi aqui tudo junto, algumas palavras que me disse nesses dias passados.

(2) Recordo que depois de ter derramado lágrimas amarguíssimas, Jesus, fazendo-se ver e eu lamentando-me com Ele porque me havia deixado, chamou a muitos anjos e santos e dirigindo-se a eles, disse: “Ouçam o que diz, que Eu a deixei; digam-lhe: Posso Eu deixar a aqueles que me amam? Ela me tem amado, como posso deixá-la?” E os santos estavam de acordo com o Senhor e eu fiquei mais humilhada e confusa do que antes.

(3) Em outra ocasião, dizendo-lhe que: “Ao final terminarás por deixar-me de todo”, Jesus me disse:

(4) “Filha, não posso deixar-te e como garantia disso coloquei em ti Meus sofrimentos.”

(5) Depois, encontrando-me ocupada com o pensamento: “Como o Senhor tem permitido que viesse o sacerdote... tudo poderia passar entre Tu e eu.” Em um instante me encontrei fora de mim mesma, estendida sobre uma cruz, porém não havia ninguém que pudesse me cravar e eu comecei a pedir ao Senhor que viesse para crucificar-me e Jesus veio e me disse:

(6) “Vê como é necessário que o sacerdote esteja em meio a Minhas obras e isto é também ajuda para cumprir a crucifixão; é certo que se não há ninguém, por ti sozinha não podes crucificar-te, sempre se necessita da ajuda dos demais.”

+ + + +

2-47

18 de Julho de 1899

(1) Continua quase sempre o mesmo. Desta vez me parecia que em meu coração estivesse Jesus Sacramentado, e desde a Hóstia Santa espalhava tantos raios de luz em meu interior, e de meu coração saiam tantos fios de luz, que se entrelaçavam todos estes raios de luz, parecia-me que Jesus com Seu amor atraía todo meu coração, e meu coração com aqueles fios atraía e atava Jesus a ficar comigo.

+ + + +

2-48

22 de Julho de 1899

Como a cruz torna a alma transparente.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus se fazia ver com uma cruz de ouro pendurada no pescoço, toda resplandecente e que ao olhá-la se comprazia imensamente. De repente, encontrou-se presente o confessor e Jesus lhe disse: “Os sofrimentos dos dias passados acrescentaram o esplendor da cruz, tanto que olhando-a sinto muito agrado.”

(2) Depois se dirigiu a mim e disse: “A cruz comunica tal resplendor à alma, de torná-la transparente e assim como quando um objeto é transparente se pode colocar todas as cores que se queira, assim a cruz, com sua luz dá todos os traços e formas mais belas que se possa imaginar, não só para os outros, mas também para a própria alma que os experimenta. Além disso, em um objeto transparente logo se descobre o pó, as pequenas manchas e até qualquer sombreamento. Assim é a cruz, como faz transparente a alma, logo lhe descobre os pequenos defeitos, as mínimas imperfeições, tanto que não há mão mestra mais hábil que a cruz para ter a alma preparada, para torná-la digna habitação do Deus do Céu.”

(3) Quem pode dizer o que compreendi da cruz e quanto é invejável a alma que a possui?

(4) Depois disso me transportou para fora de mim mesma e me encontrei sobre uma escada altíssima, debaixo da qual havia um precipício e por acréscimo os degraus desta escada eram móveis e tão estreitos que apenas se podia apoiar a ponta dos pés. O que mais dava terror era o precipício e em não poder encontrar apoio de

nenhum tipo e querendo-se apegar aos degraus, estes caíam junto. Ao ver que quase todas as outras pessoas caíam, dava calafrio nos ossos, no entanto, não se podia evitar o passar por aquela escada. Então eu tentei, porém, assim que subi dois ou três degraus, vendo o grande perigo que corria de cair no abismo, comecei a chamar por Jesus para que viesse em minha ajuda. Então, sem saber como, encontrei Jesus junto a mim e Ele me disse:

(5) “Filha, isso que tu viste é o caminho que percorrem todos os homens nesta Terra. Os degraus móveis sobre os quais não se pode apoiar para ter um sustento são os apoios humanos, as coisas terrenas, que querendo se apoiar sobre elas, ao invés de dar-lhes uma ajuda, lhes dão um empurrão para precipitar-se mais rápido no inferno. O meio mais seguro é o caminhar quase voando, sem apoiar-se sobre a terra, à força dos próprios braços, com os olhos em si mesmos, sem olhar os outros e também tendo-os todos atentos a Mim, para ter ajuda e força, assim se poderá evitar facilmente o precipício.”

+ + + +

2-49

28 de Julho de 1899

A vida humana é um jogo. Jesus também joga.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus veio com um aspecto admirável e misterioso, trazia no pescoço uma corrente que pendia sobre todo o peito, por um lado se via como um arco, pelo outro lado se via uma corrente com uma aljava cheia de pedras preciosas e de gemas, que era um dos mais belos adornos ao peito do meu Doce Jesus e com uma lança na mão. Enquanto estava nesse aspecto me disse:

(2) “A vida humana é um jogo, quem joga por prazer, quem por dinheiro e quem pela própria vida e tantos outros jogos que fazem. Também Eu me deleito em jogar com as almas, porém quais são estes jogos que faço? São as cruzes que envio, se as recebem com resignação e me agradecem, Eu me recreio e jogo com elas, comprazendo-me imensamente, recebendo por isso grande honra e glória e para elas faço realizar grandes aquisições.”

(3) No ato de dizer isso, começou a tocar-me com a lança, com o arco, e com a aljava, e todas aquelas pedras preciosas que continha a aljava saíam e mudavam em tantas cruzes e setas que feriam as criaturas. Algumas, porém em número muito escasso, se alegravam, as beijavam e O agradeciam, e vinham a formar um jogo com Jesus.

Outras as pegavam e as jogavam no Rosto de Jesus. Oh, como ficava aflito e que grande perda tinham essas almas! Depois Jesus acrescentou:

(4) “Esta é a sede que gritei na cruz, porque não podendo satisfazê-la completamente, então me comprazo em apagá-la nas almas de meus amados que sofrem. Portanto, sofrendo vens dar um alívio à Minha sede.”

(5) Voltando a rogar-Lhe outras vezes que libertasse o confessor porque sofria, disse-me:

(6) “Minha filha, não sabes tu que a marca mais nobre que posso imprimir em Meus amados filhos é a cruz?”

+ + + +

2-50

30 de Julho de 1899

Sobre a caridade e sobre a estima da Palavra de Jesus.

(1) Continua quase sempre o mesmo. Esta manhã, Jesus transportando-me fora de mim mesma, segundo o Seu costume, passamos em meio a muita gente, a maior parte dela estava atenta em julgar as ações dos demais, sem olhar as próprias, e meu Amado Jesus me disse:

(2) “O meio mais seguro para ser reto com o próximo é não olhar em absoluto o que fazem, porque olhar, pensar e julgar é o mesmo. Além disso, olhando o próximo vens a defraudar a própria alma, porque acontece que não se é reto nem consigo mesmo, nem com o próximo, nem com Deus.”

(3) Depois disso, eu Lhe disse: “Meu único bem, já faz tempo que não me dás nem sequer um beijo.” E assim nos beijamos e quase querendo me corrigir acrescentou:

(4) “Minha filha, o que te recomendo é conservar e estimar Minhas Palavras, porque Minha Palavra é eterna e santa como Eu mesmo, e conservando-a em teu coração e aproveitando-a, terás tua santificação e por ela receberás em recompensa um esplendor eterno, produzido por Minha Palavra. Fazendo de outra maneira, tua alma receberá um vazio e ficarás devedora de Mim.”

+ + + +

2-51

31 de Julho de 1899

(Sem título)

(1) Jesus veio esta manhã, porém sempre em silêncio. Eu estava contentíssima por ter meu tesouro Jesus, porque tendo a Ele tinha todas as minhas alegrias. Ao vê-Lo compreendia muitas coisas de Sua beleza, de Sua bondade e mais, porém como era tudo por meio da inteligência e por via de comunicação intelectual, por isso a boca não sabe expressar nada, por isso melhor fazer silêncio.

+ + + +

2-52

1 de Agosto de 1899

Silêncio e pranto de Jesus pelas criaturas. Fala acerca da pureza.

(1) Esta manhã, meu suavíssimo Jesus transportando-me fora de mim mesma me fazia ver a corrupção na qual o gênero humano caiu. Dá horror em pensar! Enquanto me encontrava em meio dessas pessoas, Jesus dizia quase chorando:

(2) “Ó homem, como te desfiguraste, deformaste, desonraste! Ó homem, Eu te fiz para que fosses meu templo vivo e tu em troca te tens feito morada do demônio! Olha, mesmo as plantas com estarem cobertas de folhas, de flores e frutos, te ensinam a honestidade, o pudor que deves ter em teu corpo e tu havendo perdido todo pudor e também a vergonha natural que deverias ter, te tornaste pior do que as bestas, tanto que não tenho mais a quem comparar-te. Tu eras Minha imagem, porém agora não te reconheço mais; e mais, Me dás tanto horror por tuas impurezas, que Me dá náuseas ao ver-te e tu mesmo Me obrigas a fugir de ti.”

(3) Enquanto Jesus assim falava, eu me sentia despedaçar pela dor ao ver meu Amado Jesus tão amargurado, por isso Lhe disse: “Senhor, tens razão de que não encontras mais nada de bom no homem e que chegou a tal cegueira que já não sabe nem sequer respeitar as leis da natureza. Então, se quiseres olhar para o homem, não farás outra coisa que enviar castigos, por isso Te peço que olhes Tua Misericórdia e assim tudo será remediado.” Enquanto dizia isso, Jesus me falou:

(4) “Minha filha, dá-Me tu um alívio para Minhas penas.”

(5) Ao dizer isto retirou a coroa de espinhos que parecia encarnada em Sua cabeça adorável e a cravou na minha. Eu sentia uma fortíssima dor, porém estava feliz porque Jesus se reconfortara. Depois disso, disse-me:

(6) “Filha, Eu amo muito as almas puras, e assim como das impuras estou obrigado a fugir, das almas puras ao contrário, como por um ímã sou atraído a fazer nelas morada. Às almas puras, com gosto empresto Minha boca para fazê-las falar com Minha própria língua, assim que não se fatigam para converter as almas. Nessas ditas almas Eu não só Me comprazo de nelas continuar Minha Paixão, e assim continuar até a Redenção, mas o que é mais, Me comprazo sumamente de glorificar nelas Minhas próprias virtudes.”

+ + + +

2-53

2 de Agosto de 1899

Ameaças de castigos. Fala sobre a correspondência.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus se fazia ver todo aflito e quase enfadado com os homens, ameaçando com os acostumados castigos e de fazer morrer pessoas de repente debaixo de raios, chuvas de granizo e fogo. Eu Lhe pedi muito para que se acalmasse e Jesus me disse:

(2) “São tantas as iniquidades que se elevam da Terra ao Céu, que se faltasse a oração por um quarto de hora e almas vítimas diante de Mim, Eu faria sair fogo da terra e com ele inundaria os povos.”

(3) Depois acrescentou: “Olha quantas graças deveria derramar sobre as criaturas, porém como não encontro correspondência estou obrigado a retê-las em Mim. E mais, me fazem mudá-las em castigos. Minha filha, presta atenção em corresponder-Me as tantas graças que estou derramando em ti, porque a correspondência é a porta aberta para deixar-Me entrar no coração e aí formar Minha morada. A correspondência é como aquela boa acolhida, aquela estima que se dá às pessoas quando vêm fazer uma visita, de modo que atraídas por esse respeito, por estas maneiras afáveis que se usam com elas, estão obrigadas a vir outras vezes e chegam a não saber-se separar. O tudo está em corresponder-Me e à medida que as criaturas Me correspondem e Me tratam na Terra, assim Eu Me comportarei com elas no Céu, fazendo-as encontrar as portas abertas, convidarei a toda corte celestial a acolhê-los e os colocarei no trono mais sublime, mas para quem não Me corresponde será tudo o contrário.”

+ + + +

2-54

7 de Agosto de 1899.

Sobre o nada de nós mesmos.

(1) Esta manhã, meu amável Jesus não vinha, e depois de tanto esperar e esperar, finalmente veio. Era tanta minha confusão e meu aniquilamento que não sabia dizer-Lhe nada e Jesus me disse:

(2) “Por quanto mais te aniquiles e conheças teu nada, tanto mais Minha humanidade, mandando raios de luz, te comunicará Minhas virtudes.”

(3) Eu Lhe disse: “Senhor, sou tão má e feia que dou horror a mim mesma, que será diante de Ti?”

(4) E Jesus: “Se tu és feia, sou Eu que posso te tornar bela.”

(5) E no mesmo momento de falar isso, enviou uma luz que saía d’Ele à minha alma, e parecia que me comunicava Sua beleza. E depois, abraçando-me, começou a dizer:

(6) “Como és bela, mas bela de Minha própria beleza, por isso sou atraído a amar-te.”

(7) Quem pode dizer como fiquei confusa? Mas tudo seja para Sua glória.

+ + + +

2-55

8 de Agosto de 1899

A alma resignada está sempre em repouso.

(1) Continua fazendo-se ver apenas e quase enojado com os homens, e por mais que Lhe pedisse que derramasse em mim Suas amarguras, tem sido impossível. E sem prestar atenção ao que eu Lhe dizia, disse-me:

(2) “A resignação absorve tudo o que pode ser de pena ou de desgosto à natureza humana e o converte em doce. E sendo Meu ser pacífico, tranquilo, de maneira que qualquer coisa que possa acontecer no Céu e na Terra não pode receber nem sequer o menor respiro de turbação, então a resignação tem a virtude de enxertar na alma estas Minhas mesmas virtudes. A alma resignada está sempre em repouso, não somente ela, mas faz repousar tranquilamente também a Mim nela.”

+ + + +

2-56

10 de Agosto de 1899.

Fala da justiça e como Jesus fica ferido pela simplicidade.

(1) Esta manhã, meu doce Jesus veio, transportou-me fora de mim mesma e desapareceu, e tendo me deixado sozinha, vi que do alto do Céu desciam como dois candelabros de fogo e depois dividindo-se em muitos pedaços se formavam muitos raios e chuvas de granizo que desciam à terra e faziam uma grandíssima destruição em plantas e homens. Era tanto o horror e a fúria do temporal, que nem sequer se podia rezar e as pessoas não podiam chegar a suas casas. Quem pode dizer como fiquei assustada? Então, eu me pus a rezar para aplacar o Senhor, e Ele, regressando, vi que trazia na mão como uma vara de ferro e na ponta uma bola de fogo e me disse:

(2) “Minha justiça tem sido largamente retida e com razão quer tomar vingança contra as criaturas, pois ousaram destruir nelas toda justiça. Ah, sim, nada de justo encontro no homem! Desfigurou-se todo: nas palavras, nas obras e nos passos, tudo é engano, tudo é fraude, tudo é injusto, assim que penetrando no coração, interno e externo, não é outra coisa que um depósito de vícios. Pobre homem, como te reduziste!”

(3) Enquanto assim falava, movia a vara que tinha na mão em ato de ferir o homem. Eu Lhe disse: “Senhor, que fazes?”

(4) E Ele: “Não temas, olha, esta bola de fogo fará fogo e não castigará mais do que aos maus, os bons não terão dano.”

(5) Eu acrescentei: “Ah, Senhor, quem é bom? Todos somos maus, peço-Te que não olhes para nós, mas para tua infinita misericórdia, e assim ficarás aplacado por todos.” Depois disso acrescentou:

(6) “A verdade é filha da justiça. Assim como Eu sou Verdade eterna que não engano nem podem me enganar, assim a alma que possui a justiça faz reluzir em todas as suas ações a verdade. Portanto, conhecendo por experiência a verdadeira luz da verdade, se alguém quiser enganá-la percebendo a falta de luz que tem em si, logo reconhece o engano, então acontece que com essa luz da verdade ela não engana a si mesma, nem ao próximo, nem pode ser enganada.

(7) Fruto que produz essa justiça e essa verdade é a simplicidade, outra qualidade do meu Ser, o ser simples, tanto que penetro em todas as partes, não há coisa que possa opor-se a que Eu penetre dentro. Penetro no Céu e nos abismos, no bem e no mal. Mas meu Ser simplíssimo, penetrando até no mal, não se suja, e mais, nem sequer recebe a mínima sombra. Assim a alma com a justiça e com a verdade, recolhendo em si este belo fruto da simplicidade penetra no Céu, se introduz nos corações para conduzi-los a Mim, penetra em tudo que é o bem e encontrando-se com os pecadores para ver o mal

que fazem, não fica manchada, porque sendo simples, prontamente se liberta sem receber nenhum dano. É tão bela a simplicidade, que meu Coração fica ferido com somente um olhar de uma alma simples e ela é causa de admiração aos anjos e aos homens.”

+ + + +

2-57

12 de Agosto de 1899

Jesus a transforma toda em si e lhe ensina a caridade.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus, depois que me fez esperar por algum tempo, veio dizendo-me:

(2) “Minha filha, esta manhã quero uniformizar-te toda a Mim: Quero que penses com Minha mesma mente, que olhes com Meus mesmos olhos, que escutes com Meus mesmos ouvidos, que fales com Minha mesma língua, que obres com Minhas mesmas mãos, que caminhes com Meus mesmos pés e que ames com Meu mesmo Coração.”

(3) Depois disso, Jesus unia Seus sentidos mencionados acima com os meus e via que me dava Sua mesma forma; não só isso, senão me dava a graça de usá-los como o fez Ele mesmo e depois continuou dizendo:

(4) “Grandes graças derramo em ti, recomendo-te que as saibas conservar.”

(5) E eu: “Temo muito, ó meu amado Jesus, ao saber que estou toda cheia de misérias e que em vez de fazer bem, faço mal uso de Tuas graças. Porém, o que mais me faz temer é a língua, que frequentemente me faz faltar com a caridade com o próximo.”

(6) E Jesus: “Não temas, Eu mesmo te ensinarei a maneira que debes ter ao falar com o próximo”:

(7) A primeira coisa: Quando algo for dito a ti sobre teu próximo, olha para ti mesma e observa se tu és culpável desse mesmo defeito, e então o querer corrigir é um querer indignar-Me e escandalizar o próximo.

(8) A segunda: Se tu te vês livre daquele defeito, então eleva-te e busca falar como Eu haveria falado, assim falarás com Minha mesma língua. Fazendo assim, jamais faltarás com a caridade para com o próximo, e mais, com tuas palavras farás bem a ti, ao próximo e a Mim darás honra e glória.”

+ + + +

13 de Agosto de 1899

Ameaça de castigos e tenta acalmá-Lo.

(1) Esta manhã, Jesus continuava deixando-se ver, ameaçando sempre com castigos, e enquanto eu me punha a pedir-Lhe que se acalmasse, como um relâmpago desaparecia. A última vez que veio se fazia ver crucificado. Então, eu me aproximei para beijar Suas santíssimas Chagas, fazendo várias adorações, porém enquanto fazia isso, ao invés de Jesus Cristo, vi minha própria imagem. Fiquei surpresa e disse: “Senhor! O que estou fazendo? A mim mesma estou fazendo as adorações? Isto não se pode fazer.” Nesse momento se transformou na pessoa de Jesus Cristo e me disse:

(2) “Não te assombres de que tenha tomado tua mesma imagem; se Eu sofro continuamente em ti, que maravilha é que Eu tenha tomado tua própria forma? Além disso, não é para fazer de ti uma imagem Minha pelo que te faço sofrer?”

(3) Eu fiquei toda confusa e Jesus desapareceu. Seja tudo para Sua Glória, seja sempre bendito Seu santo Nome.

+ + + +

15 de Agosto de 1899

Jesus lhe ordena a caridade. Festa da Mamãe Celestial. Dá-lhe o ofício de Mãe na Terra.

(1) Esta manhã, meu dulcíssimo Jesus veio todo alegre, trazendo entre as mãos um ramo de belíssimas flores e colocando-se em meu coração, com aquelas flores agora se rodeava a cabeça, agora as tinha entre suas mãos, recreando-se e deleitando-se todo. Enquanto se divertia com essas flores, como se tivesse feito uma grande aquisição, voltou-se para mim e disse:

(2) “Minha amada, esta manhã vim para colocar em ordem em teu coração todas as virtudes. As outras virtudes podem estar separadas uma da outra, porém a caridade liga e ordena tudo. Eis aqui o que quero fazer em ti, ordenar a caridade.”

(3) Eu Lhe disse: “Meu único bem, como podes fazer isso, sendo eu tão má e cheia de defeitos e imperfeições? Se a caridade é ordem, estes defeitos e pecados não são desordem que têm tudo em desordem e tempestuosa minha alma?”

(4) E Jesus: “Eu purificarei tudo e a caridade colocará tudo em ordem. E além do mais, quando a uma alma faço partícipe das penas de Minha Paixão, não pode haver culpas graves, no máximo algum defeito venial e involuntário, mas Meu amor sendo fogo consumirá tudo que é imperfeito em tua alma.”

(5) Assim, parecia que Jesus me purificava e ordenava toda, depois derramava como um rio de mel de Seu coração no meu e com esse mel regava todo meu interior, de modo que tudo o que estava em mim ficava ordenado, unido e com a marca da caridade.

(6) Depois disso, senti-me sair fora de mim mesma na abóbada dos Céus, junto com meu amante Jesus. Parecia que tudo estava em festa, Céu, Terra e Purgatório, todos estavam inundados de novo gozo e júbilo. Muitas almas saíam do purgatório e como raios chegavam ao Céu para assistir a festa da nossa Mamãe Rainha. Eu também me punha no meio daquela multidão imensa de gente, quer dizer: Anjos, santos e almas do purgatório que ocupavam aquele novo Céu, que era tão imenso, que o nosso que vemos comparado com aquele me parecia um pequeno buraco, muito mais que tinha a obediência do confessor. Mas enquanto tentava olhar, não via outra coisa que um Sol luminosíssimo que espalhava raios que me penetravam toda, de lado a lado, e me tornavam como um cristal, tanto que se descobriam muito bem os pequenos defeitos e a infinita distância que há entre o Criador e a criatura, tanto mais que aqueles raios, cada um tinha sua marca: Um delineava a Santidade de Deus, outro a pureza, outro a potência, outro a Sabedoria e todas as outras virtudes e atributos de Deus. Assim que a alma vendo seu nada, suas misérias e sua pobreza, se sentia aniquilada e em vez de olhar, se prostrava com o rosto por terra diante daquele Sol eterno, ante o qual não há ninguém que possa estar em frente a Ele.

(7) Porém o mais notável, era que para ver a festa de nossa Mamãe Rainha, se devia ver de dentro daquele Sol, tanto parecia imersa em Deus a Virgem Santíssima, que olhando desde outros pontos não se via nada. Agora, enquanto me encontrava nessas condições de aniquilamento ante o Sol Divino e a Mamãe Rainha tendo o menininho em seus braços, Jesus me disse:

(8) “Nossa Mamãe está no Céu, dou-te o ofício de fazer-te de Minha Mamãe na terra e como Minha vida está continuamente sujeita aos desprezos, à pobreza, às dores, ao abandono dos homens e Minha Mãe estando na Terra, foi Minha fiel companheira em todas essas penas e não só isso, mas buscava aliviar-Me em tudo, por quanto podiam suas forças. Assim também tu, fazendo-se de Minha mãe, Me serás uma fiel companhia em todas as Minhas penas, sofrendo tu em vez de Mim por quanto puderes e onde não puderes, buscarás ao menos dar-Me um consolo. Deves saber que te quero

toda atenta e ocupada em Mim. Serei ciumento até de tua respiração se não o fazes por Mim, e quando perceber que não estás toda atenta para contentar-Me, não te darei nem paz nem repouso.”

(9) Depois disso, comecei a fazer-me de Sua mamãe, porém oh! Quanta atenção se necessitava para contentá-Lo. Para vê-Lo contente não se podia nem sequer dirigir uma olhada a outra parte. Ora queria dormir, ora queria beber, ora queria que O acariciasse e eu devia encontrar-me pronta para tudo o que queria; ora dizia: “Minha Mamãe, a cabeça Me dói, ah, alivia-Me!” E eu em seguida Lhe examinava a cabeça e encontrando espinhos os retirava e colocando meu braço embaixo de Sua cabeça O fazia repousar. Enquanto repousava, de repente se levantava e dizia: “Sinto um peso e um sofrimento no Coração, tanto de sentir-Me morrer; veja o que tem.” E observando no interior do Coração, encontrei todos os instrumentos da Paixão e um a um os retirei e os coloquei no meu coração. Depois, vendo-O aliviado, comecei a beijá-Lo e acariciá-Lo e Lhe disse: “Meu únicotesouro, nem sequer me deixaste ver a festa da Rainha Mãe, nem escutar os primeiros cânticos que Lhe cantaram os anjos e os santos na entrada que fez no Paraíso.”

(10) E Jesus: “O primeiro canto que fizeram para Minha Mamãe foi a Ave-Maria, porque na Ave-Maria estão os louvores mais belos, as maiores honras e se Lhe renova a alegria que teve ao ser feita Mãe de Deus, por isso recitemos juntos para honrá-la e quando tu venhas ao Paraíso te farei encontrar como se tivesses dito junto com os anjos aquela primeira vez no Céu.”

(11) E assim recitamos a primeira parte da Ave-Maria juntos. Oh, como era terno e comovedor saudar a nossa Mamãe Santíssima junto com seu amado Filho! Cada palavra que Ele dizia, levava uma luz imensa na qual se compreendia muitas coisas sobre a Virgem Santíssima, porém, quem pode dizê-las todas? Muito mais por minha incapacidade, por isso as passo em silêncio.

+ + + +

2-60

16 de Agosto de 1899

Continua se fazendo de Mamãe para Jesus.

(1) Jesus continua querendo que eu me faça de Sua mamãe e fazendo-se ver como um graciosíssimo Menininho, chorava, e para Lhe acalmar o pranto, tendo-O entre meus braços comecei a cantar e acontecia que quando eu cantava parava de chorar e quando não, voltava a chorar. Eu queria deixar em silêncio o que cantava, primeiro

porque não recordo tudo, pois estando fora de mim mesma dificilmente recordo todas as coisas que passam e também porque creio que são desatinos, porém a senhora obediência, sendo demasiado impertinente não quer me conceder. Basta com que se faça como ela quer, contenta-se mesmo sendo desatinos. Eu não sei, diz-se que esta senhora Obediência é cega, porém a mim me parece que é toda olhos, porque olha até as mínimas coisas e quando não se faz como ela diz, fica tão impertinente que não te dá paz. Assim que para ter paz da parte dessa bela Senhora Obediência, porque também é tão boa quando se faz como ela diz, que tudo o que se quer, por seu meio se obtém, por isso me disponho a dizer o que lembro que cantava:

(2) “Menininho, és pequeno e forte,
De Ti espero todo consolo;
Menininho gracioso e belo,
Tu enamoras até as estrelas;
Menininho, rouba-me o coração
Para enchê-lo do teu amor
Menininho terno,
Faz de mim uma menininha;
Menininho, és um Paraíso,
Ah! faz-me ir
A divertir-me no eterno sorriso.”

+ + + +

2-61

17 de Agosto de 1899

Jesus fala da obediência.

(1) Esta manhã, tendo recebido a Comunhão, estava dizendo ao meu amável Jesus: “Como é que esta virtude da obediência é tão impertinente e às vezes tão forte, que chega a tornar-se caprichosa?”

(2) E Ele: “Sabes porque esta nobre senhora Obediência é como tu dizes? Porque dá morte a todos os vícios, e naturalmente alguém que deve fazer o outro sofrer a morte, deve ser forte, corajoso; e se não o logra com isso, serve-se das impertinências e dos caprichos. Se isso é necessário para matar o corpo que é tão frágil, muito mais para dar morte aos vícios e às próprias paixões, que é tão difícil, que muitas vezes enquanto parecem mortas, começam a reviver de novo. Eis aqui o porquê desta diligente senhora estar sempre em movimento e continuamente está vigiando; e se vê que a alma coloca o mínimo de

dificuldade ao que lhe é mandado, então temendo que algum vício possa começar a reviver em seu coração, lhe faz tanta guerra e não lhe dá paz, até que a alma se prostre a seus pés e adore em mudo silêncio o que ela quer. Eis aqui porque é tão impertinente e quase caprichosa como tu dizes. Ah, sim! Não há verdadeira paz sem obediência e se parece que se goza de paz, é paz falsa e digo “parece”, porque vai de acordo com as próprias paixões, porém jamais com as virtudes e termina arruinando-se, porque se separando da obediência, se separam de Mim, que fui o Rei dessa nobre virtude. Além do mais, a obediência mata a própria vontade e a torrentes derrama a Divina, tanto que se pode dizer que a alma obediente não vive de sua vontade, mas da Divina. E se pode dar vida mais bela, mais santa, do que o viver da Vontade do próprio Deus? Por isso, com as outras virtudes, mesmo com as mais sublimes, pode estar junto o amor próprio, porém com a obediência, jamais.”

+ + + +

2-62

18 de Agosto de 1899

Como a Palavra de Deus não só é verdade, mas também luz.

(1) O amantíssimo Jesus, tendo vindo esta manhã, eu lhe disse: “Meu amado Jesus, eu creio que tudo o que escrevo são muitos disparates.”

(2) E Jesus: “Minha Palavra não só é verdade, mas também luz. E quando uma luz entra em um quarto escuro, o que faz? Dissipa as trevas e faz descobrir os objetos que há, feios ou belos, se estão em ordem ou em desordem, e do modo como se encontra esse quarto, se julga a pessoa que mora naquela casa. Agora, a vida humana é o quarto escuro, e quando a luz da verdade entra em uma alma, dissipa as trevas, isto é, faz descobrir o verdadeiro do falso, o temporal do eterno, assim que expulsa de si os vícios e entra na ordem das virtudes, porque sendo minha luz santa, que é minha própria Divindade, não poderá comunicar outra coisa que santidade e ordem. Portanto, a alma sente sair de si, luz de paciência, de humildade, de caridade e muito mais. Se minha Palavra produz em ti esses sinais, porque temes?”

(3) Depois disso, Jesus me fez ouvir que rogava ao Pai por mim dizendo: “Pai Santo, peço-te por esta alma, faz que em tudo cumpra perfeitamente nossa Santíssima Vontade. Faz, ó Pai adorável, que suas ações estejam tão conformadas com as minhas, mas de tal

modo que não se possa distinguir umas das outras e assim poder cumprir sobre ela o que hei projetado.”

(4) Mas quem pode dizer a força que sentia me infundir em minha alma por essa oração de Jesus? Eu me sentia vestir a alma por uma tal força, que para cumprir a Santíssima Vontade de Deus não me importaria em sofrer mil martírios, se assim fosse seu desejo. Sempre sejam dadas as graças ao Senhor, que tanta misericórdia usa com esta pobre pecadora.

+ + + +

2-63

21 de Agosto de 1899

Efeitos de agradar só a Jesus.

(1) Depois de haver passado dois dias de sofrimentos, meu benigno Jesus se mostrava todo afabilidade e doçura. Em meu interior eu dizia: “Como o Senhor é bom comigo, no entanto não encontro em mim nada bom que lhe possa agradar.” E Jesus me respondendo, disse:

(2) “Minha amada, assim como tu não encontras outro prazer nem outra alegria, que entreter-te e conversar Comigo e dar gosto somente a Mim, de modo que todas as outras coisas que não são minhas te desgostam, assim Eu, meu prazer e minha consolação é vir a entreter-me e falar contigo. Tu não podes entender a força que tem sobre meu Coração, de atrair-me a ela, uma alma que tem a única finalidade de agradar somente a Mim; sinto-me tão unido com ela que estou obrigado a fazer o que ela quer.”

(3) Enquanto Jesus dizia isso, compreendi que falava no modo como em dias passados, enquanto sofria amargas dores, em meu interior, ia dizendo: “Meu Jesus, tudo por teu amor, estas dores sejam tantos atos de louvor, de honra, de homenagem que te ofereço. Estas dores sejam tantas vozes que te glorifiquem e tantos testemunhos que digam que te amo.”

+ + + +

2-64

22 de Agosto de 1899.

Jesus lhe comunica suas virtudes.

(1) Meu amado Jesus continua vindo todo amável e majestoso. Enquanto estava nesse aspecto, disse-me:

(2) “A pureza do meu olhar resplandeça em todas as tuas obras, de modo que subindo novamente a meus olhos, produza-me um esplendor e me distraia das porcarias que fazem as criaturas.”

(3) Eu fiquei toda confusa diante dessas palavras, tanto que não ousava dizer-lhe nada. Porém, Jesus me encorajando para dar-me confiança começou a me dizer:

(4) “Diz-me, que queres?”

(5) E eu: “Quando tenho a Ti, tem alguma outra coisa que poderia desejar?”

(6) Porém, Jesus insistiu mais de uma vez que lhe dissesse o que queria, e eu olhando-O, vi a beleza de suas virtudes e lhe disse: “Meu dulcíssimo Jesus, dá-me tuas virtudes.”

(7) E Ele, abrindo seu Coração, fazia sair tantos raios distintos de suas virtudes, que ao entrar no meu, sentia-me reforçar nas virtudes.

(8) Depois acrescentou: “Que outra coisa queres?”

(9) E eu, recordando-me que nos dias passados, devido a uma dor que sofria, não conseguia que meus sentidos se perdessem em Deus, disse-lhe: “Meu benigno Jesus, faz com que a dor não me impeça de poder perder-me em Ti.”

(10) E Jesus, tocando-me com sua mão na parte onde sofria, mitigou a intensidade da dor, de modo que pude recolher-me e perder-me n’Ele.

+ + + +

2-65

27 de Agosto de 1899

O efeito de quando Jesus vai à alma.

(1) Esta manhã, enquanto via o meu doce Jesus, sentia um temor de que não fosse Ele, mas o demônio para enganar-me. E Jesus respondendo ao meu temor me disse:

(2) “Quando sou Eu quem se apresenta à alma, todas as potências interiores se aniquilam e conhecem seu nada. E Eu, vendo a alma humilhada, faço sobreabundar meu amor, como tantos rios, de modo a inundá-la toda e fortificá-la no bem. Todo o contrário acontece quando é o demônio.”

+ + + +

2-66

30 de Agosto de 1899.

Jesus lhe faz ver o lamentável estado do mundo.

(1) Esta manhã, meu amado Jesus me transportou fora de mim mesma e me fez ver a decadência da religião nos homens e um preparativo de guerra. Eu lhe disse: “Oh Senhor, em que estado tão lamentável se encontra o mundo nestes tempos, quanto à religião! Parece que o mundo não reconhece mais Àquele que enobrece o homem e o faz aspirar a um fim eterno. Porém, o que mais faz chorar, é que parte daqueles mesmos que se dizem religiosos, que deveriam pôr a própria vida para defender a religião e fazê-la ressurgir, a ignoram.” E Jesus, tomando um aspecto aflitíssimo me disse:

(2) “Minha filha, esta é a causa pela qual o homem vive como uma besta, porque perdeu a religião; porém, tempos mais tristes virão para o homem, em castigo da cegueira em que ele mesmo se submergiu, tanto que o meu Coração se oprime ao vê-lo. Porém o sangue fará reviver esta santa religião; este sangue que farei derramar por toda classe de gente, por seculares e religiosos, regará o resto dos povos que vivem como selvagens, e civilizando-os lhes restituirá novamente sua nobreza. Eis aqui a necessidade de que o sangue se derrame e que as próprias igrejas fiquem quase abatidas, para fazer que regressem de novo e existam com seu primeiro brilho e esplendor.”

(3) Mas quem pode dizer da crueldade que farão nos tempos que virão? O passo em silêncio porque não recordo bem e não o vejo tão claro; se o Senhor quer que o diga me dará mais claridade e então tomarei novamente a pluma sobre este argumento, por isso, por agora ponho ponto.

+ + + +

2-67

31 de Agosto de 1899

O confessor dá a obediência de rejeitar a Jesus e não falar com Ele.

(1) Havendo dado o confessor a obediência de que quando viesse Jesus devia lhe dizer: “Não posso falar, afasta-te.” Eu o tomei como uma brincadeira, não como obediência formal. Por isso, quando Jesus veio quase não tomando em conta a ordem recebida, ousei dizer-lhe: “Meu bom Jesus, olha bem o que quer fazer o padre.”

(2) E Ele me disse: “Filha, abnegação.”

(3) E eu: “Mas Senhor, a coisa é séria, se trata de que não devo querer-te! Como posso fazê-lo?”

(4) E Ele, pela segunda vez: “Abnegação.”

(5) E eu: “Mas Senhor, que dizes? Acreditas Tu que posso estar sem Ti?”

(6) E Ele pela terceira vez: “Minha filha, abnegação.”

(7) E desapareceu. Quem pode dizer como fiquei ao ver que Jesus queria que me dispusesse à obediência?

+ + + +

2-68

1 de Setembro de 1899

Continua a obediência, porém um pouco mais moderada.

(1) Tendo vindo o confessor, perguntou-me se havia cumprido a obediência, e tendo lhe dito o que havia acontecido, renovou a obediência de que não devia absolutamente falar com Jesus, meu único consolo, e que devia despedi-lo se viesse. E eis aqui que tendo entendido que a obediência que havia me dado era verdadeira, em meu interior eu disse o *‘Fiat Voluntas Tua’*, também nisto. Porém, oh, quanto me custa e que cruel martírio! Sinto como um cravo cravado no coração, que me trespassa de lado a lado; e como meu coração está habituado a pedir e desejar a Jesus continuamente, tanto, que assim como é contínuo o respirar e o bater do coração, assim me parece que é contínuo o desejar e querer meu único Bem. Assim, que querer impedir isso, seria o mesmo que querer impedir a alguém o respirar e o bater do coração. Como se poderia viver? No entanto, se necessita fazer prevalecer a obediência. Ó Deus, que pena, que dilaceração tão atroz! Como impedir ao coração que peça sua própria vida? Como freá-lo? A vontade se punha com toda sua força a freá-lo, porém como se necessitava de contínua e grande vigilância, de vez em quando se cansava e se distraía e o coração fazia sua escapada e pedia a Jesus. A vontade, dando-se conta disso, punha-se com maior força a freá-lo, porém era frequentemente vencida, pelo que me parecia que fazia contínuos atos de desobediência. Oh, em que contrastes, que guerra sangrenta, que agonias mortais sofria meu pobre coração! Encontrava-me em tais apertos e em tais sofrimentos, que acreditava que a vida se ia. No entanto, isso teria sido um consolo para mim, se pudesse morrer, mas não, e o que era pior, era sentir penas de morte, mas sem poder morrer.

(2) Então, depois de derramar lágrimas amarguíssimas todo o dia, na noite, encontrando-me em meu habitual estado, meu sempre e

benigno Jesus veio, e eu, obrigada pela obediência lhe disse: “Senhor, não venhas, porque a obediência não quer.”

(3) E Ele, compadecendo-se de mim e querendo me fortalecer nos sofrimentos em que me encontrava, com sua mão criadora marcou minha pessoa com um grande sinal da Cruz e me deixou.

(4) Mas quem pode dizer o purgatório em que me encontrava? O pior era que não podia lançar-me até meu sumo e único Bem. Ah sim, me era negado pedir e desejar a Jesus! Ah! Para as benditas almas do purgatório lhes é permitido pedir, desejar, lançar-se até o sumo Bem, só que lhes é proibido o tomar possessão d’Ele. A mim não, a mim era negado até este consolo. Então, toda a noite não fiz outra coisa que chorar; quando minha débil natureza não podia mais, o amável Jesus regressou em atitude de querer falar comigo, e eu em seguida, recordando a obediência que quer reinar sobre tudo, lhe disse: “Amada Vida minha, não posso falar e não venhas, porque a obediência não quer. Se queres fazer entender tua vontade, vá ao confessor.”

(5) Enquanto dizia isso, vi o confessor, e Jesus, aproximando-se dele, disse-lhe: “Isso é impossível, as minhas almas as tenho tão submersas em Mim, que formamos uma mesma substância, tanto que não se distingue uma da outra. E assim como quando duas substâncias se unem, uma se transmite à outra, e depois, embora se quisesse separá-las, resulta inútil até mesmo em pensar. Assim, é impossível que minhas almas possam estar separadas de Mim.”

(6) E havendo dito isso se foi, e eu fui ficando mais aflita que antes, o coração me batia tão forte, que sentia abrir-me o peito. Depois disso, não sei dizer como, encontrei-me fora de mim mesma e esquecendo-me não sei como da obediência recebida, girei pela abóbada do céu chorando, gritando e buscando ao meu Doce Jesus, quando de repente o vi chegar, lançando-se entre meus braços, todo ferido de amor e definhando, porém logo lembrei a ordem recebida e lhe disse: “Senhor, não queiras me tentar esta manhã, não sabes que a obediência não quer?”

(7) E Ele: “O confessor me mandou, por isso vim.”

(8) E eu: “Não é verdade, és talvez algum demônio que quer me enganar e fazer-me faltar à obediência?”

(9) E Jesus: “Não sou demônio.”

(10) E eu: “Se não és demônio, façamos juntos o sinal da Cruz.” E nós dois nos persignamos com a cruz. Depois continuei dizendo-lhe: “Se é verdade que o confessor te mandou, vamos até ele, a fim de que ele mesmo possa ver se és Jesus Cristo ou o demônio, e então poderei estar segura.”

(11) Assim fomos ao confessor, e como Jesus estava na forma de menino, eu o dei em seus braços dizendo-lhe: “Padre, veja você mesmo, é meu doce Jesus ou não?”

(12) Agora, enquanto Jesus bendito estava com o padre, eu lhe disse: “Se és verdadeiramente Jesus, beija a mão do confessor.” E em minha mente pensava que se era o Senhor, faria essa humilhação de beijar-lhe a mão, porém se fosse o demônio, não. E Jesus a beijou, porém não ao homem, mas o poder sacerdotal, assim a beijou. Depois disso, parecia que o confessor o conjurava para ver se era demônio, e não encontrando, O devolveu a mim. Mas com tudo isso meu pobre coração não podia gozar os abraços do meu amado Jesus, porque a obediência O tinha como atado, impedido, muito mais porque ainda não havia nenhuma ordem contrária, por isso meu coração não ousava desabafar-se, nem sequer dizer uma palavra de amor...

(13) Oh, santa obediência, como sois forte e potente! Eu te vejo nesses dias de martírio diante de mim como um guerreiro potentíssimo, armado da cabeça aos pés com espadas, setas, flechas, cheio de todos daqueles instrumentos aptos para ferir, e quando vêes que meu pobre coração cansado e abatido quer consolar-se buscando seu refrigério, sua vida, o centro ao qual se sente atrair como por um ímã, tu, olhando-me com mil olhos, por todas as partes me feres com feridas mortais. Ah, tem piedade de mim e não sejas tão cruel comigo!

(14) Porém, enquanto digo isso, a voz do meu adorável Jesus se faz escutar em meus ouvidos, que disse:

(15) “A obediência foi tudo para Mim, a obediência quero que seja tudo para ti. A obediência me fez nascer, a obediência me fez morrer, as Chagas que tenho em meu Corpo são feridas e marcas que me fez a obediência. Com razão disseste que é um guerreiro potentíssimo, armado com toda classe de armas aptas para ferir, porque em Mim não me deixou nem sequer uma gota de sangue, arrancou-me a pedaços as carnes, deslocou-me os ossos e meu pobre Coração, destroçado, sangrento, ia buscando um alívio, alguém que tivesse compaixão de Mim. A obediência então, fazendo-se para Mim mais que cruel tirano, somente se contentou quando me sacrificou na Cruz e me viu expirar, vítima por seu amor. E por que isso? Porque o ofício desse potentíssimo guerreiro é de sacrificar as almas, por isso não faz outra coisa que fazer guerra encarniçada a quem não se sacrifica todo por ela, por isso não tem nenhuma consideração se a alma sofre ou goza, se vive ou morre, seus olhos estão atentos para ver se ela vence, que de outras coisas não se preocupa. Por isso, o nome desse guerreiro é ‘vitória’, porque concede todas as vitórias à alma obediente; e quando parece que

esta morre, então começa a verdadeira vida. E que coisa não me concedeu a obediência? Por seu meio venci a morte, derrotei o inferno, desatei o homem acorrentado, abri o Céu e como Rei vitorioso, tomei possessão de meu Reino, não só para Mim, mas para todos os meus filhos que haviam se aproveitado de minha Redenção. Ah, Sim! É verdade que me custou a Vida, mas a palavra 'obediência' me soa doce ao ouvido e por isso amo tanto as almas que são obedientes."

(16) Volto a falar de onde deixei.

(17) Depois de um pouco, veio o confessor, e lhe havendo dito tudo o que disse acima, renovou-me a obediência de continuar da mesma maneira, e eu disse a ele: "Padre, permita ao menos dar a liberdade a meu coração de rogar a Jesus, que a obediência de dizer-lhe quando vier: "não venhas e não posso conversar", eu faço.

(18) E Ele: "Faz o quanto possas para freá-lo e quando não puderes, então dá-lhe liberdade."

+ + + +

2-69

2 de Setembro de 1899.

O confessor a deixa livre.

(1) Agora, com esta obediência um pouco mais mitigada, meu pobre coração parecia que de estar morto, começava a reviver um pouco. Porém, com tudo isso, não deixava de estar rasgado de mil maneiras, porque a obediência quando via que o coração se detinha um pouco mais em busca de seu Criador, como se quisesse repousar-se n'Ele porque estava sem forças, vinha-me em cima, e com suas armas me feria toda. E além disso, esse ter que repetir aquele estribilho quando o bendito Jesus se fazia ver: "Não venhas, não posso conversar porque a obediência não quer", era para mim o mais atroz e cruel martírio. Então, meu doce Jesus, encontrando-me em meu habitual estado, veio e eu lhe manifestei a ordem recebida e Ele se foi. Somente uma vez, enquanto eu estava dizendo: "Não venhas, que a obediência não quer," disse-me:

(2) "Minha filha, tenha sempre diante de tua mente a luz da minha Paixão, porque ao ver minhas amarguíssimas dores, as tuas te parecerão pequenas; e ao considerar a causa pela qual sofri tantas dores imensas, que foi o pecado, os menores defeitos te parecerão graves. No entanto, se não te espelhares em Mim, as menores penas te parecerão pesadas e os defeitos graves os tomará como coisa de nada." E desapareceu.

(3) Depois de um pouco veio o confessor, e tendo lhe perguntado se ainda deveria continuar essa obediência, disse-me “Não, podes dizer-lhe o que queiras e o tenha por quanto queiras.”

(4) Parece que fui liberada, e já não tenho tanto a fazer com esse guerreiro tão potente. De outra maneira, teria se tornado tão forte que teria me dado a morte, mas haveria me feito ter um grande ganho, porque me teria unido para sempre ao sumo Bem e não em intervalos, e teria lhe agradecido; e mais, teria lhe cantado o cântico da obediência, ou seja, o cântico das vitórias, assim que me havia rido de toda sua força... Porém enquanto dizia isso, diante de mim apareceu um olho resplandecente e belo e uma voz que dizia: “E eu me teria unido junto contigo e ficaria satisfeito em rir, porque a vitória teria sido minha.”

(5) E eu: “Oh! Amada obediência, depois de termos rido juntas, teria te deixado às portas do Paraíso para dizer-te adeus e não nos vermos mais, e assim não ter o que ver mais contigo e teria me cuidado muito bem de não te deixar entrar.”

+ + + +

2-70

5 de Setembro de 1899.

Como Jesus obra a perfeição na alma pouco a pouco.

(1) Esta manhã, encontrava-me em tal abatimento de ânimo e me via tão má, que eu mesma estava insuportável. Tendo vindo Jesus, eu lhe falei minhas penas e o miserável e cruel estado em que me encontrava, e Ele me disse:

(2) “Minha filha, não queiras perder o ânimo; este é o meu costume, o obrar a perfeição passo a passo, e não tudo em um instante, a fim de que a alma, vendo sempre que lhe falta alguma coisa, se impulsione, faça todos os esforços para alcançar o que lhe falta, a fim de agradar-me mais e de santificar-se mais. Então Eu, atraído por esses atos, sinto-me forçado a dar-lhe novas graças e favores celestiais, e com isso se vem a formar um comércio todo divino entre a alma e Deus. De outra maneira, a alma possuindo em si a plenitude da perfeição, e portanto, de todas as virtudes, não encontraria maneiras de como esforçar-se, como agradar-lhe mais e viria a faltar a chama para acender o fogo entre a criatura e o Criador.”

(3) Seja sempre bendito o Senhor!

+ + + +

Jesus Ihe fala do nada e do amor que Ihe tem.

(1) Jesus continua vindo, mas com um aspecto todo novo. Parecia que do seu bendito Coração saía um tronco de árvore que tinha três raízes distintas. E esse tronco de seu Coração entrava no meu; e saindo de meu coração, o tronco formava tantos belos ramos carregados de flores, de frutos, de pérolas e de pedras preciosas, resplandecentes como estrelas muito brilhantes. Agora, meu amante Jesus, vendo-se à sombra dessa árvore se recreava todo, muito mais porque da árvore caíam tantas pérolas que formavam um belo adorno à sua Santíssima Humanidade. Enquanto estava nessa posição, disse-me:

(2) “Minha amadíssima filha, as três raízes que vês que contém esta árvore são: A Fé, a Esperança e a Caridade. E o que tu vês, que este tronco sai de Mim e se introduz em teu coração, significa que não há bem que as almas possuam que não venha de Mim; assim que depois da Fé, a Esperança e a Caridade, o primeiro desenvolvimento que esse tronco faz é o fazer conhecer que todo o bem vem de Deus, que de si mesmas não têm outra coisa que seu próprio nada e que este nada não faz outra coisa que dar-me a liberdade de fazer-me entrar nelas e fazer-me obrar o que quero; enquanto que há outros nadas, isto é, outras almas, que com a livre vontade que têm se opõem. Então, faltando este conhecimento, o tronco não produz nem ramos, nem frutos, nem nenhuma coisa boa. Os ramos que contém esta árvore, com todo o aparato das flores, frutos, pérolas e pedras preciosas, são todas as diversas virtudes que a alma possa possuir. Agora, quem deu a vida a esta árvore tão bela? Certamente as raízes, isto significa que a Fé, a Esperança e a Caridade, abraçam tudo, contêm todas as virtudes, tanto, que são postas como base e fundamento da árvore e sem elas não se pode produzir nenhuma outra virtude.”

(3) Assim que compreendi também que as flores significam as virtudes, os frutos os sofrimentos, as pedras preciosas e as pérolas, o sofrer unicamente e somente por amor de Deus. Eis aqui porque aquelas pérolas que caíam formavam esse belo ornamento a Nosso Senhor. Agora, enquanto Jesus se sentava à sombra dessa árvore, olhava-me com ternura toda paterna, então, tomado por um êxtase amoroso, que parecia que não podia conter em Si, abraçando-me fortemente, começou a dizer:

(4) “Como és bela! Tu és minha pomba inocente, minha amada morada, meu templo vivo, no qual unido ao Pai e ao Espírito Santo

me agrada deleitar-me. Teu contínuo penar por Mim me alivia e consola das contínuas ofensas que me fazem as criaturas. Deves saber que é tanto o amor que te tenho, que estou obrigado a escondê-lo em parte, para fazer que tu não enlouqueças e possas viver, porque se te fizesse vê-lo, não só enlouqueceria, mas não poderias continuar vivendo. Tua débil natureza ficaria consumida pelas chamas de meu Amor.”

(5) Enquanto dizia isso, eu me sentia confundir e aniquilar toda e me sentia afundar no abismo do meu nada, porque me via toda imperfeita, especialmente notava minha ingratiidã e frieza às tantas graças que o Senhor me faz. Porém, espero que tudo redunde para sua honra e glória, esperando com firme confiança que em um esforço do seu Amor queira vencer minha dureza.

+ + + +

2-72

16 de Setembro de 1899.

Divergência com Jesus. Efeitos do sofrer somente por Deus.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus veio, e temendo que fosse o demônio, eu lhe disse: “Permite-me que te faça o sinal da Cruz na testa.” E em seguida o persignei e assim fiquei mais segura e tranquila.

(2) Agora, Jesus bendito parecia cansado e queria repousar em mim e como eu também me sentia cansada pelos sofrimentos dos dias passados, especialmente por suas pouquíssimas vindas, sentia a necessidade de repousar n’Ele. Então, depois de ter repousado um pouco, disse-me:

(3) “A vida do coração é o amor. Eu sou como um enfermo que arde pela febre, que vai buscando um refrigério, um alívio para o fogo que o devora. Minha febre é o amor, porém onde obtenho os refrigérios, os alívios mais aptos para o fogo que me consome? Das penas e aflições sofridas pelas minhas almas prediletas somente por meu amor; muitas vezes Eu estou esperando e esperando para que a alma se volte a Mim para dizer-me : ‘Senhor, somente por amor a Ti quero sofrer esta pena.’ Ah sim, estes são meus refrigérios e os alívios mais aptos que me aliviam e me apagam o fogo que me consome!”

(4) Depois disso, jogou-se enfraquecido em meus braços, para repousar. Enquanto Jesus repousava, eu compreendia muitas coisas sobre as palavras ditas por Ele, especialmente o sofrer por seu amor. Oh, que moeda de inestimável valor! Se todos a conhecessem

faríamos concorrência para ver quem poderia sofrer mais, porém eu creio que todos somos curtos da vista para conhecer esta moeda tão preciosa, por isso não se chega a ter conhecimento dela.

+ + + +

2-73

19 de Setembro de 1899

Jesus fala da fé, da esperança e da caridade.

(1) Encontrando-me esta manhã um pouco perturbada, especialmente pelo temor de que não seja Jesus quem vem, mas o demônio, e que meu estado não seja Vontade de Deus, enquanto me encontrava nessa agitação, meu adorável Jesus veio e me disse:

(2) “Minha filha, não quero que percas o tempo, pensando nisso tu te distraís de Mim e me fazes faltar o alimento para nutrir-me. O que quero é que penses somente em amar-me e em estar toda abandonada em Mim, assim me prepararás um alimento muito agradável e não de vez em quando como farias se continuasses fazendo assim, mas continuamente. E isso não seria teu grandíssimo contentamento, que tua vontade por estar abandonada em Mim e com o amar-me, fosse alimento para Mim, teu Deus?”

(3) Depois disso, fez-me ver seu Coração e dentro tinha três globos de luz distintos, que depois formavam um só, e Jesus voltando a falar, disse-me:

(4) “Os globos de luz que vês em meu Coração são a Fé, a Esperança e a Caridade, que trouxe à Terra para fazer feliz ao homem sofredor, oferecendo-lhes em dom. Agora, também a ti quero dar um dom mais especial.”

(5) E enquanto dizia isso, daqueles globos de luz saíam como tantos fios de luz que inundavam minha alma, formando como uma espécie de rede, e eu ficava dentro.

(6) E Jesus: “Olha no que quero que ocupes tua alma: primeiro voa com as asas da fé, e submergindo-te nessa luz, conhecerás e adquirirás sempre novas notícias de Mim, teu Deus. Porém, ao conhecer-me mais, teu nada se sentirá quase disperso e não terás onde apoiar-te. No entanto, eleva-te mais e lança-te no mar imenso da Esperança, o qual são todos os meus méritos que adquiri no curso de minha vida mortal e todas as penas de minha Paixão, que delas também fiz dom ao homem, e somente por meio destes podes esperar os bens imensos da Fé, porque não há outro meio para poder obtê-los. Então, servindo-te desses meus méritos como se fossem

teus, o teu nada não se sentirá mais disperso e afundado no abismo do nada, mas adquirindo nova vida ficará embelezado, enriquecido de tal modo, de atrair a si os próprios olhares divinos. E então, não mais tímida, mas a esperança lhe dará a coragem, a força, de modo a tornar a alma estável como uma coluna, exposta a todas as inclemências do ar, como são as diversas tribulações da vida, que não a moverão em nada. E a esperança fará com que a alma não só mergulhe sem medo nas imensas riquezas da fé, mas que se torne dona. E chegará a tanto com a esperança, de fazer seu o próprio Deus. Ah, sim! A esperança faz a alma chegar até onde quer, a esperança é a porta do Céu, por isso só por ela se abre, porque quem tudo espera, tudo obtém. Então a alma, quando tiver chegado a fazer seu o próprio Deus, de repente, sem nenhum obstáculo, se encontrará no imenso oceano da caridade, e ali, levando consigo a fé e a esperança, se submergirá dentro e fará uma só coisa Comigo, seu Deus”.

(7) O amantíssimo Jesus continua dizendo: “Se a fé é o rei e a caridade é a rainha, a esperança é como uma mãe pacificadora que põe paz em tudo, porque com a fé e a caridade pode haver tribulações, mas a esperança, sendo vínculo de paz, converte tudo em paz. A esperança é sustento, a esperança é alívio, e quando a alma, elevando-se com a fé vê a beleza, a santidade, o amor com o qual é amada por Deus, sente-se atraída a amá-lo, mas vendo a sua insuficiência, o pouco que faz por Deus, o como deveria amá-lo e não O ama, sente-se desconsolada, perturbada e quase não se atreve a aproximar-se de Deus. Então, imediatamente a esperança, essa mãe pacificadora sai, e colocando-se no meio da fé e da caridade, começa a fazer o seu trabalho de trazer a paz. Então, ela põe a alma de novo em paz, a empurra, a eleva, dá-lhe novas forças e levando-a ao rei da fé e à rainha da caridade, desculpa a alma, põe diante dela uma nova efusão de seus méritos e lhes pede que a queiram receber. E a fé e a caridade, tendo em vista apenas essa mãe pacificadora, tão terna e cheia de compaixão, recebem a alma e Deus forma o deleite da alma, e a alma o deleite de Deus”.

(8) Oh, santa esperança, como és admirável! Imagino ver a alma que é possuída por esta bela esperança, como um nobre viajante que caminha para ir tomar posse de umas terras que formarão toda a sua fortuna. Mas como é desconhecido e viaja por terras que não são suas, quem o escarnece, quem o insulta, quem o despoja de suas vestes e quem chega até a golpeá-lo e ameaçar arrancar-lhe a pele. E o que faz o nobre viajante em todas essas dificuldades? Ele se

turbará? Ah, não, jamais! Pelo contrário, não levará em conta àqueles que lhe fazem tudo isso, e sabendo bem que quanto mais sofrer, mais será honrado e glorificado quando chegar a tomar posse de suas terras, por isso ele mesmo incita as pessoas a atormentá-lo mais. Mas ele está sempre tranquilo, goza da mais perfeita paz, e no meio desses insultos ele está tão calmo, que enquanto os outros estão despertados ao seu redor, ele está dormindo no seio de seu ansiado Deus. Quem dará a esse viajante tanta paz e tanta firmeza para seguir a viagem empreendida? Certamente a esperança dos bens eternos que serão seus, e assim superará tudo para tomar posse deles. Agora, pensando que são seus, passa a amá-los, e eis que a esperança faz nascer a caridade.

(9) Quem pode dizer o que Jesus bendito me faz ver com aquela luz? Queria passá-lo em silêncio, mas vejo que a Senhora Obediência, deixando a veste amigável, assume o aspecto de guerreira e pega suas armas para me fazer guerra e me ferir. Ah, não te armes tão prontamente! Deixa tuas garras, fica tranquila, pois por quanto possa, farei como tu dizes, e assim permaneceremos sempre amigas.

(10) Agora, quando a alma se põe no vasto mar da caridade, prova delícias inefáveis, desfruta de alegrias inenarráveis para uma alma mortal. Tudo é amor. Seus suspiros, seus batimentos cardíacos, seus pensamentos, são tantas vozes sonoras que faz ressoar em torno a seu amadíssimo Deus, vozes todas de amor que O chamam a ela, de modo que Deus bendito, atraído, ferido por essas vozes amorosas, corresponde-lhe, e acontece que os suspiros, as batidas do coração e todo o Ser Divino chamam continuamente a alma para Deus.

(11) Quem pode dizer como a alma fica ferida por essas vozes? Como começa a delirar como se estivesse com febre altíssima, como corre como enlouquecida e vai lançar-se no Coração amoroso de seu Amado para encontrar refrigério, e a torrentes suga as delícias divinas? Ela fica embriagada de amor e, em sua embriaguez, entoia cânticos todos amorosos de amor para seu dulcíssimo Esposo. Mas quem pode dizer tudo o que acontece entre a alma e Deus? Quem pode dizer algo sobre essa caridade que é o próprio Deus?

(12) Nesse momento, vejo uma luz grandíssima e ora minha mente fica maravilhada, ora se fixa em um ponto, ora em outro, e tento colocar no papel, mas me sinto balbuciante ao explicá-lo. Então, sem saber o que fazer, por hora faço silêncio e espero que a Senhora Obediência queira me perdoar dessa vez, pois se ela quer se zangar comigo, dessa vez não tem tanta razão, porque a culpa é dela,

porque não me dá uma língua ágil para saber dizer. Compreendeste, Reverendíssima Obediência? Ficamos em paz, não é verdade?

+ + + +

2-74

21 de Setembro de 1899

Divergências com a obediência. A causa de seu estado.

(1) No entanto, quem diria? Apesar da culpa ser sua, que não me dá a capacidade para saber manifestar, a Senhora Obediência a levou a mal e passou a desempenhar o papel de tirana cruel, e chegou a tal crueldade de me tirar a visão do meu amado Bem, meu único consolo. Vê-se que às vezes ela até se comporta como uma criança, que quando quer satisfazer um capricho, se não consegue de forma pacífica, enche a casa com gritos, choro, tanto que se é obrigado a agradá-la à força. Não há razões, não há meios de persuadi-la. Assim faz a Senhora Obediência, ela é tenaz, eu não teria acreditado que seria assim. E como ela quer vencer, quer que, mesmo balbuciante, eu escreva sobre a caridade. Oh, Deus santo! Tu mesmo, torna-a mais razoável, porque desse modo, não se pode seguir adiante. E tu, oh Obediência, devolva-me meu doce Jesus, não me toques mais profundamente e peço-te que não me tires a visão do meu Supremo Bem, e eu te prometo que mesmo balbuciante escreverei como tu queres. Só te peço a graça de que me deixes reanimar por alguns dias, porque minha mente, demasiado pequena, não resiste mais o estar submergida naquele vasto oceano da caridade divina, especialmente que ali descubro mais minhas misérias e minha feiúra, e ao ver o amor que Deus me tem, sinto-me quase enlouquecer, então minha débil natureza se sente desfalecer e não aguenta mais. Mas ao mesmo tempo me ocuparei em escrever outras coisas, para depois continuar com a caridade.

(2) Sigo com meu pobre dizer. Encontrando-se minha mente ocupada com as coisas ditas antes, pensava comigo mesma: “Em que aproveitaria escrever isso, se eu mesma não praticasse o que escrevo? Este escrito certamente seria uma condenação para mim”. Enquanto eu pensava nisso, veio o bendito Jesus e me disse: “Este escrito servirá para dar a conhecer quem é Aquele que te fala e ocupa a tua pessoa. E além disso, se não serve a ti, minha luz servirá a outros que lerão o que te faço escrever”.

(3) Quem pode dizer como fiquei mortificada ao pensar que outros aproveitarão as graças que Ele me dá se lerem esses escritos, e eu, que as recebo, não? Eles não me condenarão? Além disso, só de pensar que chegarão nas mãos de outros, meu coração se oprime de dor e vergonha de mim mesma. Agora, permanecendo em grandíssima aflição, ia repetindo: "Em que aproveita meu estado se servirá de condenação?"

(4) E o amorosíssimo Jesus, regressando, disse-me: "Minha Vida foi necessária para a salvação dos povos, e como não pude continuá-la sobre a Terra, por isso escolho a quem me apraz para continuá-la neles, para poder continuar a salvação dos povos, eis aqui o proveito de teu estado".

+ + + +

2-75

22 de Setembro de 1899

Jesus lhe fala sobre seus escritos. Contendas com a obediência.

(1) Sentindo-me com um cravo cravado no coração pelas palavras que ontem meu doce Jesus me disse, e sendo Ele sempre bondoso com essa miserável pecadora, para aliviar minhas penas veio e tendo compaixão de mim, disse-me:

(2) "Minha filha, não queiras afligir-te mais. Deves saber que tudo o que te faço escrever, seja sobre as virtudes ou sob alguma semelhança, não é outra coisa que fazer que pintes a ti mesma, e àquela perfeição a qual fiz chegar tua alma".

(3) Oh Deus! Que grande repugnância sinto ao escrever estas palavras, porque não me parece que o que diz seja verdade. Sinto que ainda não entendo o que são a virtude e a perfeição, mas a obediência assim o quer, e é melhor morrer do que ter que ver com ela. Muito mais porque tem duas caras: Se se faz como ela diz, ela assume a aparência de uma senhora e te acaricia como amiga fiel, e até te promete todos os bens que há no Céu e na terra. Porém, se depois descobre uma sombra de dificuldade contra, de repente, sem se fazer notar, revela-se como um guerreiro que está preparando suas armas para ferir-te e destruir-te. Oh, meu Jesus! Que tipo de virtude é essa obediência que faz tremer somente em pensar nela?

(4) Então, enquanto Jesus me dizia aquelas palavras, eu lhe disse: "Meu bom Jesus, em que aproveita à minha alma ter tantas graças,

se depois me amarguram toda a minha vida, especialmente nas horas de tua privação? Porque o compreender quem és Tu, e de quem estou privada, é um contínuo martírio para mim. Portanto, não me servem mais do que para me fazer viver continuamente amargurada”.

(5) E Ele acrescentou: “Quando uma pessoa gosta do doce de um alimento e depois é obrigada a tomar o amargo, para tirar essa amargura se duplica o desejo de provar o doce, e isso serve muito para aquela pessoa, porque se provasse sempre o doce sem provar jamais do amargo, não teria muito apreço pelo doce, e se sempre provasse o amargo sem conhecer o doce, não o conhecendo nem sequer o desejaria, por isso um e outro servem, e assim servem também para ti.”

(6) E eu: "Meu pacientíssimo Jesus, perdoa-me por ter que suportar uma alma tão miserável e ingrata, parece-me que desta vez quero investigar demais."

(7) E Jesus: "Não te perturbes, sou Eu mesmo que ponho as dificuldades em teu interior para ter a oportunidade de conversar contigo, e ao mesmo tempo te instruir em tudo."

+ + + +

2-76

25 de Setembro de 1899

Temor de que seus escritos possam encontrar-se em mãos de outros.

(1) Em minha mente estava pensando: "Se estes escritos chegassem às mãos de alguém, talvez eles diriam: "Ela deve ser uma boa cristã porque o Senhor lhe faz tantas graças", sem saber que apesar de tudo isso, sou todavia, muito má. Eis aqui como as pessoas podem se enganar tanto no bem quanto no mal. Ah Senhor, só Tu conheces a verdade e o fundo dos corações!" Enquanto isso pensava, o bendito Jesus veio e me disse:

(2) "Minha amada, e se as pessoas soubessem que tu és minha defensora e a delas?"

(3) E eu: "Meu Jesus, o que dizes?"

(4) E Ele: “Como! Não é verdade que tu me defendes das penas que elas me dão, colocando-te no meio entre Mim e elas, e tomas sobre ti o golpe que Eu estava prestes a receber em Mim, e o que Eu

deveria descarregar sobre elas? E se alguma vez não os recebes sobre ti, é porque não o permito, e isso com grande pesar, até lamentar-te Comigo. Acaso podes negar isso?"

(5) "Não, Senhor, não posso negar, mas vejo que é algo que Tu mesmo infundiste em mim, por isso digo que o fato não é que eu seja boa, e me sinto toda confusa quando ouço que me dizes essas palavras".

+ + + +

2-77

26 de Setembro de 1899.

A causa pela qual Jesus não toma em conta as oposições. Visão abstrativa e intuitiva da alma.

(1) Esta manhã, tendo vindo meu adorável Jesus, transportou-me para fora de mim mesma. Mas com grande pesar, eu O via de costas, e por mais que lhe rogasse para me deixar ver seu santíssimo Rosto, para mim resultava impossível. Em meu interior, eu ia dizendo: "Quem sabe, talvez sejam minhas oposições à obediência de escrever, pelo que Ele não se digna a fazer ver seu Rosto adorável." E enquanto dizia isso, chorava. Depois que me fez chorar, Ele se virou e me disse:

(2) "Eu não levo em conta tuas oposições, porque tua vontade está tão fundida com a minha, que não podes querer senão o que quero Eu. Por isso, enquanto te repugna, ao mesmo tempo te sentes atraída como por um ímã para fazê-lo, de modo que tuas repugnâncias não servem senão para tornar a virtude da obediência mais bela e resplandecente, por isso não as levo em consideração".

(3) Depois que vi seu bellissimo Rosto, e em meu interior sentia um contentamento indescritível, e dirigindo-me a Ele, disse: "Dulcíssimo Amor meu, se eu sinto tanto deleite ao te ver, o que haverá sentido nossa Mãe Rainha, quando te encerraste em seu seio puríssimo? Que contentamentos, quantas graças não lhe deste?"

(4) E Ele: "Minha filha, foram tais e tantas as delícias e graças que derramei n'Ela, que basta dizer-te que o que sou por natureza, nossa Mãe o chegou a ser por graça. Muito mais, pois não tendo culpa, minha graça pôde dominar livremente n'Ela. Assim que, não há nada do meu Ser que Eu não tenha conferido a Ela".

(5) Naquele instante, parecia-me que via a nossa Rainha Mãe como se fosse um outro Deus, com esta única diferença: O que em Deus é sua própria natureza, em Maria Santíssima é graça conseguida. Quem pode dizer como fiquei maravilhada? Como minha mente se perdia ao ver um portento de graça tão prodigioso? Então, dirigindo-me a Ele, disse-lhe: “Meu Bem Amado, nossa Mãe teve tanto bem porque te fazias ver intuitivamente. Eu quisera saber como te mostras a mim, com a visão abstrativa ou intuitiva. Quem sabe se também é abstrativa”.

(6) E Ele: “Quero fazer-te entender a diferença que há entre uma e outra. Na abstrativa, a alma olha a Deus, na intuitiva, entra dentro d’Ele e consegue as graças, isto é, recebe em si a participação do Ser Divino. E tu, quantas vezes não participaste do meu Ser? Esse sofrer que em ti parece como se fosse inato, essa pureza que chegas a sentir como se não tivesses corpo, e tantas outras coisas, não as tenho dado a ti, quando te atraí intuitivamente para Mim?”.

(7) “Ah, Senhor, é verdade! E eu, que agradecimentos te tenho dado por tudo isso? Qual tem sido minha correspondência? Sinto vergonha só em pensá-lo. Mas ah, perdoa-me e faz com que possam me reconhecer no Céu e na Terra como um objeto de tuas infinitas misericórdias”.

+ + + +

2-78

30 de Setembro de 1899.

Tentações. Como a paciência em sofrer as tentações é como um alimento substancioso.

(1) Primeiro devo dizer que passei uma hora de inferno. Então, olhei rapidamente para uma imagem do Menino Jesus, e um pensamento como um raio disse ao menino: "Como és feio!" Tratei de não lhe dar importância nem perturbar-me, para evitar qualquer jogo com o demônio, mas apesar disso aquele raio diabólico penetrou em meu coração, e senti que meu pobre coração odiava Jesus. Ah sim, me sentia no inferno fazendo companhia aos condenados, sentia o amor transformado em ódio! Oh Deus, que pena não poder te amar! Dizia: "Senhor, é verdade que não sou digna de te amar, mas ao menos aceita esta pena, que quisera amar-te e não posso".

(2) Depois de haver passado mais de uma hora no inferno, parece que saí, graças a Deus. Mas quem pode dizer o quão aflito ficou meu pobre coração, fraco pela guerra travada entre o ódio e o amor? Sentia tal prostração de forças, que me parecia não ter mais vida. Então fui surpreendida por meu habitual estado, mas oh, como estava abatida, meu coração e todas as potências interiores, que com ânsia inenarrável desejam e vão em busca de seu sumo e único Bem e só se detêm quando o encontram, e com sumo contentamento eles o gozam, desta vez não se atreviam a mover-se, estavam tão aniquilados, confusos e abismados em seu próprio nada, que não se faziam sentir. Oh Deus, que golpe cruel meu pobre coração teve que sofrer! Com tudo isso, meu sempre benigno Jesus veio e sua visão consoladora rapidamente me fez esquecer de ter estado no inferno, tanto que nem sequer pedi perdão a Jesus. As potências interiores, humilhadas, cansadas como estavam, parecia que repousavam n'Ele. Tudo era silêncio, de ambas as partes não havia mais que um olhar amoroso com o qual nos ferimos o coração um ao outro. Depois de haver estado nesse profundo silêncio por algum tempo, Jesus me disse:

(3) "Minha filha, tenho fome, dá-me alguma coisa."

(4) E eu: "Não tenho nada para te dar." Mas nesse mesmo instante, vi um pão e dei a Ele, e parecia que ele comia com todo gosto. Agora, em meu interior eu ia dizendo: "Já faz alguns dias que Ele não me diz nada." E Jesus respondeu ao meu pensamento:

(5) "Às vezes, o esposo se compraz em tratar com sua esposa, confiar-lhe seus mais íntimos segredos. Outras vezes, deleita-se com mais gosto em descansar e em contemplar-se mutuamente a beleza, enquanto que o falar impede o repousar, e o simples pensar o que se deve dizer ou de que coisa se deve tratar, não permite pôr a atenção em ver a beleza do esposo e da esposa. Mas no entanto, isso serve, porque depois de terem repousado e compreendido mais a sua beleza, vêm a se amar mais e com mais força saem para trabalhar, tratar e defender seus interesses. Assim estou fazendo contigo, não estás contente?"

(6) Depois disso, um pensamento relampejou em minha mente a respeito da hora passada no inferno, e logo eu disse: "Senhor, perdoa-me por quantas ofensas te fiz."

(7) E Ele: "Não queiras afligir-te nem perturbar-te, sou Eu quem conduz a alma até a profundidade do abismo, para poder depois conduzi-la mais rápido ao Céu."

(8) Então Ele me fez compreender que aquele pão que encontrei em mim não era outra coisa que a paciência com a qual havia suportado aquela hora de batalha sangrenta. Assim que a paciência, a humilhação, o oferecimento a Deus do que se sofre em tempo de tentação , é um pão substancioso que se dá a Nosso Senhor e que Ele aceita com muito gosto.

+ + + +

2-79

1 de Outubro de 1899

Jesus fala com amargura dos abusos dos sacramentos.

(1) Esta manhã Jesus continuava fazendo-se ver em silêncio, mas com um aspecto aflitíssimo, e tinha uma grossa coroa de espinhos cravada na cabeça. Sentia minhas potências interiores em silêncio e não se atreviam a dizer uma única palavra. Vendo que Ele sofria muito na cabeça, estendi minhas mãos e pouco a pouco lhe tirei a coroa. Mas que espasmo amargo sofria, como as feridas se abriam e o sangue corria a rios! Para dizer a verdade era algo que rasgava a alma. Depois de tirar a coroa de espinhos, coloquei-a sobre a minha cabeça, e Ele mesmo ajudava para que penetrasse bem, mas tudo era silêncio por ambas as partes. Mas qual foi o meu espanto, porque pouco depois olhei de novo para Ele e estavam-lhe pondo outra coroa de espinhos com as ofensas que lhe faziam. Oh, perfídia humana! Ó paciência incomparável do meu Jesus, como sois grande! E Jesus se calava e quase não os via, para não saber quem eram seus ofensores. Então, novamente eu a tirei d'Ele, e avivando-se todas as minhas potências interiores por uma terna compaixão, eu disse a Ele:

(2) “Meu amado Bem, minha doce vida, diga-me por que não me dizes nada? Nunca foi teu costume esconder-me teus segredos. Ah, conversemos um pouco, assim aliviaremos um pouco a dor e o amor que nos oprimem.

(3) E Ele: “Minha filha, tu és o alívio em minhas penas. No entanto, debes saber que não te digo nada porque tu me obrigas sempre a não castigar as pessoas, queres te opor à minha justiça, e se não faço como tu queres , ficas insatisfeita e Eu sinto uma pena a mais, ou seja, o não te deixar contente; assim, para evitar desgostos para ambas as partes, é melhor Eu fazer silêncio”.

(4) E eu: “Meu bom Jesus, por acaso esqueceste o quanto Tu mesmo sofres depois de ter usado a justiça? O ver-te sofrer nas criaturas é o que me faz decidir te forçar a não castigar as pessoas. E além disso, esse ver as próprias criaturas se voltarem contra Ti como tantas víboras venenosas, que se estivesse em seu poder já teriam tirado a tua vida, porque se veem sob os teus flagelos, e assim irritam mais a tua justiça, não me dá a coragem de dizer Fiat Voluntas Tua”.

(5) E Ele: “Minha justiça não pode ir além disso. Sinto-me ferido por todos, pelos sacerdotes, pelos devotos, pelos leigos, principalmente pelo abuso dos sacramentos: Quem não lhes presta nenhuma atenção, acrescentando os desprezos; quem, frequentando-os, faz deles uma conversa prazerosa, e quem, não estando satisfeito em seus caprichos, vem me ofender por isso. — Oh! Como fica dilacerado meu Coração ao ver os sacramentos reduzidos, como aqueles quadros pintados, ou como aquelas estátuas de pedra, que de longe parecem vivas, porém, se alguém se aproxima, começa a descobrir o engano. E então, se se tenta tocá-las, o que se encontra? Papel, pedra, madeira, objetos inanimados, e se fica desenganado de tudo. Assim são reduzidos os sacramentos, para a maioria não há nada além da mera aparência e eles ficam mais sujos do que limpos. E além disso, o espírito de interesse que reina nos religiosos é para chorar, não achas que são todo olhos onde há um mísero lucro, até chegar a degradar sua dignidade? Mas onde não há interesse, eles não têm mãos nem pés para mover-se nem sequer um pouco. Esse espírito de interesse lhes enche tanto o interior, que transborda ao exterior e até os próprios leigos sentem a peste, e escandalizados não têm fé em suas palavras. Ah sim, ninguém para de me ofender! Há quem me ofende diretamente, e quem, podendo impedir tanto mal, não se preocupa em fazê-lo, por isso não tenho a quem me dirigir. Mas Eu os castigarei, de maneira a torná-los inúteis, e a quem destruirei perfeitamente, chegarão a tanto, que as igrejas ficarão desertas, sem ter quem administre os sacramentos”.

(6) Interrompendo seu falar, todo assustada lhe disse: “Senhor, o que dizes? Se há quem abuse dos sacramentos, também há muitas filhas boas que os recebem com as devidas disposições e sofrem muito se não os frequentam”.

(7) E Ele: "Muito escasso é o seu número, e além disso, a sua dor por não poderem recebê-los, servirá como uma reparação a Mim e para serem vítimas por aqueles que abusam."

(8) Quem pode dizer como fiquei ferida por esse falar de Jesus bendito? Mas espero que queira aplacar-se por sua infinita misericórdia.

+ + + +

2-80

3 de Outubro de 1899

Divergências com a obediência e como esta é o próprio Jesus.

(1) Esta manhã, Jesus continuava a mostrar-se aflito. Não tinha coragem de dizer nenhuma palavra ao meu pacientíssimo Jesus, por medo de que voltasse a lamentar-se do estado religioso, e isso porque a obediência quer que eu escreva tudo, também o que diz respeito à caridade do próximo, e isso é tão penoso para mim que tenho lutado a força de braço com a Senhora Obediência, que assumiu a aparência de uma guerreira poderosíssima, armada com suas armas para me dar a morte. Na verdade, encontrei-me em tais dificuldades, que eu mesma não sabia o que fazer. Escrever segundo a luz com a qual Jesus me fazia ver a caridade do próximo parecia-me impossível. Sentia meu coração ferido por mil espinhos, sentia a boca emudecer e o ânimo diminuir, e lhe dizia: "Amada Obediência, tu sabes quanto te amo e que de boa vontade por teu amor daria a vida, porém vejo que aqui não posso, e tu mesma vês a dilaceração de minha alma. Ah! não te tornes inimiga, não sejas impiedosa comigo, seja mais indulgente com quem tanto te ama. Vem comigo tu mesma e vejamos juntas o que mais nos convém dizer".

(2) Assim, parece que depôs seu furor e ela mesma ditava o que era mais necessário, encerrando em poucas palavras todo o sentido das diversas coisas a respeito da caridade, embora às vezes quisesse ser mais detalhada e eu lhe dizia, basta, que com um pouco de reflexão entendam o que significa. Não é melhor encerrar todo o significado em uma palavra, do que em tantas palavras?

(3) Às vezes cedia a obediência, às vezes eu, e assim parece que temos estado de acordo. Quanta paciência se necessita com esta bendita Senhora Obediência, verdadeira senhora, porque basta dar-lhe o direito de dominar, e ela troca a sua aparência pela de mansíssimo cordeiro. Ela mesma faz o sacrifício do trabalho e faz a alma repousar com o seu Senhor, pondo-se à sua volta com olho vigilante, para fazer com que ninguém ouse perturbá-la nem

interromper seu sono. E enquanto a alma dorme, o que esta nobre senhora faz? Ela está suando em sua fronte, apressando-se no trabalho que cabia à alma, o que verdadeiramente surpreende qualquer mente humana inteligente e move os corações para amá-la.

(4) Agora, enquanto digo isso, em meu interior penso: “Mas o que é essa obediência? Do que está formada? Qual é o alimento que a sustenta?” E Jesus faz ouvir sua harmoniosa voz em meu ouvido, dizendo:

(5) “Queres saber que coisa é a obediência? A obediência é a quintessência do amor. A obediência é o amor mais fino, mais puro, mais perfeito, extraído pelo sacrifício mais doloroso, que é destruir a si mesmo para viver de Deus. A obediência, sendo muito nobre e divina, não admite na alma nada de humano e que não seja seu. Por isso, toda a sua atenção é destruir na alma tudo o que não pertence à sua nobreza divina, como o amor-próprio, e feito isso, pouco lhe interessa que seja ela sozinha que se esforce e se fatigue pelo que a alma deveria fazer, e a esta faz repousar tranquilamente. Finalmente, a obediência sou Eu mesmo”.

(6) Quem pode dizer como fiquei maravilhada e estática ao ouvir esse falar do bendito Jesus? — Oh, santa obediência! Como és incompreensível! Eu me prostro a teus pés e te adoro. Peço-te que sejas minha guia, mestra, luz no desastroso caminho da vida, para que guiada, ensinada, escoltada por tua luz puríssima, possa tomar posse com segurança do porto eterno. Terminei quase esforçando-me em sair dessa virtude da obediência, de outra maneira, não terminaria jamais de falar. É tanta a luz que vejo dessa virtude, que poderia escrever sempre sobre ela, mas outras coisas me chamam, por isso faço silêncio e continuo de onde parei.

(7) Então, eu via meu doce Jesus aflito, e lembrando que a obediência havia me dito para rezar por uma pessoa, com todo o coração eu a recomendei, e Jesus me disse:

(8) “Minha filha, que faça de maneira que todas as suas obras resplandeçam só de virtude, mas lhe recomendo especialmente que não interfira nas coisas de família; se tem alguma coisa, que se desfaça dela, se não tem, não quero que ele se intrometa. Que deixe que faça as coisas quem deve e ele permaneça livre, sem se enlamear nas coisas terrenas, caso contrário, ele viria a incorrer na desventura dos demais, que a princípio, querendo interferir em alguma coisa de família, depois todo o peso ficou sobre seus ombros, e Eu, apenas por minha misericórdia, tive que permitir que eles não prosperassem, mas empobrecessem e assim fazê-los tocar com a

mão como é inconveniente para um ministro meu enlamear-se em coisas terrenas, enquanto, palavra saída de minha boca, que aos ministros do meu santuário, sempre e quando não toquem as coisas terrenas, jamais lhes haveria faltado o alimento cotidiano. Agora, se Eu os tivesse feito prosperar, eles teriam enlameado seus corações e não teriam dado atenção nem a Deus nem às coisas pertencentes ao seu ministério. Agora, entediados, cansados de seu estado, gostariam de se libertar, mas não podem e isso é um castigo pelo que não deveriam fazer”.

(9) Depois lhe recomendei um enfermo, e Jesus me mostrava as suas Chagas, que aquele enfermo lhe havia causado. Eu tratei de rogar-lhe, aplacá-lo e repará-lo, e parecia que aquelas chagas se fechavam. E Jesus, todo bondade, disse-me:

(10) "Minha filha, hoje tu fizeste o trabalho de um médico muito experiente, que não só tentou aliviar, enfaixar, mas também curar as chagas que este enfermo me causou, então me sinto muito aliviado e aplacado."

(11) Então compreendi que, rezando pelos enfermos, se faz o ofício de médico a Nosso Senhor, que sofre em suas próprias imagens.

+ + + +

2-81

7 de Outubro de 1899

Vê Jesus irritado com as pessoas.

(1) Esta manhã, o bendito Jesus não veio e eu tive que me armar de paciência para esperá-lo. Em meu interior eu dizia: "Meu amado Jesus, vem, não me faças esperar tanto. Desde ontem à noite não te vejo e agora é muito tarde e Tu não vens ainda. Veja com quanta paciência te tenho esperado. Ah! Não faças que eu chegue a impacientar-me porque demoras tanto para vir, pois a causa és Tu com tuas demoras. Por isso vem, porque não posso mais".

(2) Agora, enquanto eu estava dizendo isso e outros disparates, meu único Bem veio, mas com suma dor minha, eu O vi zangado com as pessoas. De imediato eu lhe disse: "Meu bom Jesus, eu te peço que faças as pazes com o mundo."

(3) E Ele: "Filha, não posso. Eu sou como um rei que quer entrar em uma casa, mas aquela casa está cheia de coisas imundas, de podridão e de muitas outras porcarias. O rei, como rei, tem o poder

de entrar, não há ninguém que o possa impedir e ele pode até limpar aquele cômodo com suas próprias mãos, mas não quer fazê-lo, porque não é adequado para a sua pessoa real descer a tantas coisas baixas, e enquanto o cômodo não for limpo por outros, apesar de que tenha o poder, a vontade e um grande desejo, mesmo de sofrer, não se dignará a pôr os pés nela. Assim sou Eu. Sou Rei que posso e quero, porém quero sua vontade, quero que tirem a podridão das culpas para entrar e fazer as pazes com eles. Não, não é decente para minha realeza entrar e fazer as pazes com eles, além do mais, não farei outra coisa que enviar castigos. O fogo da tribulação os inundará por todas as partes, até aterrorizá-los, a fim de que recordem que existe um Deus, o único que pode ajudá-los e libertá-los”.

(4) E eu, interrompendo seu falar, disse-lhe: “Senhor, se queres usar os castigos, eu quero ir para o Céu, não quero mais estar nesta terra. Como meu coração poderá resistir a ver as tuas criaturas sofrerem? E Jesus, assumindo um aspecto benigno, disse-me:

(5) “Se tu vens, onde Eu irei morar nesta terra? Por hora pensemos em estar juntos aqui, porque no Céu teremos um longo tempo para estar juntos, como é toda a eternidade. E além disso, muito rápido tens esquecido o ofício de ser minha mãe na Terra. Portanto, enquanto Eu castigo os povos, virei me refugiar e morarei contigo”.

(6) E eu: “Ah Senhor, de que tem servido meu estado de vítima por tantos anos? Que bem tem chegado aos povos, já que Tu me dizias que me querias como vítima para evitar os castigos às pessoas? E agora me fazes ver que esses castigos, ao invés de ter acontecido há tantos anos atrás, vão acontecer agora, nem mais nem menos que isso”.

(7) E Ele: “Minha filha, não digas isso. Minha magnanimidade tem sido por amor a ti, e o bem que veio disso tem sido que aqueles terríveis castigos que deviam fazer estragos por muitíssimo tempo, agora por isso serão mais breves. E não é isso um bem, que alguém, em vez de estar sob o peso de um castigo por muitos anos, esteja apenas por poucos? Além disso, no curso desses anos passados, guerras, mortes imprevistas que não deveriam ter tido tempo de converter-se, agora ao contrário tiveram e foram salvas, não é isso um grande bem? Minha amada, por hora não é necessário fazer-te compreender o proveito de teu estado para ti e para os povos, mas eu o mostrarei quando vieres para o Céu e no dia do juízo o mostrarei a todas as nações . Por isso, não fales mais desse modo”.

+ + + +

2-82

14 de Outubro de 1899.

**Jesus fala como são necessários os castigos. E fala da
esperança de forma comovedora.**

(1) Esta manhã me sentia um pouco perturbada e totalmente aniquilada em mim mesma. Eu me via como se o Senhor quisesse me afastar de Si. Oh Deus, que pena tão dilacerante é essa! Enquanto me encontrava em tal estado, o bendito Jesus veio com uma cordinha na mão e golpeando meu coração três vezes, disse-me:

(2) "Paz, paz, paz. Não sabes tu que o reino da esperança é reino de paz, e o direito desta esperança é a justiça? Tu, quando vires que a minha justiça se arma contra os povos, entra no reino da esperança, e investindo-te das qualidades mais poderosas que ela possui, sobe até meu trono e faz o quanto possas para desarmar o meu braço armado. E isso o farás com as vozes mais eloquentes, mais ternas, mais piedosas, com as razões mais poderosas, com as orações mais ardentes que a própria esperança te ditará. Mas quando vires que a própria esperança está por manter certos direitos de justiça que são absolutamente necessários, e que querer ceder seria um querer fazer afronta a si mesma, o que não pode ser jamais, então conforma-te a Mim e cede à Justiça".

(3) E eu, mais apavorada do que nunca, porque devia ceder à justiça, disse-lhe: "Ah Senhor, como posso fazer isso? Parece-me impossível, somente o pensamento de que deves castigar as pessoas, sendo tuas imagens, não posso tolerá-lo, se pelo menos fossem criaturas que não te pertencessem. No entanto, isso é nada, o que mais me dilacera é que devo ver a Ti, quase digo, golpeado por Ti mesmo, esbofeteado, açoitado, afligido, porque os castigos cairão sobre os teus próprios membros, não sobre os outros, e por isso, Tu mesmo virás a sofrer. Diz-me, meu único Bem, como poderá o meu coração resistir ao ver-te sofrer, golpeado por Ti mesmo? Que te façam sofrer as criaturas, são sempre criaturas e é mais tolerável, mas isso é tão duro, que não posso aceitá-lo, por isso não posso conformar-me Contigo, nem ceder".

(4) E Ele, apiedando-se e compadecendo-se todo por esse meu falar, assumindo um aspecto aflito e benigno, disse-me:

(5) “Minha filha, tu tens razão de que ficarei golpeado em meus próprios membros, tanto que ao te ouvir falar, sinto todas as minhas entranhas comovidas e movidas pela misericórdia e sinto meu Coração se despedaçar de ternura. Porém, acredite em Mim que são necessários os castigos, e se tu não queres ver-me golpeado um pouco agora, me verás golpeado mais terrivelmente depois, porque mais me ofenderão, e isso não te desgostaria mais? Por isso, conforma-te Comigo, de outra maneira me obrigarás para não te ver descontente, a não dizer-te mais nada, e com isso virás a negar-me o alívio que sinto ao conversar contigo. Ah, sim! Tu me reduzirás ao silêncio sem ter com quem desabafar minhas penas”.

(6) Quem pode dizer o quanto fiquei amargurada com seu falar? E Jesus, como se quisesse me distrair da minha aflição, continuou falando sobre a esperança dizendo-me:

(7) "Minha filha, não te perturbes, a esperança é paz, e assim como Eu, no exato momento de fazer justiça estou na mais perfeita paz, assim tu, submergindo na esperança, fique em paz. A alma que está na esperança, ao querer afligir-se, perturbar-se, desconfiar, incorreria na desventura daquela que, enquanto possui milhões e milhões de moedas e é rainha de vários reinos, vai imaginando e dando lamentos dizendo: "De que vou viver? Como me vestirei? Ai, morro de fome! Sou muito infeliz! Eu me reduzi à mais estreita miséria e terminarei por perecer!" E ao dizer isso chora, suspira e passa seus dias triste, esquelética, imersa na maior tristeza. E isso não é tudo, o pior é que se vê seus tesouros, se caminha por suas propriedades, em vez de alegrar-se, se aflige mais pensando em seu fim próximo e vendo o alimento não o quer tocar para sustentar-se, e se alguém quer persuadi-la, fazendo-a tocar suas riquezas com a mão, mostrando-as e dizendo-lhe que não pode ser que se reduza à mais estreita miséria, ela não se convence, fica aturdida e chora ainda mais por sua triste sorte. Agora, o que diriam as pessoas sobre ela? Que está louca, que se vê que não tem razão, que perdeu o cérebro; a razão é clara, não pode ser de outra maneira. Entretanto, pode acontecer que essa tal possa cair na desgraça que se imagina, mas de que forma? Saindo de seus reinos, abandonando todas as suas riquezas e indo para terras estrangeiras, no meio de povos bárbaros, onde ninguém se digne a dar-lhe nem uma migalha de pão. E eis que sua fantasia se tornou realidade. O que era falso agora é verdade. Mas quem foi a causa? A quem se culparia por uma mudança tão triste de estado? À sua pérfida e obstinada vontade. Precisamente assim é uma alma

que se encontra de posse da esperança: o querer perturbar-se, desanimar, já é a maior loucura”.

(8) E eu: “Ah! Senhor, como pode ser que a alma possa estar sempre em paz vivendo na esperança? E se a alma comete algum pecado, como pode ficar em paz?”

(9) E Jesus: “No momento em que a alma peca, sai do reino da esperança, já que pecado e esperança não podem estar juntos. Qualquer razão aceita que cada um está obrigado a respeitar, conservar e cultivar o que é seu. Quem é o homem que vai às suas terras e queima o que possui? Quem é aquele que não tem seus pertences zelosamente guardados? Creio que ninguém. Ora, a alma que vive na esperança, com o pecado ofende a própria esperança e se estivesse em seu poder, queimaria todos os bens que a esperança possui, e então se encontraria na desventura daquele que, abandonando os seus bens, vai viver em terras estrangeiras. Assim, a alma com o pecado, afastando-se desta mãe pacífica da esperança tão terna e piedosa, que chega a alimentá-la com suas próprias carnes, assim como está Jesus no Sacramento, objeto primeiro da nossa esperança, vai viver no meio de gente bárbara, como são os demônios, que negando-lhe até o menor consolo, não a alimentarão com outra coisa além de veneno, que é o pecado. No entanto, esta mãe piedosa, o que faz? Enquanto a alma se afasta dela, ficará indiferente? Ah, não! Chora, reza, a chama com as vozes mais ternas, mais comovedoras, vai junto a ela e só se contenta quando a traz de volta ao seu reino”.

(10) Meu doce Jesus continua dizendo-me: "A natureza da esperança é paz, e o que ela é por natureza, a alma que vive no seio dessa mãe pacífica o consegue por graça."

(11) E no mesmo momento em que o bendito Jesus diz essas palavras, com uma luz intelectual Ele me faz ver sob a semelhança de uma mãe, o que essa esperança fez pelo homem. Oh, que cena comovente e muito terna, que se todos a pudessem ver, mesmo os corações mais duros chorariam de tristeza e todos se apegariam, a amariam tanto que seria impossível separar-se por um único momento de seus joelhos maternos. E agora tratarei de dizer o que entendo e posso:

(12) O homem vivia acorrentado, escravo do demônio, condenado à morte eterna, sem esperança de poder ressurgir para a vida eterna. Tudo estava perdido e sua sorte estava em ruínas. Essa mãe vivia no Empíreo, unida ao Pai e ao Espírito Santo, bem aventurada, feliz com Eles. Mas parecia que não estava contente, queria seus filhos, suas

amadas imagens em torno a ela, a obra mais bela saída de suas mãos. Agora, enquanto estava no Céu, seu olhar estava atento ao homem que estava perdido na terra. Toda ela se ocupa com a maneira de salvar esses seus filhos amados, e vendo que esses filhos não podem absolutamente satisfazer a Divindade, mesmo à custa de qualquer sacrifício, pois são muito inferiores a Ela, o que faz essa piedosa mãe? Vê que não há outro meio de salvar esses filhos do que dar sua própria vida para salvar a deles, e tomar sobre si suas penas e misérias e fazer tudo o que eles deveriam fazer por si mesmos, então o que pensa fazer? Essa mãe amorosa se apresenta diante da justiça divina com lágrimas nos olhos, com as vozes mais ternas, com as razões mais poderosas que seu coração magnânimo dita e diz: "Peço-te graça para meus filhos perdidos, não resisto em vê-los separados de Mim, quero salvá-los a qualquer custo e, embora veja que não há outro caminho senão dar a minha própria vida, quero dá-la desde que eles readquiram a sua. Que queres deles? Reparação? Reparo Eu por eles. Glória, honra? Eu te honro e te glorifico por eles. Agradecimentos? Eu te agradeço, te dou tudo o que queres deles, contanto que os possa ter reinando Comigo".

(13) A Divindade fica comovida ao ver as lágrimas, o amor dessa piedosa mãe, e convencida por suas poderosas razões, sente-se inclinada a amar esses filhos, e juntos choram sua desventura, e pondo-se de acordo, concluem que aceitam o sacrifício da vida dessa mãe, ficando por ele plenamente satisfeitos, para readquirir esses filhos. Assim que o decreto é firmado, ela imediatamente desce do Céu e vem à Terra, e deixando as vestes reais que tinha no Céu, veste-se das misérias humanas, como se fosse a mais vil escrava e vive na pobreza mais extrema, nos sofrimentos mais inauditos, nos desprezos mais insuportáveis à natureza humana. Ela não faz outra coisa além de chorar e interceder por seus amados filhos. Mas o que mais impressiona, tanto nessa mãe como nesses filhos, é que enquanto ela ama tanto esses filhos, eles, em vez de receberem essa mãe de braços abertos, já que ela vem salvá-los, fazem o contrário. Ninguém quer recebê-la nem reconhecê-la, além do mais, obrigam-na a ir errante, desprezam-na e começam a planejar como matar essa mãe tão terna e excessivamente amorosa para com eles. O que fará essa mãe tão terna ao se ver tão mal correspondida por seus filhos ingratos? Acaso se deterá? Ah, não! Ao contrário, se inflama mais de amor por eles e corre de um ponto a outro para reuni-los e colocá-los em seu colo. Oh, como se fatiga, como se cansa, até pingar de suor, não só de água, mas também de sangue! Não se dá um momento de

trégua, está sempre em atitude de efetuar a sua salvação, provê todas as suas necessidades, remedia todos os seus males passados, presentes e futuros. Em suma, não há nada que não ordene e disponha para o seu bem.

(14) Mas o que fazem esses filhos? Será que talvez se arrependeram da ingratidão que tiveram ao recebê-la? Mudaram seus pensamentos em favor dessa mãe? Ah, não! Olham-na com maus olhos, desonram-na com as mais negras calúnias, trazem opróbrios, desprezos, confusões, a golpeiam com todo tipo de flagelos, reduzindo-a toda a uma chaga, e acabam por fazê-la morrer com uma morte, a mais infame que se possa encontrar, em meio a cruéis espasmos e dores. Mas o que faz essa mãe em meio a tantas penas? Odiará talvez a esses filhos tão rebeldes e insolentes? Ah não, jamais! Agora, mais do que nunca, os ama extremamente, oferece suas penas pela própria salvação deles e expira com a palavra da paz e do perdão.

(15) Ah! Minha bela mãe, oh amada esperança, quão amável és em ti mesma, eu te amo! Ah! Mantenha-me sempre em teu colo e eu serei a mais feliz do mundo. Enquanto estou determinada a parar de falar da esperança, ressoa por toda parte uma voz que diz:

(16) “A esperança contém todo o bem presente e futuro, e quem vive em seu colo e cresce sobre seus joelhos, tudo o que quer obtém. O que a alma quer: glória, honra? A esperança lhe dará toda a honra e a maior glória na terra, diante de todas as pessoas, e no Céu a glorificará eternamente. Talvez quererá riqueza? Oh! Esta mãe esperança é riquíssima e, além disso, dando seus bens a seus filhos, não diminuem em nada suas riquezas. Além disso, essas riquezas não são fugazes e passageiras, mas eternas. Quererá prazeres, contentamentos? Ah! Sim, esta esperança contém em si todos os prazeres e gostos possíveis que se possam encontrar no Céu e na terra, que nenhum outro jamais poderá igualar-lhe, e quem se nutre em seu seio, gosta deles até a saciedade, e oh! Como é feliz e contente. Quererá ser erudito, sábio? Esta Mãe Esperança contém em si as ciências mais sublimes, antes é a mestra de todos os mestres, e quem se deixa ensinar por ela, aprende a ciência da verdadeira santidade”.

(17) Em suma, a esperança nos dá tudo, de modo que, se alguém é fraco, lhe dará a força; se outro está manchado, a esperança instituiu os Sacramentos e ali preparou a lavagem das suas manchas; se sente fome e sede, essa piedosa Mãe dá-nos o alimento mais belo, mais saboroso, como são suas delicadíssimas Carnes e por bebida

seu preciosíssimo Sangue. O que mais essa pacífica mãe da esperança pode fazer? Quem se assemelhará a ela? Ah, só ela pôs em paz o Céu e a terra, a esperança uniu com ela a fé e a caridade e formou esse anel indissolúvel entre a natureza humana e a Divina. Mas quem é esta Mãe? Quem é esta esperança? É Jesus Cristo, que operou nossa Redenção e formou a esperança do homem perdido.

+ + + +

2-83

16 de Outubro de 1899

Expectativas. Jesus fala de castigos.

(1) Esta manhã, meu doce Jesus não vinha e desde ontem à noite não o vi, quando se fez ver com uma aparência que dava piedade e terror ao mesmo tempo, queria se esconder para não ver os castigos que Ele mesmo estava enviando às pessoas e o modo como deveria destruí-las. Oh Deus, que espetáculo tão devastador, jamais visto! Enquanto esperava e esperava, em meu interior ia dizendo: "Como é que não vem? Quem sabe Ele não venha talvez porque não me conformo à sua justiça, mas como posso fazê-lo? Parece-me quase impossível dizer "Fiat Voluntas Tua". Dizia também: "Ele não vem porque o confessor não o manda para mim." Agora, enquanto pensava nisso, quando apenas e quase vi sua sombra, disse-me:

(2) "Não temas, o poder dos sacerdotes é limitado. Somente na medida em que eles estão dispostos a pedir-me que venha a ti e oferecer-te para fazer-te sofrer com a finalidade de conseguir que perdoe as pessoas, então quando Eu enviar os castigos, os curarei e os libertarei, mas se eles não tiverem qualquer pensamento, tampouco Eu terei consideração por eles".

(3) Dito isso, desapareceu, deixando-me em um mar de aflição e lágrimas.

+ + + +

2-84

21 de Outubro de 1899

Os bens terrenos devem servir para a santificação, não para serem ídolos para o homem. Causa dos castigos.

(1) Depois de haver passado dias amarguíssimos de privação, sentia-me cansada e sem forças, embora oferecesse essas mesmas penas dizendo: “Senhor, Tu sabes quanto me custa estar privada de Ti, mas me resigno à tua Santa Vontade, oferecendo essa pena amarguíssima como meio para testemunhar meu amor e aplacar-te. Esses tédios, aborrecimentos, fraquezas, friezas que sinto, tenho intenção de enviá-los a Ti como mensageiros de louvores e reparações por mim e por todas as criaturas. Isso tenho e isso te ofereço. É verdade que Tu aceitas o sacrifício de boa vontade quando te é oferecido o que se pode sem reserva alguma, mas vem, porque não posso mais”.

(2) Muitas vezes me vinha a tentação de conformar-me à justiça e pensava que a causa pela qual não vinha era eu mesma, porque quando Jesus, nos dias passados me havia dito que se não me conformasse, o obrigaria a não vir, e a não me dizer mais nada para não me deixar descontente. Porém, não tinha ânimo de fazê-lo, muito mais porque a obediência não o consentia. Enquanto me encontrava entre essas amarguras, primeiro veio uma luz, com uma voz que dizia:

(3) “À medida que o homem se intromete nas coisas terrenas, assim se afasta e perde a estima dos bens eternos. Eu dei as riquezas para que se sirvam delas para sua santificação, porém se serviram delas para me ofender e formar um ídolo para seus corações, e Eu destruirei as pessoas e as riquezas junto com elas”.

(4) Depois disso, vi meu amadíssimo Jesus, mas tão sofrido, ofendido e zangado com as pessoas, que causava terror. De repente, comecei a dizer-lhe: “Senhor, ofereço-te as tuas Chagas, o teu sangue, o santíssimo uso dos teus santíssimos sentidos que fizeste no curso da tua vida mortal, para reparar-te as ofensas e o mau uso dos sentidos que fazem as criaturas”.

(5) E Jesus, com uma expressão séria e quase zangado, disse:

(6) “Tu sabes como chegaram a ser os sentidos das criaturas? Como aqueles rugidos das feras ferozes, que com seus rugidos afastam os homens em vez de atraí-los. É tanta a podridão e a multiplicidade das culpas que saem de seus sentidos, que me obrigam a fugir.”

(7) E eu: “Ah! Senhor, como eu te vejo enojado. Se Tu queres continuar mandando castigos, eu quero ir para o Céu, ou então quero sair deste estado. Em que se aproveita estar nele se já não posso mais oferecer-me como vítima para libertar as pessoas? E Ele, falando-me sério, tanto que me sentia apavorada, disse-me:

(8) “Tu queres tocar os dois extremos, ou que Eu não faça nada, ou que tu queiras vir. Não te contentas que as pessoas sejam perdoadas em parte? Acreditas tu que Corato seja o melhor e o que menos me ofende? E que Eu o tenha perdoado em parte em comparação com as outras cidades não é coisa de nada? Por isso, contenta-te e acalma-te, e enquanto Eu me ocupo em castigar as pessoas, tu acompanha-me com teus suspiros e com teus sofrimentos, pedindo-me que os mesmos castigos sirvam para a conversão dos povos.”

+ + + +

2- 85

22 de Outubro de 1899

A cruz, um caminho cravejado de estrelas.

(1) Jesus continua se fazendo ver aflito. Assim que veio, jogou-se em meus braços, todo exausto como se quisesse um alívio. Compartilhou um pouco de seus sofrimentos comigo e depois me disse:

(2) “Minha filha, o caminho da Cruz é um caminho cheio de estrelas, conforme se caminha, essas estrelas se transformam em sóis luminosíssimos. Que felicidade será para a alma por toda a eternidade estar rodeada por esses sóis? Além disso, o grande prêmio que dou à cruz é tal que não há medida, nem de comprimento nem de largura, é quase incompreensível para as mentes humanas, e isso porque ao suportar as cruces não pode haver nada de humano, mas tudo divino”.

+ + + +

2-86

24 de Outubro de 1899

O homem é uma reprodução do Ser Divino.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus veio e me transportou para fora de mim mesma, no meio das pessoas, e parecia que Jesus olhava com olhos de compaixão para as criaturas, e os mesmos castigos apareciam como sua infinita misericórdia, saída do mais íntimo de seu coração amorosíssimo; então, voltando-se para mim, disse-me:

(2) "Minha filha, o homem é uma reprodução do Ser Divino, e como nosso alimento é o amor, sempre recíproco, conforme e constante entre as Três Pessoas Divinas, por isso, o homem havendo saído de nossas mãos e do amor puro e desinteressado, é como uma partícula de nosso alimento. No entanto, essa partícula tornou-se amarga; não só isso, mas a maior parte, separando-se de Nós, fez-se pasto das chamas infernais e alimento do ódio implacável dos demônios, nossos e seus inimigos capitais. Eis aqui a principal causa do nosso descontentamento pela perda das almas: Porque são nossas, são coisa que nos pertence; e também a causa que me empurra a castigá-los é o grande amor que tenho por eles, para poder salvar suas almas".

(3) E eu: "Ah! Senhor, parece que desta vez não tens outras palavras a dizer além de castigos, o teu Poder tem tantos outros meios para salvar essas almas. E também, se tivesse certeza de que todos os castigos cairiam sobre eles e Tu ficarias livre, sem sofrer neles, eu me contentaria, mas vejo que já estás sofrendo muito por esses castigos que tens mandado, que será se continuas mandando outros castigos"?

(4) E Jesus: "Apesar de tudo o que sofro, o amor me obriga a enviar flagelos mais pesados, e isso porque não há meio mais potente para fazer o homem entrar em si mesmo e dar-lhe a conhecer o que é seu ser, que fazer que veja a si mesmo desfeito; os outros meios parece que o robustecem mais, por isso conforma-te à minha justiça. Vejo bem que o amor que me tens é o que te empurra a não conformar-te Comigo e não tens coração para ver-me sofrer. Porém, minha Mãe também me amou mais do que todas as criaturas, tanto que nenhuma outra jamais poderá igualá-la, no entanto, para salvar as almas conformou-se à justiça e contentou-se em me ver sofrer tanto. Se minha mãe fez isso, como não o poderias fazer tu?"

(5) E no momento em que Jesus falava, sentia-me atraindo tanto minha vontade à sua, que quase não sabia resistir a conformar-me com a sua justiça, não sabia o que dizer, de tão convencida que me sentia. No entanto, não manifestei minha vontade. Jesus desapareceu e eu fiquei nessa dúvida, se devo ou não conformar-me.

+ + + +

2-87

25 de Outubro de 1899.

Jesus fala de seu grande amor pelas criaturas.

(1) Meu dulcíssimo Jesus continua manifestando-se quase sempre igual. Esta manhã acrescentou:

(2) “Minha filha, é tanto o amor pelas criaturas que como um eco ressoa nas regiões celestiais, enche a atmosfera e se difunde sobre toda a terra. Mas qual é a correspondência que as criaturas dão a esse eco amoroso? Ai! Correspondem-me com um eco de ingratidão, venenoso, cheio de todo tipo de amarguras e de pecados, com um eco quase assassino, apto somente para ferir-me. Porém Eu despovoarei a face da terra, a fim de que esse eco cheio de veneno não atordoie mais meus ouvidos.”

(3) E eu: “Ah! Senhor, o que dizes?”

(4) E Jesus: "Eu não faço mais do que um médico piedoso, que tem os remédios extremos para seus filhos, e estes filhos estão cheios de chagas, o que faz esse pai e médico que ama seus filhos mais do que a própria vida? Deixará que se gangrenem essas feridas? Os deixará morrer por medo de que, aplicando o fogo e os instrumentos, eles sofram? Não, jamais. Embora ele sinta como se tivessem aplicado tais instrumentos sobre ele, com tudo isso pegará os instrumentos, rasgará e cortará as carnes, aplicará o remédio, o fogo, para impedir que a corrupção avance mais. Embora muitas vezes acontece que nessas operações os pobres filhos morrem, mas essa não era a vontade do pai médico, mas sua vontade era vê-los curados. Assim sou Eu, firo para curá-los, destruo a eles para ressuscitá-los. Que muitos pereçam, não é essa a minha Vontade, este é o efeito da sua vontade malvada e obstinada, é o efeito deste eco venenoso que, até não verem-se destruídos, querem enviá-lo a Mim”.

(5) E eu: "Diga-me, meu único Bem, como poderia adoçar-te este eco venenoso que tanto te aflige?"

(6) E Ele: “O único meio é que tu faças sempre todas as tuas obras com a única finalidade de agradar-me e que uses todos os teus sentidos e potências com a finalidade de amar-me e glorificar-me. Faça com que cada pensamento teu, palavra e tudo mais, não queira outra coisa que o amor que tens para Mim, assim teu eco subirá agradável ao meu trono e adoçará meu ouvido”.

+ + + +

28 de Outubro de 1899.

Quem és tu e quem sou Eu?

(1) Esta manhã meu amável Jesus veio em meio de uma luz, e olhando-me como se me penetrasse por todos os lados, tanto que me senti aniquilada, disse-me:

(2) “Quem sou Eu, e quem és tu?”

(3) Essas palavras me penetravam até a medula dos ossos e descobria a infinita distância que há entre o Infinito e o finito, entre o Tudo e o nada; e não só isso, mas também descobria a malícia desse nada e a maneira como se havia enlameado, parecia-me um peixe que nada nas águas, assim minha alma nadava na podridão, nos vermes e em tantas outras coisas aptas somente para causar horror à vista. Oh Deus, que visão tão abominável! Minha alma queria fugir da vista do Deus três vezes Santo, mas com duas outras palavras Ele me atou: “Qual é o meu amor por ti? Qual é a tua correspondência para Mim?”

(4) Agora, enquanto na primeira palavra eu quis fugir assustada por sua presença, na segunda palavra, “qual é o meu amor por ti?”, eu me encontrei abismada, atada por todos os lados por seu amor, de modo que minha existência era um produto de seu amor e, se esse amor cessasse, eu não existiria mais. Então, parecia-me que as batidas do coração, a inteligência e até a respiração eram todas uma reprodução do seu Amor, eu nadava n’Ele e até o querer fugir parecia-me impossível, porque o seu amor me rodeava por todos os lados. Meu amor parecia-me como uma gotinha de água lançada no mar, que desaparece e não se pode distinguir mais.

(5) Quantas coisas compreendi, mas se quisesse dizer todas, eu me estenderia demais. Então Jesus desapareceu e eu fiquei toda confusa, via-me toda pecado e em meu interior implorava perdão e misericórdia. Pouco depois, meu único Bem regressou e eu me senti toda banhada pela amargura e pela dor dos meus pecados, e Ele me disse:

(6) "Minha filha, quando uma alma está convencida de que fez mal ao ofender-me, já faz o ofício da Madalena que banhou meus pés com suas lágrimas, ungiu-os com bálsamo e enxugou-os com seus cabelos. A alma, quando começa a ver em si mesma o mal que fez, prepara um banho para minhas Chagas. Vendo o mal, sente amargura e prova a dor, e com isso vem ungir minhas Chagas com um bálsamo delicioso. Por esse conhecimento, a alma quisera fazer

uma reparação, e vendo a ingratidão passada, sente nascer nela o amor por um Deus tão bom e quisera dar sua vida para testemunhar seu amor, e isso são os cabelos, que, como tantas correntes de ouro, a unem a meu amor."

+ + + +

2-89

29 de Outubro de 1899.

Jesus a leva nos braços e a instrui.

(1) Meu adorável Jesus continua vindo, mas esta manhã, assim que veio, tomou-me em seus braços e me transportou para fora de mim mesma, e eu, encontrando-me naqueles braços, compreendia muitas coisas e especialmente que para poder estar livremente nos braços de Nosso Senhor e também entrar com êxito em seu Coração e sair d'Ele como a alma queira, e para não ser peso e aborrecimento para o bendito Jesus, é absolutamente necessário despojar-se de tudo. Portanto, com todo o coração lhe disse: "Meu amado e único Bem, o que te peço para mim é que me despojes de tudo, porque vejo bem que para ser revestida por Ti e viver em Ti, e que Tu vivas em mim, é necessário que eu não tenha nem sequer a sombra do que não te pertence". E Ele, todo bondoso, me disse:

(2) "Minha filha, a coisa principal para que Eu entre numa alma e forme nela a minha morada, é o desapego total de todas as coisas. Sem isso, não só não posso habitar nela, mas nem mesmo qualquer virtude pode residir na alma. Depois que a alma fez sair tudo de si, então Eu entro nela e unido com a vontade da alma construímos uma casa, os alicerces dessa casa são baseados na humildade, e quanto mais profundos sejam, mais altos e fortes resultam os muros. Esses muros serão fabricados com pedras de mortificação, cobertos com o mais puro ouro da caridade. Depois que foram construídos os muros, Eu, como um pintor excelentíssimo, não com cal e água, mas com os méritos de minha Paixão, simbolizados pela cal, e com as cores do meu Sangue, simbolizadas pela água, os cubro e neles formo as mais excelentes pinturas, e isso serve para protegê-la bem das chuvas, das nevadas e de qualquer golpe. Imediatamente depois vêm as portas, e para fazer que essas sejam sólidas como madeira, não sujeitas à traça, é necessário o silêncio, que forma a morte dos sentidos exteriores. Para guardar esta casa é necessário um guardião

que vigie por todos os lados, por dentro e por fora, e este é o santo temor de Deus, que a guarda de qualquer inconveniente, vento ou qualquer outra coisa que possa ameaçá-la. Esse temor será a salvaguarda dessa casa, que fará a alma agir não por temer o castigo, mas por temor de ofender o dono dessa casa. Este santo temor deve fazer com que tudo seja feito para agradar a Deus, sem nenhuma outra intenção. Em seguida, deve-se adornar essa casa e enchê-la de tesouros, esses tesouros não devem ser outra coisa que desejos santos, lágrimas; esses eram os tesouros do Antigo Testamento e neles encontraram a sua salvação, no cumprimento dos seus votos a sua consolação, a força nos sofrimentos; Em suma, baseavam toda a sua fortuna no desejo do futuro Redentor e nesse desejo agiam como atletas. A alma sem desejo age quase como morta; até as próprias virtudes, tudo é tédio, aborrecimento, animosidade, nada lhe agrada, caminha quase rastejando pelo caminho do bem. Ao contrário, a alma que deseja, nenhuma coisa lhe causa peso, tudo é alegria, ela voa, nas próprias penas encontra seus gostos, e isso porque havia um desejo antecipado, e as coisas que primeiro se desejam, depois vêm a amar-se, e amando-se, encontram os prazeres mais agradáveis. Por isso, esse desejo deve acompanhar a alma desde antes dessa casa ser construída.

(3) Os adornos dessa casa serão as pedras mais preciosas, as pérolas, as gemas mais caras da minha Vida, baseada sempre no sofrimento e no sofrimento puro; e como Aquele que a habita é o doador de todo o bem, põe nela o enxoval de todas as virtudes, perfuma-a com os mais suaves aromas, semeia as flores mais encantadoras e perfumadas, faz soar uma música celestial das mais agradáveis, faz respirar um ar de Paraíso.

(4) Esqueci-me de dizer que se necessita ver se há paz doméstica, e esta não deve ser senão o recolhimento e o silêncio dos sentidos interiores”.

(5) Depois disso, eu continuava nos braços de Nosso Senhor e me encontrava despojada de tudo. Enquanto estava nisso, via o confessor presente e Jesus me disse, mas me parecia que ele queria fazer uma brincadeira para ver o que eu diria:

(6) "Minha filha, tu te despojaste de tudo e tu sabes que quando alguém se despoja, é preciso outra pessoa que pense em vesti-lo, em alimentá-lo e que lhe dê um lugar para morar. Tu, onde queres estar, nos braços do confessor ou nos meus?"

(7) E enquanto dizia isso, tentava colocar-me nos braços do confessor. Eu comecei a insistir que não queria ir, e Ele que sim, queria. Depois de um pouco de disputa, disse-me:

(8) "Não temas, te tenho em meus braços."

(9) E assim ficamos em paz.

+ + + +

2-90

30 de Outubro de 1899.

Ameaça de castigos. Não se conforma à Justiça.

(1) Esta manhã meu benigno Jesus veio todo aflito, e as primeiras palavras que me disse foram:

(2) "Pobre Roma, como serás destruída! Ao ver-te, Eu me compadeço de ti!"

(3) E o dizia com tal ternura que dava compaixão; mas não entendi se serão só as pessoas ou também os edifícios. Eu, como tinha a obediência de não conformar-me à justiça, mas de rezar, por isso lhe disse: "Meu amado Jesus, quando se fala de castigos, não há mais necessidade de se opor, apenas rezar". E assim comecei a rezar, a beijar suas Chagas e a fazer atos de reparação. E enquanto fazia isto, Ele me dizia de vez em quando:

(4) "Minha filha, não me faças violência, fazendo isto tu queres forçar-me, então fica quieta."

(5) E eu: "Senhor, é a obediência que assim o quer, não sou eu que quero."

(6) Ele acrescentou: "O rio da iniquidade é tão grande que chega a impedir a redenção das almas, e somente a oração e minhas Chagas impedem que este rio impetuoso as arraste a todas nele".

+ + + +

Deo Gratias.

Nihil obstat Canônico
Annibale M. Di Francia
Eccl.

Imprimatur
Arcebispo Giuseppe M. Leo
Outubro de 1926



www.terceirofiat.com.br